

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS EM GESTÃO E TECNOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA DE PRODUÇÃO

Larissa Rochel Vieira

**ENTENDENDO O VEGANISMO NO CONTEXTO DE TRANSIÇÕES PARA A
SUSTENTABILIDADE: UMA INVESTIGAÇÃO DE ATORES E PRÁTICAS
ORGANIZACIONAIS**

Sorocaba

2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS EM GESTÃO E TECNOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA DE PRODUÇÃO

Larissa Rochel Vieira

**ENTENDENDO O VEGANISMO NO CONTEXTO DE TRANSIÇÕES PARA A
SUSTENTABILIDADE: UMA INVESTIGAÇÃO DE ATORES E PRÁTICAS
ORGANIZACIONAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção para obtenção do título de Mestre em Engenharia de Produção.

Orientação: Prof. Dra. Patrícia Saltorato

Sorocaba

2022

Vieira, Larissa Rochel

Entendendo o veganismo no contexto de transições para a sustentabilidade: uma investigação de atores e práticas organizacionais / Larissa Rochel Vieira -- 2022. 116f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba, Sorocaba

Orientador (a): Patrícia Saltorato

Banca Examinadora: Márcio Rogério Silva, Tiago Fonseca Albuquerque Cavalcanti Sigahi

Bibliografia

1. Veganismo. 2. Movimento vegano. 3. Sustentabilidade.

I. Vieira, Larissa Rochel. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática (SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Maria Aparecida de Lourdes Mariano - CRB/8 6979



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Ciências em Gestão e Tecnologia
Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção

Folha de Aprovação

Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Larissa Rochel Vieira, realizada em 15/12/2022.

Comissão Julgadora:

Profa. Dra. Patrícia Saltorato (UFSCar)

Prof. Dr. Tiago Fonseca Albuquerque Cavalcanti Sigahi (UNICAMP)

Prof. Dr. Márcio Rogério Silva (UFSCar)

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção.

AGRADECIMENTO

Agradeço aos meus pais, por todo suporte durante minha trajetória acadêmica e por compreenderem minhas ausências; aos meus amigos, pela força e companhia diária que me ajudaram a perseverar, e à minha orientadora, por ter abraçado minha ideia e me guiado durante esse processo.

RESUMO

VIEIRA, Larissa Rochel. Entendendo o veganismo no contexto de transições para a sustentabilidade: uma investigação de atores e práticas organizacionais. 2022. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2022.

O veganismo luta pelo fim da exploração animal nos vários setores da sociedade em que ela está presente, como a alimentação, o entretenimento, em roupas, ingredientes e testes para cosméticos e produtos de higiene, entre outros, buscando encontrar alternativas mais amigáveis para os animais, pessoas e ambiente. Justamente por essa diversidade de usos, o veganismo apresenta várias frentes de atuação que são geralmente tratadas de forma individualizada em estudos e ações. Além disso, essa multiplicidade não permite uma associação automática com a sustentabilidade. Assim, o objetivo dessa pesquisa foi obter um panorama do campo de estudos e de atuação do veganismo e sua associação com a sustentabilidade, a fim de se entender quais visões direcionam esse movimento, quais os atores envolvidos e como eles atuam. Para isso, foram utilizados os conceitos associados a *Sustainability Transitions* para abordagem do tema. Num primeiro momento, foi realizada uma revisão sistemática da literatura sobre veganismo e sustentabilidade a fim de se consolidar esse campo de estudos e verificar os principais temas discutidos e as lacunas de pesquisa. A partir dessa revisão, foi possível identificar os temas mais carentes de estudos e a partir disso resolveu-se seguir a pesquisa com o estudo de organizações atuantes no Brasil que defendem o veganismo. Desses dois estudos, foi possível perceber que há uma associação entre veganismo e sustentabilidade, principalmente quando ele se une a outros movimentos como aqueles por justiça ambiental e social, além do próprio fim da exploração animal ser apontado como um fator contribuinte para melhoria de vários aspectos nesse meio. Além disso, foram identificados vários grupos atuantes no movimento, como organizações não governamentais (ONGs) que buscam a expansão do mesmo, governos que são pressionados por leis a favor dos animais, celebridades e influenciadores que utilizam seu alcance para difundir a causa, empresas que até certo ponto são pressionadas e em parte se aproveitam para criar um nicho de mercado para produtos vegetais, o meio acadêmico, que impulsiona o movimento com estudos relacionados a ele, e a sociedade, a qual outros atores tentam alterar percepções sobre os animais para mudar a forma como são tratados e que também possui um papel ativo ao incluir aspectos do veganismo, como a alimentação, no seu cotidiano e com isso fortalecer as demandas dele.

Palavras-chave: veganismo, ética animal, sustentabilidade, *sustainability transitions*, desenvolvimento sustentável, direitos animais, defesa dos animais, consumo sustentável.

ABSTRACT

The veganism defends the end of animal exploitation in the various society sectors in which it is present, such as food, entertainment, in clothing, ingredients and testes for cosmetics and hygiene products, among others. It seeks to find more friendly alternatives for animals, people, and the environment. Because of this variety of uses, veganism presents several actions fronts that are usually treated in an individual way in studies and actions. Besides that, this multiplicity does not allow an automatic association between veganism and sustainability. Thus, this research aimed to obtain an overview of the studies and actions in the field of veganism and its association with sustainability, in order to understand which views guide this movement, the actors involved and how they act. For this, the concepts related to sustainability transitions were used to approach the theme. At first, a systematic literature review of veganism and sustainability was carried out to consolidate this study field and verify the main topics discussed and research gaps. From this review, it was possible to identify the themes that need more studies. From there, it was decided to continue the research with organizations that defends the veganism in Brazil. From both studies, it was possible to realize that there is an association between veganism and sustainability, especially when veganism is treated together with other movements like the ones for environmental and societal justice. The very end of animal exploitation is also considered a factor that improves several aspects in the environment and societal fields. In addition, several groups active in the movement were identified, such as NGOs that seek to expand the movement; government that are pressured for legislations in favor of animals; celebrity and influencers who use their reach to spread the cause; companies that are pressured to some extent and partly take advantage of it to create a niche market for plant products; the academic field, which drives the movement with studies related to it; and society, which other actors try to change perceptions about animals to change the way they are treated, and who also play an active role in including aspects of veganism, such as food, in their daily lives and thereby strengthening their demands.

Keywords: veganism, animal ethics, sustainability, sustainability transitions, sustainable development, animal rights, animal defense, sustainable consumption.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Procedimentos adotados na busca e seleção de artigos.....	18
Figura 2: Fluxograma das etapas da pesquisa	54
Figura 3: Rede Gephi - parte 1	57
Figura 4: Rede <i>Gephi</i> - parte 2	57
Figura 5: Rede Gephi - parte 3	59
Figura 6: Rede <i>Gephi</i> - parte 4	59
Figura 7: Rede <i>Gephi</i> - parte 5	60
Figura 8: Rede Gephi - parte 6	61
Figura 9: Rede Gephi - parte 7	62
Figura 10: Classes e suas palavras representativas da CHD	63
Figura 11: Distribuição das palavras por classe no plano fatorial.....	65
Figura 12: Distribuição de variáveis no plano fatorial	66
Figura 13: Classes e suas palavras representativas da CHD para os projetos analisados	67
Figura 14: Distribuição das palavras por classe no plano fatorial para os projetos analisados	70
Figura 15: Distribuição de variáveis no plano fatorial	71

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Temas sugeridos pela STRN para discussão de transições	17
Quadro 2: Expressões de busca	18
Quadro 3: Motivadores e facilitadores para a transição	27
Quadro 4: Barreiras para a transição	28
Quadro 5: Benefícios ao ambiente de dietas ou alimentos à base de plantas.....	31
Quadro 6: Temas sugeridos pela STRN para discussão de transições	54
Quadro 7: Organizações selecionadas para análise	55
Quadro 8: Organizações por cluster	72

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANDA – Agência de Notícias de Direitos Animais

FALA – Frente de Ações para a Libertação Animal

MFA – *Mercy For Animals*

MLP – *Multi-Level Perspective*

ONU – Organizações das Nações Unidas

PETA – *People for the Ethical Treatment of Animals*

SNM – *Strategic Niche Management*

STRN – *Sustainable Transitions Research Network*

SVB – Sociedade Vegetariana Brasileira

TIS – *Technological Innovation System*

TM – *Transition Management*

UVA – União Vegana de Ativismo

SUMÁRIO

1. Introdução.....	12
2. Artigo 1.....	14
2.1 Introdução	14
2.2 Materiais e métodos	16
2.3 Resultados e discussão.....	19
2.3.1 Temas de pesquisa	19
2.3.1.1 Entendendo transições.....	19
2.3.1.2 Poder e política em transições	20
2.3.1.3 Governando transições	23
2.3.1.4 Sociedade civil, cultura e movimentos sociais em transições.....	26
2.3.1.5 Organizações e indústrias em transições	29
2.3.1.6 Transições na prática e na vida cotidiana.....	31
2.3.1.7 Geografia de transições: espaços, escalas e locais	34
2.3.1.8 Aspectos éticos de transições	36
2.4 Conclusões	37
3 Artigo 2.....	49
3.1 Introdução	49
3.2 Materiais e métodos	51
3.3 Resultados e discussão.....	55
3.3.1 Caracterização das organizações	55
3.3.2 Espaço social do veganismo no brasil	56
3.3.3 Análise das organizações e seus projetos	63
3.3.3.1 Análise dos propósito das organizações	63
3.3.3.2 Projetos desenvolvidos pelas organizações	67
3.4 Discussão: organizações em prol do veganismo no contexto de transições para a sustentabilidade	73
3.4.1 Poder e política em transições	73
3.4.2 Governando transições	74
3.4.3 Sociedade civil, cultura e movimentos sociais em transições	76
3.4.4 Organizações e indústrias em transições para a sustentabilidade ..	76
3.4.5 Transições na prática e na vida cotidiana.....	77
3.4.6 Geografia de transições: espaços, escalas, locais	77
3.4.7 Aspectos éticos de transições: distribuição, justiça, pobreza	78
3.5 Conclusões	78
4 Conclusões/Considerações finais	83
REFERÊNCIAS	85
APÊNDICE 1 – Corpus IRAMUTEQ Organizações	96
APÊNDICE 2 – Corpus IRAMUTEQ projetos das organizações	103

1. INTRODUÇÃO

Uma das discussões inseridas no âmbito da sustentabilidade é a produção e o consumo de carnes e outros derivados animais. A transição de dietas à base de carne para aquelas à base de plantas, ou o aumento do consumo desse último tipo de alimento em detrimento do primeiro são apontados como fatores que melhoram tanto aspectos relacionados à sustentabilidade quanto à saúde das dietas (GRAÇA; GODINHO; TRUNINGER, 2019; TAUFIK et al., 2019).

Considerando o tripé da sustentabilidade, uma dieta livre de derivados animais apresenta benefícios aos três aspectos contidos nele. No aspecto ambiental, essa dieta apresenta o maior potencial para a redução da emissão de gases de efeito estufa e do uso da terra para agricultura (HALLSTRÖM; CARLSSON-KANYAMA; BÖRJESSON, 2015). No aspecto social, consumir carnes impacta negativamente a saúde tanto individual quanto pública, com fatores como o risco de doenças cardiovasculares e alguns tipos de câncer, a transmissão de vírus de animais para humanos (GONZÁLEZ et al., 2020) e o aumento da vulnerabilidade de comunidades, principalmente não brancas e pobres, perto das quais majoritariamente se localizam grandes instalações de confinamento de animais (MIRABELLI et al., 2006; WING; COLE; GRANT, 2000). Do ponto de vista econômico, a dieta seguida por veganos apresenta os maiores benefícios se comparada a outras com redução do consumo de derivados animais, na ordem de \$ 1,067 trilhão por ano de custos diretos e indiretos com saúde que seriam evitados e \$ 570 bilhões por ano em benefícios ambientais estimados pelo custo social do carbono (SPRINGMANN et al., 2016).

Além dos aspectos relacionados ao ambiente e à saúde do consumo de carnes e derivados animais, outro também tem se destacado: a preocupação com o uso e bem-estar de animais. A contestação do consumo de carne e o incentivo aos seus substitutos à base de plantas iniciada por vegetarianos e veganos foi essencial para a ascensão do mercado de produtos vegetais (TZIVA et al., 2020). No entanto, ao tratarmos do veganismo, esse não é o único aspecto a ser considerado, uma vez que os veganos tem um tipo de consumo reflexivo no qual vão contra qualquer tipo de exploração animal, seja como fonte de alimentos ou componentes de produtos ou processos manufaturados, como cosméticos e roupas, além do uso de animais em práticas como trabalho forçado, vivissecção e entretenimento (TRIGUEIRO, 2013).

Dessa forma, ao se falar de veganismo e sua ligação com a sustentabilidade nos deparamos com um espaço muito mais complexo do que apenas a alimentação à base de plantas, que necessita de um estudo mais detalhado. Assim, o objetivo geral dessa pesquisa é obter um panorama do campo de discussão do veganismo na sociedade e sua intersecção com a sustentabilidade, com seus principais temas, atores, interações, concordâncias e conflitos. De forma específica, pretende-se integrar e sintetizar as discussões já existentes na literatura sobre esse tema. E com essa base teórica obtida, entender o funcionamento desse fenômeno no contexto brasileiro. Espera-se que a identificação desses fatores possibilite um melhor entendimento sobre o tema e que isso possa auxiliar na construção de novas possibilidades de pesquisa e de ações.

Para se tratar essa relação entre veganismo e sustentabilidade, foram utilizados conceitos do campo de estudo de transições para a sustentabilidade, da *Sustainability Transitions Research Network* (STRN), pela qual transições sustentáveis são mudanças radicais em sistemas sociotécnicos, que buscam alterar padrões de produção e consumo para aqueles mais sustentáveis e que envolvem várias dimensões e atores (KÖHLER et al., 2019).

Para se alcançar objetivos propostos, em um primeiro momento foi realizada uma revisão sistemática da literatura existente sobre veganismo e sustentabilidade a fim de se obter o status da produção científica atual sobre o tema e se identificar oportunidades de pesquisa, que pode ser vista no tópico 2 da dissertação. A partir dessa revisão, foi possível verificar que a maior parte dos artigos sobre o tema abordam a questão da alimentação e discutem o assunto no âmbito individual. Apesar disso, muitos outros assuntos surgiram na revisão e puderam ser consolidados. Para esses assuntos, foram levantados também vários atores e interações entre eles já identificados nas pesquisas.

A partir dos resultados dessa revisão, foram determinados os caminhos para continuidade da pesquisa. Uma vez que foi identificado que um dos temas carentes de estudo e pouco estruturado dentro do veganismo foi a concepção dele como um movimento, optou-se por seguir com o estudo de organizações coletivas que ajudam a moldar o veganismo como um movimento social, considerando o cenário brasileiro. Com essa pesquisa, presente no tópico 3 da dissertação, foi possível identificar e caracterizar várias das interações entre atores identificadas na revisão sistemática e verificar como funciona o espaço social formado por eles, além de se observar as várias pautas defendidas pelo movimento vegano, e de que formas ele é associado à sustentabilidade.

2. ARTIGO 1

Entendendo o veganismo como uma transição sustentável: uma revisão sistemática da
literatura
Resumo

Os animais são utilizados de várias formas e em vários setores da sociedade. Contrário a isso, o veganismo defende o fim da exploração animal e o uso de alternativas mais benéficas não só para os animais, mas também para as pessoas e o meio ambiente. Porém, essa diversidade de setores em que os animais são explorados faz com que o campo de estudo sobre o veganismo torne-se disperso e de difícil visão sistêmica. Além disso, existem várias formas de se entender e praticar o veganismo e não necessariamente todas elas carregam essa consideração com o meio ambiente e as pessoas, e de forma geral, com a sustentabilidade. Por esses motivos, foi realizada uma revisão sistemática da literatura a fim de se identificar e consolidar os principais temas discutidos sobre o veganismo, com a tentativa de inseri-los no contexto da sustentabilidade. Para ajudar nisso, foram utilizados os conceitos relacionados a *sustainability transitions* para estudo de transições, posicionando o veganismo como uma transição para a sustentabilidade que busca alterar os padrões de produção e consumo nos vários setores que se utilizam de animais. Com a revisão, foi possível identificar vários temas centrais que estão sendo discutidos paralelamente para difusão do veganismo, como a visão antropocêntrica que a sociedade possui dos animais, as barreiras culturais para sua aceitação, todos os atores e seus papéis na transição. Porém também foi percebido que a maior parte dos estudos focaram apenas no aspecto da alimentação à base de plantas dentre os tantos que integram o veganismo, e que as mudanças são geralmente tratadas no âmbito do indivíduo e não da sociedade, sendo necessário explorar de outras formas o tema. Por último, ao se utilizar os conceitos de *sustainability transitions*, foi possível posicionar o veganismo nesse campo de estudos e com isso possibilitar novas oportunidades de pesquisa que envolvam esses temas.

Palavras-chave: veganismo, ética animal, *sustainability transitions*, revisão sistemática.

2.1 INTRODUÇÃO

São muitas as áreas que utilizam animais de alguma forma na sociedade, seja para alimentação, entretenimento, experimentação, entre outros. Nessas áreas, convivem uma série de fatores tecnológicos e culturais que justificam essa utilização. Um movimento que

justamente questiona esse fato é o veganismo, que segundo sua mais antiga definição, proposta pela *The Vegan Society*, é uma filosofia de vida que procura excluir todas as formas de exploração animal, como para alimentação e vestuário, e busca alternativas para o uso de animais que sejam benéficas para os animais, as pessoas, e o meio ambiente (THE VEGAN SOCIETY, 1979).

Apesar de predominantes, os motivos relacionados aos animais não são os únicos presentes ao se aderir ao veganismo. A maior parte das pessoas é guiada por um conjunto de motivos, que inclui também aspectos relativos ao meio ambiente e a elas mesmas, como saúde e bem estar (JANSSEN et al., 2016). De fato, o conceito de ética animal aparece como fator inicial mais comum para se aderir ao veganismo, mas outros fatores como meio ambiente e saúde passam a integrar o discurso algum tempo após a mudança no estilo de vida (TWINE, 2017).

Essa pluralidade de razões permite que o veganismo seja por vezes associado a padrões mais sustentáveis de produção e consumo na sociedade, associação que é feita principalmente na área da alimentação. Na área ambiental, uma dieta que evita todos os produtos derivados de animais apresenta o maior potencial para a redução da emissão de gases de efeito estufa e do uso da terra para agricultura (HALLSTRÖM; CARLSSON-KANYAMA; BÖRJESSON, 2015). Se tratando do aspecto social, o consumo de carnes apresenta impactos negativos para a saúde tanto individual quanto pública, como o risco de doenças cardiovasculares e alguns tipos de câncer, a transmissão de vírus de animais para humanos (GONZÁLEZ et al., 2020) e o aumento da vulnerabilidade de comunidades, principalmente não brancas e pobres, perto das quais majoritariamente se localizam grandes instalações de confinamento de animais (MIRABELLI et al., 2006; WING; COLE; GRANT, 2000). Do ponto de vista econômico, a dieta seguida por veganos apresenta os maiores benefícios se comparada a outras com redução do consumo de derivados animais, na ordem de \$ 1,067 trilhão por ano de custos diretos e indiretos com saúde que seriam evitados e \$ 570 bilhões por ano em benefícios ambientais estimados pelo custo social do carbono (SPRINGMANN et al., 2016).

No entanto, a alimentação não é o único aspecto a ser discutido ao se tratar de veganismo, além dela própria não ser homogênea dentro do movimento, sendo necessária uma visão mais sistêmica e integrada do veganismo para ser possível estabelecer uma relação dele com a sustentabilidade. A compreensão desse tema requer uma abordagem muito mais ampla, para englobar todos os aspectos e formas relacionados ao tratamento dos animais incluídos no

veganismo, que são geralmente discutidos de maneira individualizada e desconectada em estudos. Essa pesquisa se propõe a explorar esse panorama do veganismo e como ele tem sido associado a sustentabilidade, com a integração e síntese das várias áreas e atores já discutidos na literatura, para que seja possível identificar os temas e caminhos mais presentes na discussão e aqueles que necessitam de maior foco. Para tal, foi realizada uma revisão sistemática da literatura norteadas pela seguinte questão: quais são os principais temas, atores e seus papéis discutidos na transição sustentável para o veganismo e como eles se relacionam?

2.2 MATERIAIS E MÉTODOS

Uma revisão da literatura apresenta a possibilidade de consolidar um campo de conhecimento fragmentado ou disperso e até mesmo criar novos campos (PATRIOTTA, 2020). Em tópicos emergentes de estudo, como é o caso deste, a revisão integrativa ajuda a definir o estado da arte do campo e identificar lacunas e progressos (ELSBACH; VAN KNIPPENBERG, 2020). E quando feita de forma sistemática, ela ainda apresenta vantagens como aumentar o rigor e diminuir o viés do pesquisador (TRANFIELD; DENYER; SMART, 2003).

Esta revisão sistemática da literatura foi feita com base nas etapas propostas por Tranfield, Denyer e Smart (2003), sendo elas: planejamento da revisão, na qual se faz um estudo de escopo para delimitação do tema e se estabelece a questão e o protocolo da revisão, com a definição da população e amostra, estratégia de pesquisa e critérios para inclusão e exclusão de artigos; condução da revisão, onde se determinam as palavras-chaves e termos de pesquisa e se obtém a lista de artigos que serão estudados; e a divulgação dos resultados, na qual são realizadas análises da amostra de artigos selecionada (TRANFIELD; DENYER; SMART, 2003).

Na primeira etapa da revisão, o planejamento, foi identificada a lacuna existente na literatura em relação à consideração do conjunto de veganismo e sustentabilidade de forma mais ampla e coletiva e a forma como abordá-la. Assim, foi definido o tratamento da interface entre veganismo e sustentabilidade pelo conceito de transições para a sustentabilidade. Esse campo emergiu em 2010 pela *Sustainability Transitions Research Network* (STRN) e busca trazer uma natureza transdisciplinar para a pesquisa de padrões de produção e consumo mais sustentáveis em sistemas sociotécnicos (KÖHLER et al., 2019). As transições em sistemas sociotécnicos são caracterizadas por alterarem não só dimensões tecnológicas e estruturais de um sistema, mas também práticas dos usuários e estruturas culturais e regulatórias (MARKARD; RAVEN;

TRUFFER, 2012). O uso de animais está presente em vários sistemas sociotécnicos, por isso essa pesquisa resolveu utilizar o conceito do veganismo para explorar de forma mais ampla esses sistemas.

Essa abordagem foi considerada adequada para a pesquisa por ser indicada para mudanças radicais em sistemas com uma série de dimensões, elementos e atores (KÖHLER et al., 2019), dimensões como a tecnológica, material, organizacional, institucional, política, econômica e sociocultural, além de englobar o surgimento de novos produtos, serviços, modelos de negócios e organizações e alterar a forma como usuários percebem os serviços e tecnologias (MARKARD; RAVEN; TRUFFER, 2012). A STRN propõe nove temas para se entender diferentes aspectos de transições, explicados no quadro 1. Esses temas orientaram a discussão dos artigos selecionados, que foram lidos e classificados em um ou mais dos temas sugeridos. Optou-se por não explorar o tema de reflexões em metodologias para pesquisa por entender-se que ele não agregaria para o objetivo da revisão, de identificar os principais assuntos discutidos sobre o tema. Além disso, nesse primeiro estágio a busca foi definida para apenas artigos que tratassem diretamente de algum aspecto do veganismo, nos idiomas inglês e português, e das bases *Scopus* e *Web of Science*, devido a extensa cobertura e rigor na seleção de conteúdos a serem indexados (BAAS et al., 2020; SINGH et al., 2021).

Quadro 1: Temas sugeridos pela STRN para discussão de transições

Tema	Descrição
Entendendo transições	<i>Frameworks</i> teóricos utilizados em estudos do campo de <i>sustainability transitions</i> , como <i>Multi-Level Perspective (MLP)</i> , <i>Technological Innovation System approach (TIS)</i> , <i>Strategic Niche Management (SNM)</i> e <i>Transition Management (TM)</i>
Poder e política em transições	Entendimento das relações entre indivíduos ou grupos em transições, com atenção para aqueles que ganham e perdem na implementação de inovações e de quais visões de sustentabilidade direcionam a transição
Governando transições	Trabalho com governança e mudança institucional necessárias, com o envolvimento de vários atores e interações
Sociedade civil, cultura e movimentos sociais em transições	Papel da sociedade civil, movimentos sociais e cultura em transições, com destaque para a política e governança em transições, inovações de base e mudanças culturais
Organizações e indústrias em transições para a sustentabilidade	Engloba o papel de negócios em criar tecnologias e indústrias, facilitar mudanças institucionais e as tensões entre recém-chegados e os outros atores

Transições na prática e na vida cotidiana	Foca no papel de usuários e do consumo diário em transições
Geografia de transições: espaços, escalas, locais	Busca entender o como e porquê das semelhanças e diferenças de uma transição entre localidades e o papel de fatores relacionados ao espaço e escala como incentivadores ou inibidores da evolução de transições sustentáveis
Aspectos éticos de transições: distribuição, justiça, pobreza	Entendimento das questões éticas que emergem com as transições sustentáveis
Reflexões em metodologias para pesquisa em transições	Abordagens metodológicas utilizadas no estudo de transições para sustentabilidade, como o uso de estudos de casos e os dilemas entre particularidades e generalização, análise retrospectiva ou contemporânea, análises micro ou macro, redução ou articulação de temas e pesquisa engajada ou distante

Fonte: KÖHLER et al., 2019

No segundo estágio da revisão, a condução, foram determinadas as palavras chaves mais apropriadas para se encontrar artigos relevantes para o tema. Além de sustentabilidade e veganismo, os termos relacionados a último foram considerados para uma abrangência maior do assunto. Nesse sentido, os conceitos de “ética animal” (TWINE, 2017) e “direitos animais” (VINNARI et al., 2014) também integraram a busca. Apesar do termo “bem-estar animal” também estar relacionado, ele não foi utilizado na busca porque foi identificado de forma empírica que esse termo trazia artigos com uma perspectiva de melhora no tratamento dos animais para continuidade no uso deles, contrária ao foco da pesquisa. Além dos termos já citados, as palavras que definem a dieta seguida por veganos, a alimentação vegetariana ou a base de plantas também foi utilizada. No quadro 2, podem ser vistas as expressões de busca utilizadas em cada base.

Quadro 2: Expressões de busca

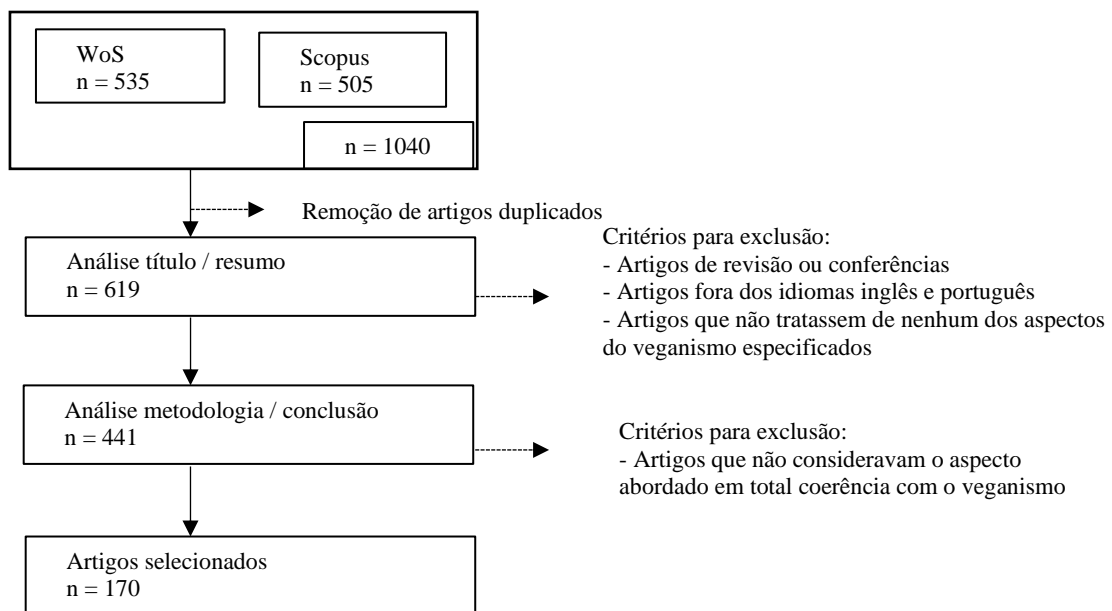
Base	Expressão de busca	Nº de artigos
Scopus	TITLE-ABS-KEY (vegan* OR vegetarian* OR "animal* right*" OR "animal* ethic*" OR (("plant-based" AND (diet* OR transition*))) AND (sustainab*)) AND (LIMIT-TO (DOCTYPE , "ar"))	505
Web of Science	TS = ((vegan* OR vegetarian* OR "animal* right*" OR "animal* ethic*" OR ("plant-based" AND (diet* OR transition*))) AND (sustainab*))	535

Fonte: elaborado pela autora

A busca nas bases selecionadas resultou em um total de 1040 artigos. Após a remoção de artigos duplicados, os 619 artigos restantes passaram para a etapa de leitura dos títulos e

resumos para seleção daqueles que se adequassem aos critérios determinados. Nessa etapa, os artigos selecionados tratavam de algum aspecto do veganismo, como o tratamento de animais em áreas ligadas à alimentação, entretenimento, testes, entre outros. Com isso, 441 artigos passaram para a etapa seguinte de leitura das metodologias e conclusões. Nessa etapa, foram excluídos aqueles artigos que não apresentavam total coerência com o veganismo, como a consideração de determinada parcela de derivados animais na dieta analisada, e o estudo da continuidade do uso de animais, mesmo que considerando aspectos de bem-estar ou ética animal. Com isso, foram selecionados 170 artigos para análise e discussão na revisão. A figura 1 exibe o processo de seleção de artigos.

Figura 1: Procedimentos adotados na busca e seleção de artigos



Fonte: Elaborada pela autora

2.3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

2.3.1 TEMAS DE PESQUISA

2.3.1.1 ENTENDENDO TRANSIÇÕES

Alguns artigos analisados utilizaram os *frameworks* teóricos propostos para o estudo de transições. Mylan et al., (2019), utilizaram a *multi-level perspective* (MLP) para entender a transição de leites derivados de animais para aqueles a base de plantas, além de contribuir para a discussão conceitual existente nesse *framework* sobre a interação entre nichos e regimes, da qual concluíram que são necessárias análises bidimensionais de interações entre nichos e

regimes nesse setor, uma vez que o nicho de leites vegetais tenta exercer uma influência no regime de leites derivados de animais, ao mesmo tempo que atores intermediários do regime, como supermercados, cadeias de cafés e processadores de marcas estão fazendo com que os substitutos à base de plantas estejam mais disponíveis e normalizados para consumo em massa.

Tziva et al. (2020), aplicaram a *Technological Innovations Systems* (TIS) no estudo da indústria de substitutos de carnes na Holanda e identificaram algumas diferenças na transição desse setor em comparação com o de energia e mobilidade, geralmente estudados no âmbito das transições, como a existência de empresas, nichos de mercado e produtos comerciais já na fase inicial da transição. Para além dos *frameworks* geralmente utilizados no estudo das transições, alguns autores propuseram outros modelos para auxiliar no entendimento delas. Visseren-Hamakers (2018) propôs um *framework* para analisar as relações entre instrumentos e/ou sistemas de governança, a fim de se obter as mudanças necessárias ao desenvolvimento sustentável, passando pela análise dos instrumentos e a relação entre eles, a análise da performance do sistema e da explicação para estas. Para além do entendimento, Vinnari e Vinnari (2014) propuseram um modelo novo para gerenciar transições sustentáveis relacionadas ao consumo de animais, passando pela definição de objetivos, identificação de obstáculos, listagem de oportunidades e ameaças e avaliação dos resultados.

2.3.1.2 PODER E POLÍTICA EM TRANSIÇÕES

A visão antropocêntrica que a sociedade possui dos animais está sendo discutida em vários campos. Eles são vistos como *commodities* e parte da escolha de uso da tecnologia que fazemos, o que causa alienação e senso de propriedade (ANTHONY, 2012). Em eventos de repercussão mundial promovidos pela Organização das Nações Unidas (ONU), a fauna sempre é vista como um patrimônio dos seres humanos, e sua preservação seria para benefício próprio, e o tratamento dos animais sempre é visto a partir de uma abordagem bem-estarista e nunca abolicionista (NISTA et al., 2020). Essa visão faz com que o foco da governança animal seja frequentemente a saúde dos animais ao invés de seus bem-estar ou direitos, com o intuito de prevenir doenças entre seres humanos e garantir a disponibilidade de alimentos (VISSEREN-HAMAKERS, 2018).

Um dos setores em que essa visão antropocêntrica em relação aos animais é perpetuada é no de turismo. O próprio código global de ética para o turismo da Organização Mundial do Turismo das Nações Unidas não possui uma posição sobre o bem-estar e respeito aos animais,

assim como faltam reconhecimento por parte da indústria dos interesses de animais e estudos acadêmicos e tratamento em aulas sobre o tema, motivos que levam pesquisadores a defender que o comitê do código de ética passe a considerar o tratamento ético dos animais, em um primeiro momento considerando o bem-estar deles, enquanto que a abolição poderia ser discutida no futuro após avanços práticos na causa (FENNELL, 2014). Em crítica direta à essa posição, Butcher (2014) defende que a aprovação do código com essa consideração seria muito difícil e que caberia a governos locais a discussão da ética animal. Além dessa discussão sobre a esfera de tratamento do tema, também foi pontuado que essas discussões sobre ética ambiental, seja com uma visão antropocêntrica, não antropocêntrica ou ecofeminista deveriam levar em consideração contextos social, cultural, político e ambiental (CUI; XU, 2019).

Os discursos do antropocentrismo e instrumentalismo no setor do turismo também foram discutidos através de casos práticos, como o caso dos espetáculos com ursos polares no Canadá, que exemplificam como raramente os animais são considerados *stakeholders* no turismo (YUDINA; GRIMWOOD, 2016) e o caso do turismo de elefantes na Tailândia, com a discussão de maneiras de tratá-los de forma mais ética (CUI; XU, 2019). Se depender dos turistas, no entanto, essas práticas possuem espaço para mudanças, pois eles estariam preparados para alterações significativas se estiverem conscientes dos impactos de suas atividades no bem estar dos animais, como apontado por Bach e Burton (2017), ao realizarem uma *survey* com turistas com base no caso da alimentação de golfinhos na Austrália. Já é inclusive possível identificar mudanças institucionais para se adequar à nova visão que vêm sendo construída em relação aos animais. O Sea World Austrália, por exemplo, mudou seu discurso de legitimação, passando de ressaltar seu papel como educador para conservação, como era em 2015, para o serviço valioso que o parque prestava ao resgatar e reabilitar animais marinhos, apesar dos shows ao vivo não terem se alinhado com essa nova mensagem, como discutem Scollen e Mason (2020).

Outra área para qual estão sendo cobradas mudanças na visão sobre os animais é a educação, e como a ecologia profunda (*deep ecology*) e dos direitos animais deveriam ser incluídos na educação ambiental e na educação para o desenvolvimento sustentável, uma vez que uma atitude instrumentalista em relação à natureza não seria suficiente para a proteção dos elementos mais vulneráveis do ambiente e garantir direitos e bem estar aos animais (KOPNINA, 2014; KOPNINA; CHERNIAK, 2015). Outra cobrança é pelo ensino da nutrição vegetariana e vegana em escolas de nutrição, e a associação dessas dietas com a redução de impactos ambientais, pois apesar de serem a favor do ensino, a maioria das instituições não possui uma

instrução formal (HAWKINS et al., 2019). Os cursos superiores também devem dar maior atenção ao ensino de bioética e bem-estar animal, uma vez que ainda pode ser verificado falta de conhecimento dos estudantes sobre as diretrizes éticas e legais no uso de animais em experimentos científicos e didáticos e a resistência deles em substituí-los (DO PRADO DUZANSKI et al., 2015). A instituição médica também necessita rever seu discurso especista, que continua a pressupor que veganos são malnutridos e não saudáveis, baseada na crença de que o corpo humano se sustenta pelo consumo de outros animais, posição que interfere no crescimento do veganismo como uma prática mais sustentável e ética (AAVIK, 2021).

Outra área na qual a visão dos animais foi discutida foi na vulnerabilidade dos animais de estimação na posição de pertencentes às pessoas e a necessidade de modelos moralmente aceitáveis para gerenciamento dessa condição em situações de crise, como a pandemia de Covid-19 na China e a possibilidade de transmissão da doença por eles levantada no início (YIN et al., 2020). Diferentes visões dos animais também foram encontradas entre sistemas de conservação da fauna e dos outros animais, como os de consumo, sendo que os atores envolvidos são diferentes e quase não há relação entre os dois movimentos, pois os direitos ou bem-estar de animais individuais não são tratados em pautas relacionadas à conservação de espécies, como os objetivos de desenvolvimento sustentável da ONU e as metas de Aichi (VISSEREN-HAMAKERS, 2018).

As visões estabelecidas de sustentabilidade no tratamento dos animais e da natureza por parte de empresas também têm sido questionadas. Na difusão dos leites à base de plantas, por exemplo, pode ser notado um padrão híbrido na transição, com campanhas radicais no ambiente cultural para se alterar as crenças estabelecidas no regime de laticínios ao mesmo tempo de um alinhamento com o que já existia no ambiente de negócios, com o mercado alterando o produto, mas não as práticas de venda e uso, o que diverge da visão de alguns movimentos sociais (entre eles o veganismo), que buscam a retirada total de animais e derivados das dietas e mudanças radicais em tecnologias e no meio agrícola (MYLAN et al., 2019). As empresas do mercado de leites vegetais tentam passar a visão de que estes são disruptivos e melhores alternativas para o meio ambiente, o bem-estar animal e a saúde, mas continuam protegendo mecanismos do mercado e utilizando alimentos agroindustriais, individualizando problemas sistêmicos com uma visão neoliberal (CLAY et al., 2020). De fato, veganos não são o público-alvo dessas empresas, mas sim flexitarianos ou que não possuem motivações estritas, motivo pelo qual assuntos polarizadores como o bem-estar animal não são referenciados nos produtos geralmente, mas sim aspectos relacionados à saúde ou sabor (ANNE; SOULE; SEKHON,

2019; CLAY et al., 2020). Esses produtos substitutos lançados têm certa plasticidade para capturar vários nichos de consumidores, e serem interessantes para aqueles que não querem mudar radicalmente suas práticas de consumo, e ao invés de criarem um mercado alternativo, as empresas criam um mercado para produtos alternativos que são produzidos, vendidos e consumidos da maneira convencional (FUENTES; FUENTES, 2017).

2.3.1.3 GOVERNANDO TRANSIÇÕES

A difusão social do veganismo está muito relacionada à forma como seus adeptos têm lidado com a alimentação, com práticas como substituição de alimentos derivados animais por alternativas vegetais, que ajudam a manter a rotina anterior, exploração de novos alimentos, criatividade na alimentação e transição de sabores que auxiliam na promoção do veganismo como uma escolha não restritiva, prazerosa e acessível (TWINE, 2018), sendo que as tecnologias de informação e comunicação tem um papel significativo no acesso à informações sobre as práticas do veganismo, alimentação e identidade (LAWO et al., 2020). Vários caminhos têm sido discutidos para guiar a transição para uma dieta livre de derivados animais. Alguns deles são a redução de porções de carnes nas dietas, mudanças incrementais nas mesmas, consideração da cultura no momento de substituição e incentivo à escolha de tendências ao invés da conveniência (LEMKEN; SPILLER; SCHULZE-EHLERS, 2019; SCHÖSLER; DE BOER; BOERSEMA, 2012). O conhecimento prático das pessoas sobre como cozinhar alimentos vegetais, como associar ingredientes e as ocasiões para servi-los também podem contribuir, além do incentivo para o consumo destes fora de casa, inovação de produtos e comunicação adequada (DUARTE; VASCONCELOS; PINTO, 2020; MELENDREZ-RUIZ et al., 2019; RANDERS; GRØNHØJ; THØGERSEN, 2020).

A comunicação sobre os impactos do consumo de carnes se faz necessária porque os consumidores subestimam ou não possuem conhecimento suficiente sobre o impacto ecológico da produção animal (DOPELT; RADON; DAVIDOVITCH, 2019; VANHONACKER et al., 2013). A comunicação dos benefícios nutricionais, à saúde e sustentabilidade dos alimentos vegetais também deve ser melhor trabalhada (DUARTE; VASCONCELOS; PINTO, 2020; MARTIN; LANGE; MARETTE, 2021), além do conhecimento sobre a estrutura do corpo, chamando a atenção para o fato de que esses alimentos suprem a necessidade de todas as suas funções (NGUYEN et al., 2020a). É importante identificar já na rotulagem dos produtos os fatores que mais incentivam o consumo, como a associação com a saúde para produtos à base de plantas menos processados e aspectos da sustentabilidade para aqueles mais processados

(PESCHEL et al., 2019). No entanto, apenas estratégias relacionadas a comunicação podem não ser suficientes para alterar dietas para determinados consumidores, sendo necessário o desenvolvimento de estratégias adicionais (VERAIN et al., 2017). Apenas informações e conhecimento não são suficientes para fazer as pessoas mudarem seus hábitos porque muitas delas adotam estratégias de desengajamento moral, quando possuem consciência de seu dever pessoal de preservar o meio ambiente, promover a saúde pública e proteger os animais, mas tendem a se distanciar desses seus princípios com justificativas para legitimar o consumo de carnes e se exonerar de culpa (GRAÇA; CALHEIROS; OLIVEIRA, 2014; GRAÇA; OLIVEIRA; CALHEIROS, 2015).

A replicação de uma experiência quanto ao sabor, textura ou aparência e o conhecimento de produtos para a substituição também podem facilitar o processo (ASANO; BIERMANN, 2019; HOEK et al., 2011; MYLAN et al., 2019), sendo importante considerar o contexto da refeição já no desenvolvimento dos produtos (HOEK et al., 2013). Essa associação pode ser feita desde os rótulos dos produtos, uma vez que descrições que remetem à aspectos das experiências passadas de consumo com alimentos familiares podem fazer com que essas sensações sejam transferidas para os novos alimentos (PAPIES et al., 2020). O momento de compra dos alimentos também deve buscar aspectos de familiaridade, facilidade e conveniência, sendo que supermercados, lojas e açougues tem um papel importante na disponibilização de mais opções de alimentos vegetais substitutos de carnes, mas deveriam posicioná-los em áreas de maior tráfego e próximas às proteínas animais com papéis semelhantes nas refeições, pois isso pode aumentar a venda dos produtos substitutos (GRAVELY; FRASER, 2018; MYLAN et al., 2019; VANDENBROELE et al., 2021).

A identificação de várias orientações de consumidores torna necessário o desenvolvimento de estratégias paralelas para atingir essas orientações (BÈGUE; TREICH, 2019; GRAÇA et al., 2019; GRAÇA; CALHEIROS; OLIVEIRA, 2015; GRAÇA; OLIVEIRA; CALHEIROS, 2015; PAPIES et al., 2020; POSSIDÓNIO et al., 2021; VERAIN et al., 2017), sendo que um passo fundamental para promover a transição para dietas a base de plantas é identificar o que motiva as pessoas a consumirem carnes (MILFORD et al., 2019), uma vez que os valores pré-existentz influenciam a resposta delas em abordagens sobre o consumo destas (GRAHAM; ABRAHAMSE, 2017). Além das motivações, a categoria de produtos, como laticínios ou carnes, e o tipo de sustentabilidade pretendida, como corte no consumo ou consumo de produtos sustentáveis devem ser levados em consideração na forma de comunicação (VERAIN et al., 2017).

Vários estudos focaram em intervenções para avaliar fatores que contribuem para a redução ou eliminação do consumo de derivados animais ou o aumento do consumo de alimentos à base de plantas. Entre elas o ato de cozinhar na sala de aula em conjunto com atividades de aprendizagem para aumentar o consumo de grãos e vegetais no caso de crianças (LIQUORI et al., 1998); fornecer apenas pratos vegetarianos em eventos, para aumentar a consciência dos participantes (ANDERSSON; JUTBRING; LUNDBERG, 2013; JUTBRING, 2018); implementar um menu com opções livres de carnes em uma cantina universitária para incentivar o consumo de pratos vegetarianos (CAMPBELL-ARVAI; ARVAI; KALOF, 2014), assim como a utilização de rótulos que identifiquem os pratos mais amigáveis ambientalmente (SLAPØ; KAREVOLD, 2019).

No entanto, qualquer intervenção para mudar práticas alimentares deve levar em consideração os efeitos negativos que esta pode ter, como o desperdício de alimentos nos pratos e a diminuição da quantidade de alimentos consumida e de estudantes nas refeições vinda de uma política de um dia mandatório de alimentação vegetariana em uma escola (LOMBARDINI; LANKOSKI, 2013), ou a redução da escolha pela opção vegetariana por aqueles habituados com essa decisão no menu de um restaurante depois da alteração da configuração da opção vegetariana, apesar dela aumentar a possibilidade de escolha desse prato por quem não consumia frequentemente (BACON; KR PAN, 2018). Além disso, também deve-se dar atenção aos problemas sociais e econômicos que podem surgir com a transição, principalmente em regiões mais ocupadas pela pecuária (HUAN-NIEMI et al., 2020).

Foram identificados vários atores e papéis que podem contribuir para a transição, como pais, estudantes e educadores de nutrição e professores no caso de crianças (LIQUORI et al., 1998); gerentes de restaurantes, chefes de cozinha famosos, influenciadores e líderes políticos para mudar o significado de comer fora de casa e de refeições públicas (BIERMANN; RAU, 2020; HUAN-NIEMI et al., 2020); instituições acadêmicas com a inclusão dos direitos animais em suas pesquisas (NISTA et al., 2020) e da alimentação vegetal em seu ensino (HAWKINS et al., 2019); engenheiros de alimentos, fabricantes, profissionais de marketing e decisores políticos no desenvolvimento e comunicação de novos produtos de base vegetal e tecnologias de processamento (HUAN-NIEMI et al., 2020; WEINRICH; ELSHIEWY, 2019); governos, que precisariam alterar a forma como veem os animais dentro de suas economias (VISSEREN-HAMAKERS, 2018) e criar políticas para incentivar a produção e consumo de alimentos vegetais e dietas alternativas, também com subsídios ou taxações (HUAN-NIEMI et al., 2020;

LAROCHE et al., 2020; WARNE et al., 2019); ONGs e outras instituições ao questionarem os regimes de alimentos derivados de animais (FRIEDMAN, 1995; MYLAN et al., 2019).

Outro ponto ressaltado foi a necessidade de melhorar o entendimento e colaboração entre os *stakeholders*, uma vez que a tendência de mudança no consumo de alimentos à base de plantas pode contrastar com o pensamento tradicional dos sistemas produtivos (BLANCO-GUTIÉRREZ; VARELA-ORTEGA; MANNERS, 2020). No caso da produção e consumo de lentilha, por exemplo, enquanto produtores apontaram fatores como diversificação de culturas e capitalização da produção de terras secas nos EUA para produção, consumidores apontaram a melhor nutrição e apoio à dietas à base de plantas (WARNE et al., 2019); já na Espanha, os *stakeholders* envolvidos na cadeia de suprimentos desses alimentos, como produtores, processadores e distribuidores destacaram problemas como gosto, tecnologia de processamento e altos preços, contrastando com a visão positiva de consumidores, ONGs, pesquisadores e decisores políticos, que ressaltaram o fato deles serem mais saudáveis, sustentáveis e altamente lucrativos (BLANCO-GUTIÉRREZ; VARELA-ORTEGA; MANNERS, 2020).

2.3.1.4 SOCIEDADE CIVIL, CULTURA E MOVIMENTOS SOCIAIS EM TRANSIÇÕES

Puderam ser observadas muitas barreiras culturais à aceitação e difusão do veganismo, tanto que em algumas pesquisas, apesar das dietas veganas apresentarem melhores resultados do que as outras estudadas em termos ambientais e/ou de saúde, elas não foram as sugestões dos autores, que preferiram indicar outras dietas ou um mix de dietas como a flexitariana e a mediterrânea em conjunto com a vegana (CASTANÉ; ANTÓN, 2017; DRAPER et al., 2018; GARCIA-ALVAREZ-COQUE et al., 2021). Essa contradição foi identificada inclusive no próprio modo de agir de organizações ambientais, que apesar de considerarem o veganismo a escolha mais sustentável, sugerem apenas a redução no consumo de produtos animais (FREEMAN, 2010). Uma razão indicada para isso foi que a dieta seguida por veganos não seria considerada sustentável, por ter de atender um conjunto de fatores como a aceitação cultural, saúde, acessibilidade, impacto social e produção local para isso (GARCIA-ALVAREZ-COQUE et al., 2021; VAN DOOREN et al., 2014).

Alguns aspectos levantados dentro da discussão cultural foram o de gênero e política que estão internalizados nas escolhas das dietas. O aumento do consumo de opções vegetais geralmente é mais expressivo entre mulheres do que homens, por fatores como a associação do consumo de carnes com a masculinidade e a preocupação maior que o primeiro grupo tem com

sustentabilidade (DOPELT; RADON; DAVIDOVITCH, 2019; EKER; REESE; OBERSTEINER, 2019; NGUYEN et al., 2020a; PIESTER et al., 2020; SECONDA et al., 2019). Incentivar o consumo de opções livres de animais geralmente é visto como uma posição de esquerda, feminista e politicamente correta (com conotações negativas), e que por isso é entendida como uma posição de risco para homens (LINDGREN, 2020). Isso ocorre porque a carne é tida como um privilégio dos homens e como símbolo de virilidade pela associação com a caça, a dominação dos animais e o controle sobre a natureza, motivo pelo qual o vegetarianismo é considerado como uma ameaça à hegemonia masculina (ROGERS, 2008). Além disso, ainda há o estereótipo de que a alimentação vegetal não fornece a nutrição e energia adequada para os homens, além de afetar sua masculinidade e não ser apropriada para eventos sociais (NGUYEN et al., 2020a).

O impacto da cultura no ato de consumir animais também foi extensamente explorado no sentido de se identificar pensamentos e hábitos que justifiquem esse consumo ou que auxiliem ou barrem a transição. Nos quadros 3 e 4, foram organizados os fatores que funcionam como motivações ou facilitadores e como barreiras durante a transição ou o aumento do consumo de alimentos à base de plantas ou diminuição do consumo de carnes.

Quadro 3: Motivadores e facilitadores para a transição

Motivadores/Facilitadores	Referências
Saúde	(DE KONING et al., 2020; GRASSO et al., 2019; HARTMANN et al., 2018; JAKŠE et al., 2020; NGUYEN et al., 2020a; VAINIO et al., 2016; WEINRICH; ELSHIEWY, 2019)
Ética, identidade moral e bem-estar animal	(HAAS et al., 2019; MALEK; UMBERGER; GODDARD, 2019; NGUYEN et al., 2020a; RANDERS; GRØNHØJ; THØGERSEN, 2020; WEINRICH; ELSHIEWY, 2019)
Ambiente e sustentabilidade	(DE KONING et al., 2020; HAAS et al., 2019; HARTMANN et al., 2018; MALEK; UMBERGER; GODDARD, 2019; NGUYEN et al., 2020a; VAINIO et al., 2016; VERGEER et al., 2020)
Espiritualidade	(NGUYEN et al., 2020a)
Sociabilidade, imagem e normas sociais	(EKER; REESE; OBERSTEINER, 2019; VAINIO et al., 2016)
Preço	(CHARLEBOIS; MCCORMICK; JUHASZ, 2016; GRASSO et al., 2019; MILFORD et al., 2019; VAINIO et al., 2016)
Disponibilidade	(REIPURTH et al., 2019)
Habilidade de cozinhar e conhecimento da dieta	(NGUYEN et al., 2020a; REIPURTH et al., 2019)

Gosto, apelo sensorial ou característica em relação à carne	(GÓMEZ-LUCIANO et al., 2019; GRASSO et al., 2019; REIPURTH et al., 2019)
---	--

Fonte: elaborado pela autora

Quadro 4: Barreiras para a transição

Barreiras	Referências
Hábito e conveniência	(GRAÇA et al., 2019; HOEK et al., 2017; VAINIO et al., 2016; VANHONACKER et al., 2013)
Preço	(VAINIO et al., 2016; VANHONACKER et al., 2013)
Saciedade e nutrição	(DE KONING et al., 2020; REIPURTH et al., 2019)
Prazer no consumo, textura, sabor ou cheiro	(DE KONING et al., 2020; GRAÇA et al., 2019; HOEK et al., 2017; MELENDREZ-RUIZ et al., 2019; REIPURTH et al., 2019)
Dificuldade ou tempo de preparação	(MELENDREZ-RUIZ et al., 2019)
Preconceitos e estereótipos relacionados à dieta	(KURZ et al., 2020; MELENDREZ-RUIZ et al., 2019; POSSIDÓNIO et al., 2021; VANHONACKER et al., 2013)
Imagem e relações sociais	(DAL GOBBO, 2018; NGUYEN et al., 2020a; NIEDERLE; SCHUBERT, 2020; RANDERS; GRØNHØJ; THØGERSEN, 2020)

Fonte: elaborado pela autora

Como movimento, o veganismo foi observado como uma transição voltada para dentro, que tenta auxiliar seus praticantes nas práticas individuais, mas que apresenta dificuldades em converter novos seguidores, desafiar o sistema dominante e se estruturar internacionalmente, sendo que o debate sobre sua institucionalização poderia encorajar a estruturação do movimento (MARLETTO; SILLIG, 2019). O movimento vegetariano também apresenta algumas contradições, tensões e incoerências internas e entre outros movimentos que dificultam sua participação na discussão da alimentação alternativa (MORRIS; KIRWAN, 2006). No entanto, em conjunto com projetos de alimentos locais, o movimento de direitos animais tem potencial para lidar com os impactos socioecológicos causados pela pecuária, apontando para um futuro mais ético, racional e sustentável, porém ambos são periféricos e limitados no modo de produção capitalista atual, e deveriam confrontá-lo para sua universalização (GUNDERSON, 2011).

A abstenção do consumo de animais e derivados foi caracterizada como uma prática anticonsumo motivada por questões éticas (MALEK; UMBERGER; GODDARD, 2019), na qual o boicote a certos produtos considerados negativos é mais comum do que a exaltação daqueles positivos (DE REZENDE, 2014). É muito comum a participação de grandes

organizações em defesa dos direitos animais em ações para impulsionar a transição, com a organização de boicotes, geralmente orientados à exposição midiática das empresas (FRIEDMAN, 1995). O papel das ONGs e outras instituições ao questionar os regimes de alimentos derivados de animais, como no caso dos laticínios, tem incentivado o consumo de opções vegetais, além de desencadear melhoria de processos, diversificação de produtos e marketing por parte de produtores e vendedores e mudanças em guias de dietas por oficiais de saúde pública (MYLAN et al., 2019).

Em contrapartida, também foi identificado que não é comum no movimento tradicional antiespecista lutar contra a contradição de valores de grandes empresas ao lançar produtos para esse público, mas sim enxergar tal atitude como uma possibilidade de facilitar o acesso a esses produtos (MARLETTO; SILLIG, 2019), sendo comum a defesa de produtos lançados aptos para vegetarianos, geralmente super processados, por essas organizações (MORRIS; KIRWAN, 2006). O fato do movimento pelos direitos animais ser majoritariamente baseado em ações de consumo, de compra de produtos livres de crueldade e vegetarianos faz com que ele seja passível de cooptação pelo mercado, sendo que para alterá-lo de uma atividade de consumo individual para uma universal, seria necessário uma reestruturação radical da produção agrícola através de um sistema alimentar à base de plantas (GUNDERSON, 2011).

Outras discussões apareceram em menor quantidade na amostra de artigos analisada. Casal (2020) por exemplo, discute as tradições de touradas e caça às baleias, defendendo que o valor de uma tradição é condicionado ao seu conteúdo e que argumentos como sustentabilidade e coesão social não justificam a continuidade dessas práticas. Já Lestar, (2020), trata da transição sustentável para o veganismo no contexto da fé, dentro do movimento Hare Krishna, explorando a aprendizagem e mudança organizacional e de paradigmas ocorrida, uma vez que o consumo de leite e derivados eram aceitos. Ainda relacionado à fé, Brummans, Cheong e Hwang (2016), abordaram o papel de organizações não governamentais baseadas na fé em difundir o vegetarianismo, através de uma campanha de uma ONG budista humanista.

2.3.1.5 ORGANIZAÇÕES E INDÚSTRIAS EM TRANSIÇÕES

Muitas pesquisas focaram na substituição de insumos de origem animal por vegetal, seja para atendimento do público vegano, de pessoas alérgicas a certos derivados animais ou devido ao impacto ambiental da obtenção desses insumos. Vários trabalhos abordaram a produção de proteínas vegetais para substituir carnes, como a de feijão mungo (HOSSAIN BRISHTI et al.,

2021); milho, (MATTICE; MARANGONI, 2020); sementes de tremoço (SUSSMANN et al., 2013); tomate com subprodutos da indústria (SARKAR; KAUL, 2014); e de algas (NASERI et al., 2020). Além disso, o estudo de proteínas mais sustentáveis não se restringiu ao mercado de alimentos para humanos, como exemplificou a pesquisa sobre o uso de oleaginosas como fontes de proteínas para rações de cães e gatos (REILLY et al., 2019).

Outros estudos focaram na criação de alternativas para suplementos de origem animal ou deficiências de dietas vegetarianas, como a ômega 3, através de emulsificantes a base de madeira (VALOPPI et al., 2019), nano emulsões com óleos de linhaça e algas (LANE et al., 2016), e óleo de cártamo transgênico (RANI et al., 2018); a vitamina B12, com a fermentação de um tempeh de tremoço (WOLKERS -ROOIJACKERS; ENDIKA; SMID, 2018); o ferro, com a biofortificação de alimentos básicos (LÖNNERDAL, 2009), o esqualeno, com microrganismos oleaginosos no lugar de peixes marinhos (PATEL et al., 2020); e glucosamina a partir de cogumelos como substituto do tradicional de crustáceos (LV et al., 2017) e outras fontes sustentáveis de lisina vegetal, geralmente obtida da soja (LEINONEN et al., 2019).

Alguns estudos ainda abordaram a substituição de ingredientes de origem animal em receitas, como o uso da aquafaba de feijão lima como substituto de ovos em *cupcakes* (NGUYEN et al., 2020b); o uso de feijão de fava, alfarroba e glúten para aumentar o teor proteico de um pão (HOEHNEL et al., 2020); e a utilização de farinhas de okara, amendoim e sorgo para elaboração de um alfajor vegano e sem glúten (CARDILLO DINIZ; MORCATTI COURA; FERREIRA RODRIGUES, 2021). Ou ainda como melhorar as propriedades de certos ingredientes para facilitar sua utilização, como a determinação de quais componentes eram responsáveis pelo gosto residual de caju em fibras de caju após lavagens para seu uso em produtos vegetais como hamburguers e bolos (DE OLIVEIRA NOBRE et al., 2015).

Além do desenvolvimento de novos produtos mais sustentáveis a base de plantas, os processos de produção desses produtos também têm sido estudados a fim de torná-los mais eficientes em termos de consumo de recursos naturais. Como a possibilidade de recuperação de cerca de 80% da água utilizada no processamento de um tipo de feijão utilizado em produtos veganos através de um processo de nano filtração da água (ESTEVEES et al., 2020); e o cultivo de amêndoas para a produção de leites vegetais com o uso de 66% a 74% menos água de irrigação (LIPAN et al., 2020).

Apesar de mais presente, o uso de animais no setor alimentício não foi o único estudado. A substituição de animais como mão de obra, caso dos cavalos de carroças para coleta de

materiais recicláveis, também foi alvo de alterações. Rosa e Costaldello (2019) mostraram o desenvolvimento de um veículo elétrico para substituição dos animais, com a parceria entre uma empresa júnior, a iniciativa privada e o poder legislativo.

O meio acadêmico também tem procurado desenvolver ferramentas para impulsionar negócios veganos ou incentivar consumidores, seja com a inovação do modelo de negócios através da medição de indicadores (MINATOGAWA et al., 2020a, 2020b), com o desenvolvimento de um modelo para avaliar parcerias comerciais entre negócios veganos e não veganos (CARFÍ; DONATO, 2020), de um *framework* com estratégias para negócios suficientes no setor alimentício (BOCKEN; MORALES; LEHNER, 2020) e o desenvolvimento de uma ferramenta para avaliação de alimentos vegetais com os menores impactos ambientais (KARLSSON POTTER, 2021).

Quanto às relações existentes nos mercados devido à ascensão de produtos vegetais, foi verificado que aqueles atores intermediários como empresas processadoras e supermercados não são tão presos ao regime antigo de uso de animais e possuem mais flexibilidade para escolher produtos alternativos caso identifiquem oportunidades estratégicas, como tem feito (MYLAN et al., 2019). Diferente de produtores, que se opuseram de forma mais radical, até mesmo com relação à nomenclatura dos produtos substitutos e que contavam com o apoio de instituições reguladoras (TZIVA et al., 2019).

2.3.1.6 TRANSIÇÕES NA PRÁTICA E NA VIDA COTIDIANA

Muitos artigos trataram do impacto do consumo diário de animais e derivados no ambiente e na saúde, através da comparação entre cenários, dietas ou alimentos. O quadro 5 sintetiza os principais benefícios do consumo de dietas ou alimentos à base de plantas para o ambiente em relação às opções onívoras.

Quadro 5: Benefícios ao ambiente de dietas ou alimentos à base de plantas

Benefícios	Autores
Redução da emissão de gases de efeito estufa, da pegada de carbono ou de nitrogênio	(ARRIETA; GONZÁLEZ, 2018; BRUNO et al., 2019; CANDY et al., 2019; CASTANÉ; ANTÓN, 2017; CHAUDHARY; GUSTAFSON; MATHYS, 2018; CHEN; CHAUDHARY; MATHYS, 2019; CORRADO et al., 2019; ESHEL et al., 2019; ESHEL; MARTIN; BOWEN, 2010; FRESÁN et al., 2019; GOLDSTEIN et al., 2016, 2017; GONZÁLEZ; FROSTELL; CARLSSON-KANYAMA, 2011; GRABS, 2015; HUAN-NIEMI et al., 2020; LAROCHE et al., 2020; LIAO et al.,

	2020; MARTIN; BRANDÃO, 2017; MARTINEZ et al., 2019; MASSET et al., 2014; MIERLO; ROHMER; GERDESSEN, 2017; RABÈS et al., 2020; RISKU-NORJA; KURPPA; HELENIUS, 2009; ROSI et al., 2017; RUINI et al., 2015; SADHUKHAN et al., 2020; SCARBOROUGH et al., 2014; SPRINGMANN et al., 2016; THEURL et al., 2020; VITA et al., 2019)
Redução ou otimização do uso de terras	(ESHEL et al., 2019; ESHEL; MARTIN; BOWEN, 2010; GOLDSTEIN et al., 2017; LAROCHE et al., 2020; LIAO et al., 2020; MARTIN; BRANDÃO, 2017; MEIER et al., 2014; MIERLO; ROHMER; GERDESSEN, 2017; RABÈS et al., 2020; RUINI et al., 2015; SHEPON et al., 2018; VITA et al., 2019)
Redução do consumo de energia	(GONZÁLEZ; FROSTELL; CARLSSON-KANYAMA, 2011; GRABS, 2015; RABÈS et al., 2020)
Redução do consumo de água	(CHAUDHARY; GUSTAFSON; MATHYS, 2018; GOLDSTEIN et al., 2017; LAROCHE et al., 2020; LIAO et al., 2020; ROSI et al., 2017; RUINI et al., 2015; VITA et al., 2019)
Redução do impacto na biodiversidade	(CASTANÉ; ANTÓN, 2017; MARTIN; BRANDÃO, 2017)
Redução no esgotamento de combustíveis fósseis	(MIERLO; ROHMER; GERDESSEN, 2017)

Fonte: elaborado pela autora.

No entanto, alguns impactos negativos foram observados, como aumento da quantidade de água necessária para irrigação (ESHEL et al., 2019); o aumento do consumo diário de fósforo, apesar de ser mais fácil recuperá-lo pós consumo do que antes e em quantidades maiores e dispersas, como no caso do consumo de carnes (FORBER et al., 2020); e o aumento da toxidade de ambientes terrestres, devido às práticas de agricultura, mas que poderia ser melhorada com um aumento no consumo de alimentos orgânicos, pela mudança na produção convencional de alimentos e remoção de pesticidas (MARTIN; BRANDÃO, 2017).

Outro ponto levantado foi que ao se analisar contextos reais, a dieta vegana apresentou resultados próximos à vegetariana, possivelmente devido ao consumo de alimentos à base de plantas industrializados super processados (ROSI et al., 2017). A inserção do hambúrguer a base de plantas da *Impossible Foods* em dietas veganas por exemplo, aumentou a emissão de gases de efeito estufa, apesar de ter causado uma diminuição em dietas convencionais, principalmente devido a um maior consumo de energia no processamento, que poderia ser diminuído com a substituição da eletricidade baseada em combustíveis fósseis e avanços na tecnologia utilizada para processamento (GOLDSTEIN et al., 2017). As fontes de óleos utilizados nesses hambúrgueres também foram indicadas como um ponto de atenção, devido à

utilização de óleo de coco vindo principalmente de plantações em áreas ricas em biodiversidade (GOLDSTEIN et al., 2017).

Em relação à saúde, a alimentação vegetal aumenta o valor nutricional das dietas (CASTANÉ; ANTÓN, 2017; MASSET et al., 2014), e se planejadas adequadamente, as dietas vegetarianas são saudáveis, adequadas em todos os estágios da vida e podem prevenir ou tratar certas doenças, mas devem ter atenção especial à suplementação de certas vitaminas, como a B12 (VESANTO; CRAIG; LEVIN, 2016). Foram apontados benefícios das dietas ou de opções vegetais como redução do consumo de gorduras saturadas e totais (CHAUDHARY; GUSTAFSON; MATHYS, 2018; CURTAIN; GRAFENAUER, 2019; SCARBOROUGH et al., 2014), colesterol (CHAUDHARY; GUSTAFSON; MATHYS, 2018; DRAPER et al., 2018), diminuição dos níveis de triglicerídeos, insulina, ácidos biliares e aumento dos níveis de magnésio (DRAPER et al., 2018); e diminuição da mortalidade causada pela dieta (SPRINGMANN et al., 2016, 2018).

Mas apesar do aumento do consumo de fibras, frutas e vegetais, também foi notado um aumento no consumo de açúcares (SCARBOROUGH et al., 2014) e carboidratos (CURTAIN; GRAFENAUER, 2019). Outro ponto levantado foi a deficiência de certos nutrientes que pode ocorrer nas dietas vegetarianas e veganas, como vitamina B12, selênio, cálcio, ferro, zinco e vitamina D (CHAUDHARY; GUSTAFSON; MATHYS, 2018; CHEN; CHAUDHARY; MATHYS, 2019; ESHEL et al., 2019; VAN DOOREN et al., 2014) e também a quantidade de sódio que alguns produtos substitutos podem possuir (CURTAIN; GRAFENAUER, 2019). Outro ponto de importância é a visão de saudáveis que os produtos substitutos das carnes possuem e a necessidade de atenção dos consumidores e comunicação dos produtos sobre suas reais características (CURTAIN; GRAFENAUER, 2019; ZHANG; HUGHES; GRAFENAUER, 2020)

As dietas vegetarianas e veganas também reduzem os gastos com alimentação (CHEN; CHAUDHARY; MATHYS, 2019; LUSK; NORWOOD, 2016). No entanto, o dinheiro economizado poderia ser gasto de forma a anular os benefícios ao ambiente vindos dessa dieta, e por isso poderiam ser alterados outros hábitos como consumir alimentos orgânicos, reduzir a carga de trabalho para trocar a economia conseguida por tempo de lazer ou gastar o dinheiro com bens de baixo impacto ambiental, como bens virtuais e serviços (GRABS, 2015). Outro ponto levantado foi que aproximadamente metade da economia de dinheiro refere-se à demografia ao invés da mudança dos itens comprados, de fatores como menos pessoas na casa,

gênero feminino e gostos, além de idade e ganhos menores do que onívoros (LUSK; NORWOOD, 2016).

Alguns estudos identificaram uma relação entre o hábito de não consumir animais e outras atitudes sustentáveis, como redução de desperdícios nas refeições em restaurantes (KIM; HALL; KIM, 2020), redução do consumo de água e energia e mudança na disposição de resíduos (DAL GOBBO, 2018), escolha por outros produtos não relacionados à alimentação mais sustentáveis, como desodorante, sabão em pó e sabonete (IRIS; ABRAHAM; DORON, 2018), por hotéis com valores de sustentabilidade e direito dos animais alinhados aos seus (FAN et al., 2019). Além de produtos locais, também são comuns práticas de exclusão ou redução de ultra processados e transgênicos e consumo de produtos orgânicos (NIEDERLE; SCHUBERT, 2020). Quem segue uma dieta a base de plantas também percebe menos barreiras na compra de frutas e vegetais locais do que outros consumidores, e apesar de não existir esse envolvimento deles atualmente, esse segmento de consumidores pode ser o foco de ações para se aumentar a venda de produtos locais (ARENAS-GAITÁN; PERAL-PERAL; REINA-ARROYO, 2020). A venda de produtos à base de plantas e pouco processados também é maior em lojas orgânicas, assim como os produtos orgânicos mais vendidos são aqueles à base de plantas e menos processados (DESQUILBET; MAIGNÉ; MONIER-DILHAN, 2018; DILEK; FENNELL, 2018).

Para além do consumo, o veganismo também foi discutido na produção dos alimentos, inclusive naqueles da agricultura orgânica que não utiliza nenhum derivado animal (HIRTH, 2021). Esta é muito apoiada por veganos, mas não só por eles, o que pode mostrar um certo conflito entre os valores interiores e os comportamentos por aqueles que consomem carnes (JÜRKENBECK; SPILLER, 2020). O papel dos consumidores vegetarianos e veganos também foi fundamental para o desenvolvimento do mercado de produtos alternativos de base vegetal, através de sua contestação do consumo de carnes e incentivo de empresas a entrarem nesse mercado, criando um nicho no início, que aliado ao papel de organizações como ONGs na legitimação e consequente aceleração dele, incentivou a criação de novos produtos e tecnologias responsáveis por sua expansão (TZIVA et al., 2020).

2.3.1.7 GEOGRAFIA DE TRANSIÇÕES: ESPAÇOS, ESCALAS E LOCAIS

Alguns estudos abordaram aspectos relacionados ao papel geográfico na transição para o veganismo sustentável. Foi identificado, por exemplo, que a transição para dietas alternativas

varia de país para país (GÓMEZ-LUCIANO; VRIESEKOOOP; URBANO, 2019; WEINRICH; ELSHIEWY, 2019). Weinrich e Elshiewy (2019), em um estudo comparativo entre consumidores da Alemanha, Holanda e França, perceberam que os consumidores alemães e franceses possuíam uma percepção mais antiética da produção de carne se comparados aos da Holanda, o que poderia ser justificado justamente pelos esforços da Holanda em promover uma produção sustentável e que considere o bem-estar animal, que pode ter amenizado a preocupação por parte dos consumidores. Por outro lado, o hábito de consumir carnes é menos comum na Holanda do que na Alemanha e uma atitude mais positiva em relação às dietas livres de carnes foi mais percebida entre os holandeses, onde também o mercado de alimentos substitutos às carnes é mais desenvolvido (WEINRICH; ELSHIEWY, 2019).

Outro ponto levantado foi a renda e o desenvolvimento econômico dos países. Países menos desenvolvidos se mostraram menos preparados para substituir a carne por alternativas como aquelas à base de plantas, como mostrado em um estudo comparativo entre Reino Unido, Espanha, Brasil e República Dominicana (GÓMEZ-LUCIANO et al., 2019). Nesses locais também, um aumento na renda geralmente é associado à um aumento no consumo de carnes (GÓMEZ-LUCIANO; VRIESEKOOOP; URBANO, 2019). Países de baixa renda também não apresentam resultados tão positivos em termos de sustentabilidade quanto os de média e alta renda quanto às dietas a base de plantas devido à ineficiência dos sistemas produtivos e aumento do uso de recursos, sendo que para esses países seria necessário também melhorias em tecnologia e gerenciamento, o que também ressalta que a discussão sobre dietas sustentáveis deveria incluir tanto aspectos relacionados às dietas como à tecnologia (SPRINGMANN et al., 2018) e de como deveria ser discutida a redução no impacto do sistema alimentar globalmente e não apenas em países desenvolvidos (HUAN-NIEMI et al., 2020).

Diferenças entre o ocidente e o oriente também foram apontadas em alguns estudos. Vegetarianos europeus e americanos tendem a se preocupar mais com o meio ambiente e o bem estar animal em suas escolhas diárias, a defender mais valores universais como paz, igualdade e justiça social e a apoiar menos a ética da autoridade do que seus pares onívoros, enquanto que vegetarianos indianos não apresentaram diferenças em relação à preocupação com o ambiente, animais ou valores universais do que seus pares onívoros, e endossam mais ideias de pureza, de que comer carnes polui o espírito, de autoridade e defesa do grupo que pertencem (RUBY et al., 2013). Por outro lado, a globalização e uma maior exposição ao estilo de vida do ocidente foram apontados como contribuintes para um maior consumo de carnes (FILIPPINI; SRINIVASAN, 2019; MILFORD et al., 2019).

O local de consumo também mostrou ter influência no comportamento dos consumidores. O consumo de carnes é muito associado a situações especiais (ELZERMAN et al., 2021), que faz com que ele seja mais comum fora de casa, em restaurantes, como forma de se presentear, enquanto que em casa ele é mais comum quando se cozinha para outras pessoas do que apenas para si mesmo e quando se tem pouca habilidade em fazer pratos vegetarianos, caso também que aumenta o consumo de carnes em restaurantes (BIERMANN; RAU, 2020). As refeições públicas, inclusive, deveriam ser mais enfatizadas em relação às escolhas individuais, por serem um instrumento de aprendizagem social e apresentarem um potencial de influência positiva devido ao volume e exemplo de sustentabilidade (RISKU-NORJA; KURPPA; HELENIUS, 2009).

2.3.1.8 ASPECTOS ÉTICOS DE TRANSIÇÕES

A consideração ética dos animais foi tratada em alguns artigos selecionados. Yudina e Grimwood (2016), defendem que noções de justiça e justiça social devem ser inclusivos à todas as formas de vida do planeta, independente da espécie. Vinnari, Vinnari e Kupsala (2017) propõem uma matriz de sustentabilidade para avaliar escolhas alimentares na perspectiva de humanos, animais de consumo e selvagens, e sob três teorias éticas: o utilitarismo, a deontologia, e o igualitarismo moral. Para os autores, a consequência lógica de se considerar o valor inerente dos animais é o veganismo ao invés do uso deles com respeito. Fennell (2014), também aponta a abolição dos animais seria o resultado da consideração dos direitos e valor inerente deles, apesar de não advogar por ela ao discutir o tratamento ético dos animais na indústria de turismo.

A visão atual de um turismo sustentável, focada nos seres humanos e com uma visão instrumentalista da natureza foi questionada por Bertella (2019), a partir de uma visão ecofeminista da ética animal aplicada ao turismo com animais selvagens, discutindo o conceito de empatia na responsabilidade moral existente com os animais. Já CUI e XU (2019), ao comparar as visões éticas de direitos animais, bem-estar animal e ecofeminismo no contexto do uso de elefantes no turismo da Tailândia, concluíram que a primeira não seria possível de ser aplicada, devido às dificuldades de reintroduzir os elefantes na vida selvagem, enquanto que as outras, apesar de mais factíveis, seriam problemáticas no sentido de que criariam um ciclo no qual os elefantes deveriam ser expostos em campos ou santuários para arrecadação de dinheiro que seria utilizado para seu cuidado, ocasionando competição interna entre esses espaços e falências.

2.4 CONCLUSÕES

Com a análise dos artigos, foi identificado que todos os temas da STRN investigados foram abordados em pesquisas da área, em maior ou menor quantidade. Alguns assuntos, inclusive, permearam vários temas. Foi percebido que a maior parte das pesquisas focaram no aspecto da alimentação dentro da transição, enquanto outros usos comuns dos animais, como para testes e entretenimento, apareceram em menor quantidade e deveriam ser mais explorados em pesquisas futuras. Também foi observado que a maioria dos estudos estava voltada às mudanças individuais, com a identificação de facilitadores ou barreiras para elas, por exemplo, mas um número bem menor de artigos tratou de mudanças coletivas. Nos próximos parágrafos, foram detalhados os assuntos principais de cada tema da STRN estudado.

No tema de entendendo transições, foi observado que alguns estudos já têm utilizado alguns dos *frameworks* indicados para o estudo delas, como no caso da transição para leites e substitutos de carnes de base vegetal, obtendo com isso um entendimento mais completo das várias fases e atores desenvolvidos na transição. Porém, assim como em outros temas, essas ferramentas ainda estão limitadas ao âmbito da alimentação, sendo necessário expandir seu uso para outras áreas que também fazem uso de animais.

Em poder e política, destacou-se o questionamento da visão antropocêntrica em relação aos animais adotada pela sociedade, e de como ela limita e enfraquece as mudanças necessárias no tratamento dos animais. Assuntos semelhantes foram tratados no tema de aspectos éticos da transição, com a discussão sobre o uso dos animais de acordo com algumas teorias éticas, relacionadas ao bem-estar ou aos direitos animais.

Outra visão questionada no tema de poder e política foi o papel das corporações na transição e a relação delas com consumidores e organizações não governamentais. Ao se observar como essa discussão surgiu em outros temas também, foi possível identificar que vegetarianos e ONGs ligadas à causa animal incentivaram a criação de um nicho de mercado e lutaram para desestabilizar o regime de produtos derivados de animais no início, assim como foi identificado em vários trabalhos que a partir daí, foi perdido parte das reivindicações desses atores, com a introdução de novos produtos, mas os mesmos sistemas de produção e consumo, prática que foi até mesmo caracterizada como cooptação do movimento animal pelo mercado.

Corporações, consumidores e ONGs foram apenas alguns dos atores identificados com papéis importantes no direcionamento da transição, assim como educadores e instituições

acadêmicas, governos e líderes políticos, e profissionais ligados à restaurantes e ao desenvolvimento de tecnologias para processamento de alimentos e vendas de novos produtos. Além da discussão dos papéis e interações desses atores, no tema de governando transições foram identificados vários caminhos para facilitar a transição, com destaque para a necessidade de se implementar estratégias diferentes para tipos de consumidores diferentes, criar produtos e receitas alternativos semelhantes aos convencionais, para manter o contexto da refeição, sempre levar em conta possíveis impactos negativos de intervenções e fornecer mais informações sobre os alimentos alternativos, apesar destas terem uma atuação limitada devido à posição de desengajamento moral adotada por muitas pessoas.

Em sociedade civil, cultura e movimentos sociais em transições, foi discutido um dos maiores desafios da transição, romper as barreiras culturais de como são vistos os animais e as dietas alternativas. Foram identificados casos em que a dieta a base de plantas, apesar de comprovadamente ter melhor desempenho nos fatores ambientais ou de saúde analisados, não foi sugerida devido à dificuldade de aceitação e implementação. O movimento vegano e de defesa dos direitos animais também precisa ser olhado com mais cuidado. Sua falta de estruturação e foco principalmente nas práticas individuais de consumo foram apontados como fatores de risco para sua expansão.

Em organizações e indústrias, destacou-se as inovações em ingredientes, matérias primas e produção para expansão das alternativas vegetais. Além disso, também foi identificado uma característica própria desse mercado, a flexibilidade de atores intermediários como grandes marcas processadoras de alimentos e supermercados para expandir seus portfólios para alternativas à base de plantas ao identificarem uma oportunidade estratégica.

Em relação ao tema de transição na prática e na vida cotidiana, muitos artigos analisaram os impactos das mudanças nas dietas daquelas com o consumo de carnes e outros derivados animais para aquelas vegetais, tanto em relação ao meio ambiente quanto à saúde, sendo que a dieta livre de derivados animais apresentou melhores resultados nesses quesitos. Além disso, foi visto que é comum a adoção de outras práticas sustentáveis por veganos, na escolha de produtos e serviços.

Em relação à geografia das transições, foram encontradas diferenças significativas entre países desenvolvidos e em desenvolvimento na condução da transição, sendo que países desenvolvidos costumam obter resultados mais positivos, já que faltam tecnologias e gerenciamento para tornar a transição mais eficiente naqueles menos desenvolvidos. Em uma

escala menor, também foram encontrados padrões de comportamentos diferentes entre comer em casa e fora dela, chamando a atenção para a necessidade de alterar o significado das carnes como alimentos para situações especiais e em restaurantes.

As principais contribuições dessa revisão da literatura sobre a transição sustentável para o veganismo foram a organização e integração dos assuntos já pesquisados e atores envolvidos e a consequente identificação dos assuntos que precisam de uma maior atenção em pesquisas futuras. Desses, podem ser destacados a expansão das pesquisas sobre o uso dos animais para além da alimentação, uma vez que essa área foi a mais explorada na maior parte dos temas estudados. Além disso, também foi notada a necessidade de explorar aspectos coletivos e estruturais da transição, e não só aqueles relacionados ao consumo individual, a fim de ser possível identificar os fatores a serem desenvolvidos para possibilitar uma transição igualitária e eficiente em todas as partes do mundo.

REFERÊNCIAS

- AAVIK, K. Institutional resistance to veganism: Constructing vegan bodies as deviant in medical encounters in Estonia. **Health**, v. 25, n. 2, p. 159–176, 1 mar. 2021.
- ANDERSSON, T. D.; JUTBRING, H.; LUNDBERG, E. When a music festival goes veggie: Communication and environmental impacts of an innovative food strategy. **International Journal of Event and Festival Management**, v. 4, n. 3, p. 224–235, 2013.
- ANNE, C.; SOULE, A.; SEKHON, T. Preaching to the middle of the road Strategic differences in persuasive appeals for meat anti-consumption. **British Food Journal**, v. 121, n. 1, p. 157–171, 2019.
- ANTHONY, R. Building a Sustainable Future for Animal Agriculture: An Environmental Virtue Ethic of Care Approach within the Philosophy of Technology. **Journal of Agricultural and Environmental Ethics**, v. 25, n. 2, p. 123–144, 8 abr. 2012.
- ARENAS-GAITÁN, J.; PERAL-PERAL, B.; REINA-ARROYO, J. Local Fresh Food Products and Plant-Based Diets: An Analysis of the Relation Between Them. **Sustainability**, v. 12, n. 12, p. 5082, 22 jun. 2020.
- ARRIETA, E. M.; GONZÁLEZ, A. D. Impact of current, National Dietary Guidelines and alternative diets on greenhouse gas emissions in Argentina. **Food Policy**, v. 79, p. 58–66, 2018.
- ASANO, Y. M.; BIERMANN, G. Rising adoption and retention of meat-free diets in online recipe data. **Nature Sustainability**, v. 2, n. 7, p. 621–627, 2019.
- BAAS, J. et al. Scopus as a curated, high-quality bibliometric data source for academic research in quantitative science studies. **Quantitative Science Studies**, v. 1, n. 1, p. 377–386, 2020.
- BACH, L.; BURTON, M. Proximity and animal welfare in the context of tourist interactions with habituated dolphins. **Journal of Sustainable Tourism**, v. 25, n. 2, p. 181–197, 2017.
- BACON, L.; KR PAN, D. (Not) Eating for the environment: The impact of restaurant menu design on vegetarian food choice. **Appetite**, v. 125, p. 190–200, 2018.
- BÈGUE, L.; TREICH, N. Immediate and 15-week correlates of individual commitment to a ‘green monday’ national campaign fostering weekly substitution of meat and fish by other nutrients. **Nutrients**, v. 11, n. 7, p. 1–13, 2019.

BERTELLA, G. Sustainability in wildlife tourism: challenging the assumptions and imagining alternatives. **TOURISM REVIEW**, v. 2, p. 246–255, 2019.

BIERMANN, G.; RAU, H. The meaning of meat: (Un)sustainable eating practices at home and out of home. **Appetite**, v. 153, 2020.

BLANCO-GUTIÉRREZ, I.; VARELA-ORTEGA, C.; MANNERS, R. Evaluating animal-based foods and plant-based alternatives using multi-criteria and SWOT analyses. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 17, n. 21, p. 1–26, 1 nov. 2020.

BOCKEN, N.; MORALES, L. S.; LEHNER, M. Sufficiency business strategies in the food industry—the case of oatly. **Sustainability**, v. 12, n. 3, p. 824, 1 fev. 2020.

BRUMMANS, B. H. J. M.; CHEONG, P. H.; HWANG, J. M. Faith-based nongovernmental environmental organizing in action: Veroes' campaigning for vegetarianism and mindful food consumption. **International Journal of Communication**, v. 10, p. 4807–4829, 2016.

BRUNO, M. et al. The carbon footprint of Danish diets. **Climatic Change**, v. 156, n. 4, p. 489–507, 1 out. 2019.

BUTCHER, J. Is there a case for revising the UNWTO's Global Code of Ethics to include a new article on the ethical treatment of animals by the tourism industry? A response to the opinion piece by David Fennell. **Journal of Sustainable Tourism**, v. 22, n. 7, p. 997–1002, 2014.

CAMPBELL-ARVAI, V.; ARVAI, J.; KALOF, L. Motivating Sustainable Food Choices. **Environment and Behavior**, v. 46, n. 4, p. 453–475, 13 maio 2014.

CANDY, S. et al. Modelling the food availability and environmental impacts of a shift towards consumption of healthy dietary patterns in Australia. **Sustainability**, v. 11, n. 24, 2019.

CARDILLO DINIZ, R.; MORCATTI COURA, F.; FERREIRA RODRIGUES, J. Effect of different gluten-free flours on the sensory characteristics of a vegan alfajor: Vegan gluten-free Alfajor development. **Food Science and Technology International**, v. 27, n. 2, p. 145–150, 1 mar. 2021.

CARFÍ, D.; DONATO, A. Risk management of food health hazard by meat consumption reduction: a cooperative game approach. **Soft Computing**, v. 24, n. 18, p. 13705–13716, 1 set. 2020.

CASAL, P. Whaling, Bullfighting, and the Conditional Value of Tradition. **Res Publica**, p. 1–24, 19 nov. 2020.

CASTANÉ, S.; ANTÓN, A. Assessment of the nutritional quality and environmental impact of two food diets: A Mediterranean and a vegan diet. **Journal of Cleaner Production**, v. 167, p. 929–937, 2017.

CHARLEBOIS, S.; MCCORMICK, M.; JUHASZ, M. Meat consumption and higher prices Discrete determinants affecting meat reduction or avoidance amidst retail price volatility. **British Food Journal**, v. 118, n. 9, p. 2251–2270, 2016.

CHAUDHARY, A.; GUSTAFSON, D.; MATHYS, A. Multi-indicator sustainability assessment of global food systems. **Nature Communications**, v. 9, n. 1, p. 1–13, 1 dez. 2018.

CHEN, C.; CHAUDHARY, A.; MATHYS, A. Dietary change scenarios and implications for environmental, nutrition, human health and economic dimensions of food sustainability. **Nutrients**, v. 11, n. 4, p. 1–21, 2019.

CLAY, N. et al. Palatable disruption: the politics of plant milk. **Agriculture and Human Values**, v. 37, n. 4, p. 945–962, 1 dez. 2020.

CORRADO, S. et al. Contribution of different life cycle stages to the greenhouse gas emissions associated with three balanced dietary patterns. **Science of the Total Environment**, v. 660, p. 622–630, 2019.

CUI, Q.; XU, H. Situating animal ethics in Thai elephant tourism. **Asia Pacific Viewpoint**, v. 60, n. 3, p. 267–279, 2019.

CURTAIN, F.; GRAFENAUER, S. Plant-based meat substitutes in the flexitarian age: An audit of products on supermarket shelves. **Nutrients**, v. 11, n. 11, 1 nov. 2019.

- DAL GOBBO, A. Desiring ethics: Reflections on Veganism from an observational study of transitions in everyday energy use. **Relations**, v. 6, n. 2, p. 233–250, 2018.
- DE KONING, W. et al. Drivers and Inhibitors in the Acceptance of Meat Alternatives: The Case of Plant and Insect-Based Proteins. **Foods**, v. 9, n. 9, p. 1292, 14 set. 2020.
- DE OLIVEIRA NOBRE, A. C. et al. Volatile profile of cashew apple juice fibers from different production steps. **Molecules**, v. 20, n. 6, p. 9803–9815, 1 jun. 2015.
- DE REZENDE, D. C. Politics in Food Markets: Alternative modes of qualification and engaging. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 52, n. 2, p. 387–400, 2014.
- DESQUILBET, M.; MAIGNÉ, E.; MONIER-DILHAN, S. Organic Food Retailing and the Conventionalisation Debate ☆. **Ecological Economics**, v. 150, p. 194–203, 2018.
- DILEK, S. E.; FENNELL, D. A. Discovering the hotel selection factors of vegetarians: the case of Turkey. **TOURISM REVIEW**, v. 73, n. 4, p. 492–506, 2018.
- DO PRADO DUZANSKI, A. et al. Sentiency, bioethics and animal welfare: Concepts that need to be discussed in higher education to change the teaching and researching paradigm. **Semina: Ciências Agrárias**, v. 36, n. 6, p. 4031–4036, 2015.
- DOPELT, K.; RADON, P.; DAVIDOVITCH, N. Environmental effects of the livestock industry: The relationship between knowledge, attitudes, and behavior among students in Israel. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 16, n. 8, 2019.
- DRAPER, C. F. et al. A 48-Hour Vegan Diet Challenge in Healthy Women and Men Induces a BRANCH-Chain Amino Acid Related, Health Associated, Metabolic Signature. **Molecular Nutrition & Food Research**, v. 62, n. 3, p. 1–13, 1 fev. 2018.
- DUARTE, M.; VASCONCELOS, M.; PINTO, E. Pulse consumption among portuguese adults: Potential drivers and barriers towards a sustainable diet. **Nutrients**, v. 12, n. 11, p. 1–13, 1 nov. 2020.
- EKER, S.; REESE, G.; OBERSTEINER, M. Modelling the drivers of a widespread shift to sustainable diets. **Nature Sustainability**, v. 2, n. 8, p. 725–735, 2019.
- ELSBACH, K. D.; VAN KNIPPENBERG, D. Creating High-Impact Literature Reviews: An Argument for “Integrative Reviews”. **Journal of Management Studies**, 2020.
- ELZERMAN, J. E. et al. Situational appropriateness of meat products, meat substitutes and meat alternatives as perceived by Dutch consumers. **Food Quality and Preference**, v. 88, 1 mar. 2021.
- ESHEL, G. et al. Environmentally Optimal, Nutritionally Sound, Protein and Energy Conserving Plant Based Alternatives to U.S. Meat. **Scientific Reports**, v. 9, n. 1, p. 1–11, 1 dez. 2019.
- ESHEL, G.; MARTIN, P. A.; BOWEN, E. E. Land use and reactive nitrogen discharge: Effects of dietary choices. **Earth Interactions**, v. 14, n. 21, p. 1–15, 2010.
- ESTEVEZ, T. et al. A study on lupin beans process wastewater nanofiltration treatment and lupanine recovery. **Journal of Cleaner Production**, v. 277, 2020.
- FAN, A. et al. Are vegetarian customers more “green”? **Journal of Foodservice Business Research**, v. 22, n. 5, p. 467–482, 2019.
- FENNELL, D. A. Exploring the boundaries of a new moral order for tourism’s global code of ethics: an opinion piece on the position of animals in the tourism industry. **Journal of Sustainable Tourism**, v. 22, n. 7, p. 983–996, 2014.
- FILIPPINI, M.; SRINIVASAN, S. Impact of religious participation, social interactions and globalization on meat consumption: Evidence from India. **Energy Economics**, v. 84, 2019.
- FORBER, K. J. et al. Plant-based diets add to the wastewater phosphorus burden. **Environmental Research Letters**, v. 15, n. 9, p. 94018, 1 set. 2020.

- FREEMAN, C. P. Meat's place on the campaign menu: How US environmental discourse negotiates vegetarianism. **Environmental Communication**, v. 4, n. 3, p. 255–276, 2010.
- FRESÁN, U. et al. Meat Analogs from Different Protein Sources: A Comparison of Their Sustainability and Nutritional Content. **Sustainability**, v. 11, n. 12, p. 3231, 12 jun. 2019.
- FRIEDMAN, M. On promoting a sustainable future through consumer activism. **Journal of Social Issues**, v. 51, n. 4, p. 197–215, 1995.
- FUENTES, C.; FUENTES, M. Making a market for alternatives: marketing devices and the qualification of a vegan milk substitute. **Journal of Marketing Management**, v. 33, n. 7–8, p. 529–555, 2017.
- GARCIA-ALVAREZ-COQUE, J.-M. et al. Integrating sustainability into the multi-criteria assessment of urban dietary patterns. **Renewable Agriculture and Food Systems**, v. 36, n. 1, p. 69–76, 2021.
- GOLDSTEIN, B. et al. Ethical aspects of life cycle assessments of diets. **Food Policy**, v. 59, p. 139–151, 2016.
- GOLDSTEIN, B. et al. Potential to curb the environmental burdens of American beef consumption using a novel plant-based beef substitute. **PLoS ONE**, v. 12, n. 12, 1 dez. 2017.
- GÓMEZ-LUCIANO, C. A. et al. Consumers' willingness to purchase three alternatives to meat proteins in the United Kingdom, Spain, Brazil and the Dominican Republic. **Food Quality and Preference**, v. 78, n. December 2018, 2019.
- GÓMEZ-LUCIANO, C. A.; VRIESEKOOP, F.; URBANO, B. Towards food security of alternative dietary proteins: A comparison between Spain and the Dominican Republic. **Amfiteatru Economic**, v. 21, n. 51, p. 393–407, 2019.
- GONZÁLEZ, A. D.; FROSTELL, B.; CARLSSON-KANYAMA, A. Protein efficiency per unit energy and per unit greenhouse gas emissions: Potential contribution of diet choices to climate change mitigation. **Food Policy**, v. 36, p. 562–570, 2011.
- GONZÁLEZ, N. et al. Meat consumption: Which are the current global risks? A review of recent (2010-2020) evidences. **Food Research International**, v. 137, 2020.
- GRABS, J. The rebound effects of switching to vegetarianism. A microeconomic analysis of Swedish consumption behavior. **Ecological Economics**, v. 116, p. 270–279, 2015.
- GRAÇA, J. et al. Consumption orientations may support (or hinder) transitions to more plant-based diets. **Appetite**, v. 140, p. 19–26, 2019.
- GRAÇA, J.; CALHEIROS, M. M.; OLIVEIRA, A. Moral Disengagement in Harmful but Cherished Food Practices? An Exploration into the Case of Meat. **Journal of Agricultural and Environmental Ethics**, v. 27, n. 5, p. 749–765, 7 out. 2014.
- GRAÇA, J.; CALHEIROS, M. M.; OLIVEIRA, A. Attached to meat? (Un)Willingness and intentions to adopt a more plant-based diet. **Appetite**, v. 95, p. 113–125, 2015.
- GRAÇA, J.; OLIVEIRA, A.; CALHEIROS, M. M. Meat, beyond the plate. Data-driven hypotheses for understanding consumer willingness to adopt a more plant-based diet. **Appetite**, v. 90, p. 80–90, 2015.
- GRAHAM, T.; ABRAHAMSE, W. Communicating the climate impacts of meat consumption: The effect of values and message framing. **Global Environmental Change**, v. 44, p. 98–108, 2017.
- GRASSO, A. C. et al. Older consumers' readiness to accept alternative, more sustainable protein sources in the European Union. **Nutrients**, v. 11, n. 8, 2019.
- GRAVELY, E.; FRASER, E. Transitions on the shopping floor: Investigating the role of Canadian supermarkets in alternative protein consumption. **Appetite**, v. 130, p. 146–156, 2018.
- GUNDERSON, R. The Metabolic Rifts of Livestock Agribusiness: **Organization and Environment**, v. 24, n. 4, p. 404–422, 19 out. 2011.

- HAAS, R. et al. Cow Milk versus Plant-Based Milk Substitutes: A Comparison of Product Image and Motivational Structure of Consumption. **Sustainability**, v. 11, n. 18, p. 5046, 16 set. 2019.
- HALLSTRÖM, E.; CARLSSON-KANYAMA, A.; BÖRJESSON, P. Environmental impact of dietary change: A systematic review. **Journal of Cleaner Production**, v. 91, p. 1–11, 2015.
- HARTMANN, C. et al. Brave, health-conscious, and environmentally friendly: Positive impressions of insect food product consumers. **Food Quality and Preference**, v. 68, p. 64–71, 2018.
- HAWKINS, I. W. et al. Dietetics Program Directors in the United States Support Teaching Vegetarian and Vegan Nutrition and Half Connect Vegetarian and Vegan Diets to Environmental Impact. **Frontiers in Nutrition**, v. 6, p. 123, 14 ago. 2019.
- HIRTH, S. Food that Matters: Boundary Work and the Case for Vegan Food Practices. **Sociologia Ruralis**, v. 61, n. 1, p. 234–254, 1 jan. 2021.
- HOEHNEL, A. et al. Enhancing the nutritional profile of regular wheat bread while maintaining technological quality and adequate sensory attributes. **Food and Function**, v. 11, n. 5, p. 4732–4751, 1 maio 2020.
- HOEK, A. C. et al. Identification of new food alternatives: How do consumers categorize meat and meat substitutes? 2011.
- HOEK, A. C. et al. Are meat substitutes liked better over time? A repeated in-home use test with meat substitutes or meat in meals. **Food Quality and Preference**, v. 28, p. 253–263, 2013.
- HOEK, A. C. et al. Shrinking the food-print: A qualitative study into consumer perceptions, experiences and attitudes towards healthy and environmentally friendly food behaviours. **Appetite**, v. 108, p. 117–131, 2017.
- HOSSAIN BRISHTI, F. et al. Structural and rheological changes of texturized mung bean protein induced by feed moisture during extrusion. **Food Chemistry**, v. 344, 2021.
- HUAN-NIEMI, E. et al. The impacts of dietary change in Finland: Food system approach. **Agricultural and Food Science**, v. 29, n. 4, p. 372–382, 2020.
- IRIS, G.; ABRAHAM, H.; DORON, K. Examination of the relationship between dietary choice and consumer preferences for sustainable near-food products in Israel. **Journal of Cleaner Production**, v. 197, p. 1148–1158, 2018.
- JAKŠE, B. et al. Characteristics of Slovenian Adults in Community-Based Whole-Food Plant-Based Lifestyle Program. **Journal of Nutrition and Metabolism**, v. 2020, 2020.
- JANSSEN, M. et al. Motives of consumers following a vegan diet and their attitudes towards animal agriculture. **Appetite**, v. 105, p. 643–651, 2016.
- JÜRKENBECK, K.; SPILLER, A. Consumers' Evaluation of Stockfree-Organic Agriculture—A Segmentation Approach. **Sustainability**, v. 12, n. 10, p. 4230, 21 maio 2020.
- JUTBRING, H. Social marketing through a music festival Value perceived by festival visitors who reduced meat consumption. **Journal of Social Marketing**, v. 8, n. 2, p. 237–256, 2018.
- KARLSSON POTTER, H. Multi-criteria evaluation of plant-based foods ease of environmental footprint and LCA data for consumer guidance. **Journal of Cleaner Production**, v. 280, 2021.
- KIM, M. J.; HALL, C. M.; KIM, D. K. Predicting environmentally friendly eating out behavior by value-attitude-behavior theory: does being vegetarian reduce food waste? **Journal of Sustainable Tourism**, v. 28, n. 6, p. 797–815, 2020.
- KÖHLER, J. et al. An agenda for sustainability transitions research: State of the art and future directions. **Environmental Innovation and Societal Transitions**, v. 31, n. January, p. 1–32, 2019.
- KOPNINA, H. Education for sustainable development (ESD) as if environment really mattered. **Environmental Development**, v. 12, p. 37–46, 2014.

- KOPNINA, H.; CHERNIAK, B. Cultivating a Value for Non-Human Interests through the Convergence of Animal Welfare, Animal Rights, and Deep Ecology in Environmental Education. **Education Sciences**, v. 5, n. 4, p. 363–379, 25 nov. 2015.
- KURZ, T. et al. Could Vegans and Lycra Cyclists be Bad for the Planet? Theorizing the Role of Moralized Minority Practice Identities in Processes of Societal-Level Change. **Journal of Social Issues**, v. 76, n. 1, p. 86–100, 2020.
- LANE, K. E. et al. The development of vegetarian omega-3 oil in water nanoemulsions suitable for integration into functional food products. **Journal of Functional Foods**, v. 23, p. 306–314, 2016.
- LAROCHE, P. C. S. J. et al. Telecoupled environmental impacts of current and alternative Western diets. **Global Environmental Change**, v. 62, 2020.
- LAWO, D. et al. Going vegan: The Role(s) of ICT in vegan practice transformation. **Sustainability**, v. 12, n. 12, 2020.
- LEINONEN, I. et al. Lysine Supply Is a Critical Factor in Achieving Sustainable Global Protein Economy. **Frontiers in Sustainable Food Systems**, v. 3, p. 27, 24 abr. 2019.
- LEMKEN, D.; SPILLER, A.; SCHULZE-EHLERS, B. More room for legume-Consumer acceptance of meat substitution with classic, processed and meat-resembling legume products. **Appetite**, v. 143, 2019.
- LESTAR, T. Religions going nuts? Faith-based veganism and transformative learning in the context of sustainability transitions (case 1: The Hare Krishna movement). **Journal of Organizational Change**, 2020.
- LIAO, X. et al. Large-scale regionalised LCA shows that plant-based fat spreads have a lower climate, land occupation and water scarcity impact than dairy butter. **International Journal of Life Cycle Assessment**, v. 25, n. 6, p. 1043–1058, 1 jun. 2020.
- LINDGREN, N. Environmental Education Research The political dimension of consuming animal products in education: An analysis of upper-secondary student responses when school lunch turns green and vegan. **Environmental Education Research**, v. 26, n. 5, p. 684–700, 3 maio 2020.
- LIPAN, L. et al. Chemical and sensorial characterization of spray dried hydroSOSustainable almond milk. **Journal of the Science of Food and Agriculture**, 12 set. 2020.
- LIQUORI, T. et al. The Cookshop Program: Outcome evaluation of a nutrition education program linking lunchroom food experiences with classroom cooking experiences. **Journal of Nutrition Education and Behavior**, v. 30, n. 5, p. 302–313, 1998.
- LOMBARDINI, C.; LANKOSKI, L. Forced Choice Restriction in Promoting Sustainable Food Consumption: Intended and Unintended Effects of the Mandatory Vegetarian Day in Helsinki Schools. **Journal of Consumer Policy**, v. 36, n. 2, p. 159–178, 24 fev. 2013.
- LÖNNERDAL, B. Soybean ferritin: implications for iron status of vegetarians. **The American Journal of Clinical Nutrition**, v. 89, n. 5, p. 1680–1685, 2009.
- LUSK, J. L.; NORWOOD, F. B. Some vegetarians spend less money on food, others don't. **Ecological Economics**, v. 130, p. 232–242, 2016.
- LV, Y. M. et al. Highly efficient and selective biocatalytic production of glucosamine from chitin. **Green Chemistry**, v. 19, n. 2, p. 527–535, 2017.
- MALEK, L.; UMBERGER, W.; GODDARD, E. Is anti-consumption driving meat consumption changes in Australia? **British Food Journal**, v. 121, n. 1, p. 123–138, 2019.
- MARKARD, J.; RAVEN, R.; TRUFFER, B. Sustainability transitions: An emerging field of research and its prospects. **Research Policy**, v. 41, p. 955–967, 2012.
- MARLETTO, G.; SILLIG, C. Lost in Mainstreaming? Agrifood and Urban Mobility Grassroots Innovations with Multiple Pathways and Outcomes. **Ecological Economics**, v. 158, p. 88–100, 1 abr. 2019.

- MARTIN, C.; LANGE, C.; MARETTE, S. Importance of additional information, as a complement to information coming from packaging, to promote meat substitutes: A case study on a sausage based on vegetable proteins. **Food Quality**, v. 87, 2021.
- MARTIN, M.; BRANDÃO, M. Evaluating the Environmental Consequences of Swedish Food Consumption and Dietary Choices. **Sustainability**, v. 9, n. 12, p. 2227, 1 dez. 2017.
- MARTINEZ, S. et al. How do dietary choices affect the environment? The nitrogen footprint of the European Union and other dietary options. **Environmental Science and Policy**, v. 101, p. 204–210, 2019.
- MASSET, G. et al. Identifying Sustainable Foods: The Relationship between Environmental Impact, Nutritional Quality, and Prices of Foods Representative of the French Diet. **J Acad Nutr Diet**, v. 114, p. 862–869, 2014.
- MATTICE, K. D.; MARANGONI, A. G. Comparing methods to produce fibrous material from zein. **Food Research International**, v. 128, 2020.
- MEIER, T. et al. Balancing virtual land imports by a shift in the diet. Using a land balance approach to assess the sustainability of food consumption. Germany as an example q. **Appetite**, v. 74, p. 20–34, 2014.
- MELENDREZ-RUIZ, J. et al. French consumers know the benefits of pulses, but do not choose them: An exploratory study combining indirect and direct approaches. **Appetite**, v. 141, 2019.
- MIERLO, K. VAN; ROHMER, S.; GERDESSEN, J. C. A model for composing meat replacers: Reducing the environmental impact of our food consumption pattern while retaining its nutritional value. **Journal of Cleaner Production**, v. 165, p. 930–950, 2017.
- MILFORD, A. B. et al. Drivers of meat consumption. **Appetite**, v. 141, 2019.
- MINATOGAWA, V. et al. Carving out new business models in a small company through contextual ambidexterity: The case of a sustainable company. **Sustainability**, v. 12, n. 6, 2020a.
- MINATOGAWA, V. L. F. et al. Operationalizing business model innovation through big data analytics for sustainable organizations. **Sustainability**, v. 12, n. 1, p. 277, 1 jan. 2020b.
- MIRABELLI, M. C. et al. Race, poverty, and potential exposure of middle-school students to air emissions from confined swine feeding operations. **Environmental Health Perspectives**, v. 114, n. 4, p. 591–596, abr. 2006.
- MORRIS, C.; KIRWAN, J. Vegetarians: Uninvited, uncomfortable or special guests at the table of the alternative food economy? **Sociologia Ruralis**, v. 46, n. 3, p. 192–213, 2006.
- MYLAN, J. et al. Rage against the regime: Niche-regime interactions in the societal embedding of plant-based milk. **Environmental Innovation and Societal Transitions**, v. 31, n. November 2018, p. 233–247, 2019.
- NASERI, A. et al. Multi-Extraction and Quality of Protein and Carrageenan from Commercial *Spinosum* (*Eucheuma denticulatum*). **Foods**, v. 9, n. 8, p. 1072, 6 ago. 2020.
- NGUYEN, T.-L. et al. A Novel Model to Predict Plant-Based Food Choice-Empirical Study in Southern Vietnam. **Sustainability**, v. 12, n. 9, p. 3847, 8 maio 2020a.
- NGUYEN, T. M. N. et al. Effect of processing methods on foam properties and application of lima bean (*Phaseolus lunatus* L.) aquafaba in eggless cupcakes. **Journal of Food Processing and Preservation**, v. 44, n. 11, p. 1–11, 2020b.
- NIEDERLE, P.; SCHUBERT, M. N. HOW does veganism contribute to shape sustainable food systems? Practices, meanings and identities of vegan restaurants in Porto Alegre, Brazil. **Journal of Rural Studies**, v. 78, p. 304–313, 1 ago. 2020.
- NISTA, N. A. et al. SOCIEDADE E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL : O direito dos animais no discurso da sustentabilidade. **AMBIENTE & SOCIEDADE**, v. 23, 2020.
- PAPIES, E. K. et al. Using consumption and reward simulations to increase the appeal of plant-based foods. **Appetite**, v. 155, 2020.

- PATEL, A. et al. Novel Biorefinery Approach Aimed at Vegetarians Reduces the Dependency on Marine Fish Stocks for Obtaining Squalene and Docosahexaenoic Acid. **American Chemical Society**, v. 8, p. 8803–8813, 2020.
- PATRIOTTA, G. Writing Impactful Review Articles. **Journal of Management Studies**, 2020.
- PESCHEL, A. O. et al. Consumers' associative networks of plant-based food product communications. **Food Quality and Preference**, v. 75, p. 145–156, 2019.
- PIESTER, H. E. et al. "I'll try the veggie burger": Increasing purchases of sustainable foods with information about sustainability and taste. **Appetite**, v. 155, n. July, p. 104842, 2020.
- POSSIDÓNIO, C. et al. Consumer perceptions of conventional and alternative protein sources: A mixed-methods approach with meal and product framing. **Appetite**, v. 156, 2021.
- RABÈS, A. et al. Greenhouse gas emissions, energy demand and land use associated with omnivorous, pesco-vegetarian, vegetarian, and vegan diets accounting for farming practices. **Sustainable Production and Consumption**, v. 22, p. 138–146, 2020.
- RANDERS, L.; GRØNHØJ, A.; THØGERSEN, J. Coping with multiple identities related to meat consumption. **Psychology and Marketing**, v. 38, n. September 2020, p. 159–182, 2020.
- RANI, A. et al. Biofortification of safflower: an oil seed crop engineered for ALA-targeting better sustainability and plant based omega-3 fatty acids. **Transgenic Research**, v. 27, n. 3, p. 253–263, 2018.
- REILLY, L. M. et al. Macronutrient composition, true metabolizable energy and amino acid digestibility, and indispensable amino acid scoring of pulse ingredients for use in canine and feline diets. **Journal of Animal Science**, v. 98, n. 6, p. 1–8, 2019.
- REIPURTH, M. F. S. et al. Barriers and facilitators towards adopting a more plant-based diet in a sample of Danish consumers. **Food Quality and Preference**, v. 73, p. 288–292, 2019.
- RISKU-NORJA, H.; KURPPA, S.; HELENIUS, J. Dietary choices and greenhouse gas emissions – assessment of impact of vegetarian and organic options at national scale. **Progress in Industrial Ecology**, v. 6, n. 4, p. 340–354, 2009.
- ROGERS, R. A. Beasts, Burgers, and Hummers: Meat and the Crisis of Masculinity in Contemporary Television Advertisements. **Environmental Communication**, v. 2, n. 3, p. 281–301, 2008.
- ROSA, A. F.; COSTALDELLO, A. C. Os setores público e privado no processo de inovação no transporte de resíduos sólidos por intermédio do cavalo elétrico. **Revista de Direito da Cidade**, v. 11, n. 4, p. 650–670, 2019.
- ROSI, A. et al. Environmental impact of omnivorous, ovo-lacto-vegetarian, and vegan diet. **Scientific Reports**, v. 7, n. 1, p. 1–9, 1 dez. 2017.
- RUBY, M. B. et al. Compassion and contamination. Cultural differences in vegetarianism q. **Appetite**, v. 71, p. 340–348, 2013.
- RUINI, L. F. et al. Working toward Healthy and Sustainable Diets: The "Double Pyramid Model" Developed by the Barilla Center for Food and Nutrition to Raise Awareness about the Environmental and Nutritional Impact of Foods. **Frontiers in Nutrition**, v. 2, p. 9, 4 maio 2015.
- SADHUKHAN, J. et al. Perspectives on "Game Changer" Global Challenges for Sustainable 21st Century: Plant-Based Diet, Unavoidable Food Waste Biorefining, and Circular Economy. **Sustainability**, v. 12, n. 5, p. 1976, 5 mar. 2020.
- SARKAR, A.; KAUL, P. Evaluation of tomato processing by-products: A comparative study in a pilot scale setup. **Journal of Food Process Engineering**, v. 37, n. 3, p. 299–307, 2014.
- SCARBOROUGH, P. et al. Dietary greenhouse gas emissions of meat-eaters, fish-eaters, vegetarians and vegans in the UK. **Climatic Change**, v. 125, n. 2, p. 179–192, 1 jul. 2014.
- SCHÖSLER, H.; DE BOER, J.; BOERSEMA, J. J. Can we cut out the meat of the dish? Constructing consumer-

oriented pathways towards meat substitution. **Appetite**, v. 58, p. 39–47, 2012.

SCOLLEN, R. J.; MASON, A. Sea World–Gold Coast, Australia’s discourse of legitimization: signage and live animal shows (2015–2018) as indicators of change in messaging. **Journal of Sustainable Tourism**, v. 28, n. 10, p. 1686–1701, 2020.

SECONDA, L. et al. Development and validation of an individual sustainable diet index in the NutriNet-Santé study cohort. **British Journal of Nutrition**, v. 121, n. 10, p. 1166–1177, 28 maio 2019.

SHEPON, A. et al. The opportunity cost of animal based diets exceeds all food losses. **PNAS**, v. 115, n. 15, p. 3804–3809, 2018.

SINGH, V. K. et al. The journal coverage of Web of Science, Scopus and Dimensions: A comparative analysis. **Scientometrics**, v. 126, n. 6, p. 5113–5142, 2021.

SLAPØ, H. B.; KAREVOLD, K. I. Simple Eco-Labels to Nudge Customers Toward the Most Environmentally Friendly Warm Dishes: An Empirical Study in a Cafeteria Setting. **Frontiers in Sustainable Food Systems**, v. 3, p. 40, 28 maio 2019.

SPRINGMANN, M. et al. **Analysis and valuation of the health and climate change cobenefits of dietary change**. PNAS. *Anais...*2016

SPRINGMANN, M. et al. Health and nutritional aspects of sustainable diet strategies and their association with environmental impacts: a global modelling analysis with country-level detail. **The Lancet Planetary Health**, v. 2, n. 10, p. 451–461, 2018.

SUSSMANN, D. et al. Influence of different processing parameters on the isolation of Lupin (*Lupinus Angustifolius* L.) protein isolates: A preliminary study. **Journal of Food Process Engineering**, v. 36, n. 1, p. 18–28, 2013.

THE VEGAN SOCIETY. **Definition of Veganism**. Disponível em: <<https://www.vegansociety.com/go-vegan/definition-veganism>>.

THEURL, M. C. et al. Food systems in a zero-deforestation world: Dietary change is more important than intensification for climate targets in 2050. **Science of the Total Environment**, v. 735, 2020.

TRANFIELD, D.; DENYER, D.; SMART, P. Towards a Methodology for Developing Evidence-Informed Management Knowledge by Means of Systematic Review. **British Journal of Management**, v. 14, n. 3, p. 207–222, 1 set. 2003.

TWINE, R. A Practice Theory Framework for Understanding Vegan Transition. **Animal Studies Journal**, v. 6, n. 2, p. 192–224, 2017.

TWINE, R. Materially Constituting a Sustainable Food Transition: The Case of Vegan Eating Practice. **Sociology**, v. 52, n. 1, p. 166–181, 2018.

TZIVA, M. et al. Understanding the protein transition: The rise of plant-based meat substitutes. **Environmental Innovation and Societal Transitions**, n. July, 2019.

TZIVA, M. et al. Understanding the protein transition: The rise of plant-based meat substitutes. **Environmental Innovation and Societal Transitions**, v. 35, p. 217–231, 1 jun. 2020.

VAINIO, A. et al. From beef to beans: Eating motives and the replacement of animal proteins with plant proteins among Finnish consumers. **Appetite**, v. 106, p. 92–100, 2016.

VALOPPI, F. et al. Spruce galactoglucomannan-stabilized emulsions as essential fatty acid delivery systems for functionalized drinkable yogurt and oat-based beverage. **European Food Research and Technology**, v. 245, n. 7, p. 1387–1398, 2019.

VAN DOOREN, C. et al. Exploring dietary guidelines based on ecological and nutritional values: A comparison of six dietary patterns. **Food Policy**, v. 44, p. 36–46, 2014.

VANDENBROELE, J. et al. Mock meat in the butchery: Nudging consumers toward meat substitutes ☆.

Organizational Behavior and Human Decision Processes, v. 163, 2021.

VANHONACKER, F. et al. Flemish consumer attitudes towards more sustainable food choices q. **Appetite**, v. 62, p. 7–16, 2013.

VERAIN, M. C. D. et al. Attribute Segmentation and Communication Effects on Healthy and Sustainable Consumer Diet Intentions. **Sustainability**, v. 9, n. 5, p. 743, 4 maio 2017.

VERGEER, L. et al. Vegetarianism and other eating practices among youth and young adults in major Canadian cities. **Public Health Nutrition**, v. 23, n. 4, p. 609–619, 1 mar. 2020.

VESANTO, M.; CRAIG, W.; LEVIN, S. Position of the Academy of Nutrition and Dietetics: Vegetarian Diets POSITION STATEMENT. **Journal of the Academy of Nutrition and Dietetics**, v. 116, n. 12, p. 1970–1980, 2016.

VINNARI, M. et al. A Framework for Sustainability Transition: The Case of Plant-Based Diets. **J Agric Environ Ethics**, v. 27, p. 369–396, 2014.

VINNARI, M.; VINNARI, E. A Framework for Sustainability Transition: The Case of Plant-Based Diets. **Journal of Agricultural and Environmental Ethics**, v. 27, n. 3, p. 369–396, 15 set. 2014.

VINNARI, M.; VINNARI, E.; KUPSALA, S. Sustainability Matrix: Interest Groups and Ethical Theories as the Basis of Decision-Making. **Journal of Agricultural and Environmental Ethics**, v. 30, n. 3, p. 349–366, 1 jun. 2017.

VISSEREN-HAMAKERS, I. J. A framework for analyzing and practicing Integrative Governance: The case of global animal and conservation governance. **Environment and Planning C: Politics and Space**, v. 36, n. 8, p. 1391–1414, 2018.

VITA, G. et al. The Environmental Impact of Green Consumption and Sufficiency Lifestyles Scenarios in Europe: Connecting Local Sustainability Visions to Global Consequences. **Ecological Economics**, v. 164, 2019.

WARNE, T. et al. Sustainability Dimensions of a North American Lentil System in a Changing World. **Frontiers in Sustainable Food Systems**, v. 3, p. 88, 11 out. 2019.

WEINRICH, R.; ELSHIEWY, O. Preference and willingness to pay for meat substitutes based on micro-algae. **Appetite**, v. 142, 2019.

WING, S.; COLE, D.; GRANT, G. Environmental injustice in North Carolina's hog industry. **Environmental Health Perspectives**, v. 108, n. 3, p. 225–231, 2000.

WOLKERS -ROOIJACKERS, J. C. M.; ENDIKA, M. F.; SMID, E. J. Enhancing vitamin B 12 in lupin tempeh by in situ fortification. **LWT - Food Science and Technology**, v. 96, p. 513–518, 2018.

YIN, D. et al. Public perception of urban companion animals during the COVID-19 outbreak in China. **Health & Place**, v. 65, p. 1353–8292, 2020.

YUDINA, O.; GRIMWOOD, B. S. R. Situating the wildlife spectacle: ecofeminism, representation, and polar bear tourism. **Journal of Sustainable Tourism**, v. 24, n. 5, p. 715–734, 2016.

ZHANG, Y. Y.; HUGHES, J.; GRAFENAUER, S. Got mylk? The emerging role of australian plant-based milk alternatives as a cow's milk substitute. **Nutrients**, v. 12, n. 5, p. 1254, 1 maio 2020.

3 ARTIGO 2

Transições para a sustentabilidade e o movimento vegano: análise dos principais atores e projetos no Brasil

RESUMO:

Tem sido notado um crescente interesse em pesquisas acadêmicas de aspectos relacionados ao veganismo, e muitas delas ainda com um viés para a sustentabilidade. Porém, muitos desses trabalhos são voltados para um aspecto do veganismo somente, a alimentação vegetal, e tratados no âmbito de uma mudança individual. Assim, há um espaço considerável para pesquisas que investiguem o veganismo como um movimento e sua estruturação. Considerando essa lacuna, esse estudo se propôs a investigar o movimento vegano no Brasil através de organizações que defendem seus princípios, a fim de se entender como essas organizações trabalham, o que defendem e quais são as relações formadas entre elas e com outros atores importantes para o veganismo. Para isso, essa pesquisa foi dividida em quatro partes: a primeira foi a seleção, levantamento de dados e análise preliminar de 19 organizações atuantes no Brasil, a segunda foi a construção e análise de uma rede social entre essas organizações e outros atores por meio do *software Gephi* e a terceira foi uma análise de conteúdo com as informações fornecidas nos sites dessas organizações através do *software IRAMUTEQ*, tanto de informações sobre as organizações selecionadas quanto de 43 projetos gerenciados por elas. Por último, os resultados obtidos nas análises anteriores ajudaram a discutir e aprofundar o conteúdo considerando os temas propostos pela *Sustainability Transitions Research Network* para entendimento de transições sustentáveis. Através dessas análises, foi possível perceber que o movimento vegano orienta-se segundo algumas visões, mas todas elas buscam se associar a noções de sustentabilidade. Foi identificada, inclusive, uma relação entre organizações do movimento vegano e organizações ambientais e de justiça social. Além desses outros movimentos, dentro do próprio movimento em defesa dos animais foram encontradas algumas divisões, sendo que o movimento vegano foca mais nos animais de consumo, mas também se relaciona e apoia os movimentos em defesa dos animais selvagens e dos animais de estimação. Foram identificados também, vários atores relacionados ao veganismo, como governos, empresas, influenciadores, e o meio acadêmico.

Palavras-chave: movimento vegano, organizações veganas, *sustainability transitions*.

3.1 INTRODUÇÃO

O conceito de transições para a sustentabilidade surgiu em 2010 por meio da *Sustainability Transitions Research Network* (STRN), na tentativa de trazer uma natureza transdisciplinar para a pesquisa de mudanças radicais nos padrões de produção e consumo em sistemas sociotécnicos, caracterizados por possuírem uma série de dimensões e elementos e atores (KÖHLER et al., 2019). Dimensões tecnológicas e estruturais, práticas dos usuários, estruturas culturais e regulatórias são algumas das áreas que são alteradas com essas transições (MARKARD; RAVEN; TRUFFER, 2012). Esse conceito foi considerado adequado para o estudo do veganismo justamente pela pluralidade de áreas em que os animais são utilizados e pelo impacto que mudanças nessa utilização podem trazer para a sociedade.

De acordo com o campo de estudo de *sustainability transitions* e mais especificamente a abordagem teórica de *multi-level perspective*, transições sustentáveis ocorrem dentro e entre três níveis: nichos, que são espaços protegidos nos quais emergem inovações radicais; regimes sociotécnicos, que são as estruturas institucionais dos regimes existentes; e a paisagem sociotécnica externa, que pode pressionar os regimes de forma a surgirem tensões e oportunidades para as inovações dos nichos se espalharem (KÖHLER et al., 2019). Essas transições em sistemas sociotécnicos envolvem vários grupos sociais como firmas, consumidores e movimentos sociais, que interagem em várias atividades como negociações, debates e conflitos (GEELS, 2019). As redes formadas por várias organizações, inclusive, ajudam a induzir mudanças sociotécnicas, porém, conflitos podem existir entre essas redes e por isso é importante gerenciar as interações e complementariedade delas para acelerar transições (ROHE; CHLEBNA, 2022).

No caso da transição para o veganismo, vários atores possuem participações importantes, como pais, estudantes e educadores (LIQUORI et al., 1998); gerentes de restaurantes, chefes de cozinha famosos, influenciadores e líderes políticos (BIERMANN; RAU, 2020; HUAN-NIEMI et al., 2020); instituições acadêmicas (HAWKINS et al., 2019; NISTA et al., 2020) engenheiros de alimentos, fabricantes, profissionais de marketing e decisores políticos (HUAN-NIEMI et al., 2020; WEINRICH; ELSHIEWY, 2019); governos (HUAN-NIEMI et al., 2020; LAROCHE et al., 2020; VISSEREN-HAMAKERS, 2018; WARNE et al., 2019); além ONGs e outras instituições (FRIEDMAN, 1995; MYLAN et al., 2019).

Ao analisarmos o campo de estudo sobre o veganismo nesse contexto de transições para a sustentabilidade, é possível notar uma crescente discussão sobre os chamados produtos à base

de plantas, abordando quais atores estão envolvidos na dinâmica desse mercado (MYLAN et al., 2019; TVIZA et al., 2020). No entanto, ainda faltam estudos que expandam essa abordagem para outros aspectos além da alimentação, assim como aqueles focados em aspectos coletivos e estruturais do veganismo, para além dos pontos voltados para o indivíduo. Além disso, é importante discutir esse tema no contexto brasileiro, que pode apresentar pontos bem distintos já que essa transição varia de país para país, principalmente devido ao desenvolvimento econômico de cada um (GÓMEZ-LUCIANO et al., 2019; SPRINGMANN et al., 2018). O Brasil caracteriza-se por se o segundo maior produtor de carne bovina do mundo (STATISTA, 2022), além de recentemente ter aprovado leis como a regulamentação da vaquejada e dos rodeios e a permissão para a caça de javalis (PROTEÇÃO ANIMAL MUNDIAL, 2020).

O próprio movimento vegano é caracterizado por tentar auxiliar seus praticantes nas práticas individuais, com uma atitude voltada para dentro que faz com que ele apresente dificuldades de se estruturar internacionalmente, converter novos seguidores e desafiar o sistema dominante, sendo que a discussão sobre sua institucionalização pode auxiliar na estruturação do movimento (MARLETTO; SILLIG, 2019).

Considerando essa lacuna de pesquisa, o objetivo dessa pesquisa é entender o veganismo no Brasil a partir de instituições coletivas que ajudam a divulgar o movimento e defendem seus princípios. De forma mais específica, pretende-se investigar como as organizações defensoras do veganismo no Brasil têm se posicionado, quais são seus principais pontos de atuação, como essas organizações se relacionam e quais as relações delas com outros atores do movimento, e como tudo isso pode ser posicionado dentro dos temas propostos pela *Sustainability Transitions Research Network* para entendimento de transições. Com isso, espera-se obter um panorama do movimento vegano no Brasil pelo ponto de vista desse ator em específico.

3.2 MATERIAIS E MÉTODOS

Essa pesquisa pode ser considerada uma pesquisa aplicada, de abordagem qualitativa, e exploratória, uma vez que ela busca uma caracterização inicial para um tema ainda pouco explorado. Para alcance dos objetivos propostos, foram realizadas análises de conteúdo e análises de redes. Os dados utilizados para as análises foram coletados nos sites e redes sociais oficiais de organizações relacionadas ao veganismo e aos direitos animais.

Essas organizações foram selecionadas com o auxílio da lista de associações, institutos e coletivos do site *VegPedia* (VEGPEDIA, [s.d.]), um site brasileiro que reúne informações

relacionadas à libertação e aos direitos animais, e através de buscas na ferramenta de pesquisa do Google. As organizações encontradas foram analisadas quanto à disponibilidade e atualização recente de informações, como indicativo que continuam ativas, e quanto à existência de redes sociais na língua portuguesa, principalmente para aquelas organizações internacionais que atuam no país. Após a análise, 19 associações cumpriram esses critérios e foram selecionadas para o estudo.

A condução da pesquisa foi dividida em três partes. Na primeira, buscou-se uma caracterização dessas organizações e do trabalho desenvolvido por elas. Inicialmente, foi contabilizada a quantidade total de seguidores nas redes sociais *Facebook*, *Instagram*, *Twitter* e *YouTube*, como um indicativo do alcance de pessoas, e coletadas informações do ano de fundação delas, a sede no Brasil e se são nacionais ou internacionais.

A segunda parte da pesquisa buscou visualizar as interações existentes entre as organizações estudadas e com outros atores, a fim de se construir e analisar o espaço social do veganismo no Brasil através dessas organizações, com a identificação daquelas que ocupam papéis centrais nessa rede e aquelas com atuação periférica. Para isso, foi feita uma análise de rede social, conhecida por possibilitar a compreensão das ligações e do comportamento de indivíduos, empresas, países, entre outros (MATHIAS, 2014).

Para tornar a análise possível, foi utilizado o *software Facepager* para extrair das páginas do *Facebook* das organizações estudadas quais outras páginas elas curtem, e para essas páginas encontradas, quais páginas elas curtem e novamente esse mesmo processo. Após esses dados serem trabalhados no *Microsoft Office Excel* para adequação do formato, eles foram importados para o *software Gephi*, um *software* aberto que consegue importar, visualizar, espacializar, filtrar e manipular redes (BASTIAN; HEYMANN; JACOMY, 2009) e nele foi construída uma rede entre as páginas encontradas nas várias rodadas de extração de dados do *Facebook*, sendo os nós dessa rede todas as páginas encontradas e as arestas a relação entre elas. Na rede formada, foram utilizadas ferramentas fornecidas pelo *Gephi*, como a aplicação do *layout Force Atlas 2* para aproximar os nós relacionados, o filtro *degree range* para que nós com menos de 3 arestas fossem ocultados da rede, a configuração do tamanho do nó conforme o número de entradas dele, no caso, o número de páginas que curtem ele, e a modularidade, para dividir e colorir as várias classes encontradas na rede através de um algoritmo estatístico.

Depois dessa fase, para a terceira etapa da pesquisa foram retiradas dos sites informações sobre as organizações estudadas e os projetos desenvolvidos por elas. Para auxiliar

no tratamento das informações obtidas, foram realizadas análises de conteúdo. Para isso, foi utilizada a técnica de Laurence Bardin, pela qual a análise de conteúdo permite a interpretação, compreensão e descoberta de relações entre o conteúdo e aspectos exteriores, além de possibilitar uma descrição objetiva, sistemática e quantitativa de um material (SANTOS, 2012). As três etapas propostas por Bardin para a realização de uma análise de conteúdo são a pré-análise, na qual os procedimentos do trabalho são definidos, a exploração do material, na qual são escolhidas as formas de codificação do material, como a enumeração e a classificação em categorias, e por último, o tratamento dos resultados, na qual é feita a interpretação do que foi obtido (CÂMARA, 2013).

As análises foram conduzidas no *software* IRAMUTEQ (*Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*), desenvolvido por Pierre Ratinaud em 2009 e utilizado para análises estatísticas de textos através da redução das palavras às suas raízes, criação de dicionários substitutos e identificação de formas ativas e suplementares (CAMARGO; JUSTO, 2013). As análises realizadas foram a classificação hierárquica descendente (CHD), a fim de se identificar *clusters* ou grupos de discussão e os temas emergentes e a análise fatorial de correspondência (AFC), para ser possível visualizar como esses grupos e as demais características das organizações estavam dispostos espacialmente.

No *software* IRAMUTEQ, foram realizadas duas análises distintas sobre as organizações, uma focada nas descrições delas e outra de seus projetos. Os segmentos de textos para a primeira foram retirados das sessões “Quem Somos” ou “Sobre Nós” dos sites, pois eles continham o cerne de atuação dessas organizações, com seus principais pontos de defesa. Para a segunda análise, também foram coletados dos sites os segmentos de textos com explicações sobre os projetos desenvolvidos pelas organizações, para verificação da forma como elas atuam.

Por último, os resultados obtidos nas etapas anteriores foram discutidos sob a ótica dos temas propostos pela *Sustainability Transitions Research Network* (STRN) para estudo de transições sustentáveis, para aprofundar a análise das organizações selecionadas. Os assuntos trazidos por elas nas fases anteriores foram divididos nos temas utilizados pela STRN, explicados no quadro 6, a fim de se visualizar como cada tema tem sido explorado por essas organizações. Os temas de “entendendo transições” e “reflexões em metodologias para pesquisas em transições” não foram utilizados por entender-se que eles eram mais aplicados na definição de métodos para o estudo de transições, o que não é o caso. Os resultados obtidos

ainda foram comparados e discutidos com trabalhos semelhantes para se ter um entendimento maior da posição dessas organizações no contexto de veganismo e sustentabilidade.

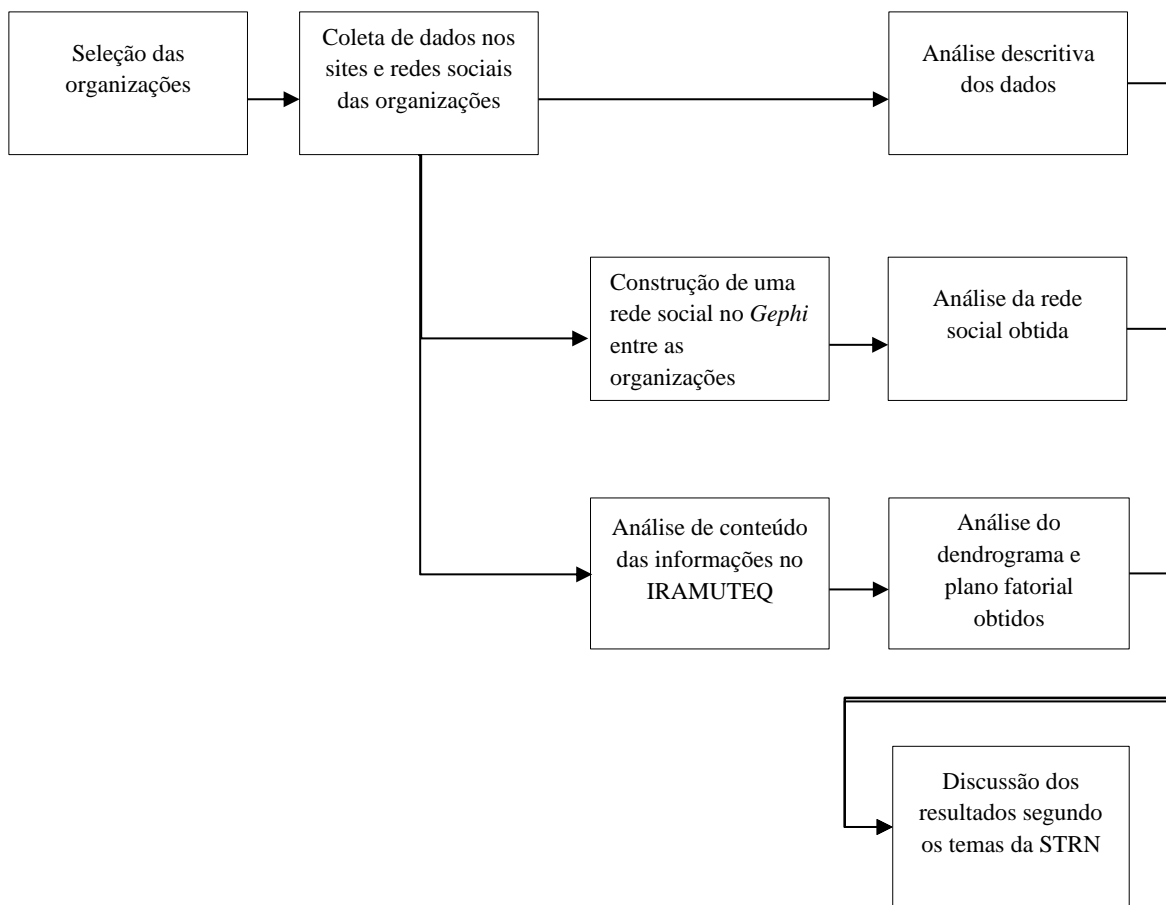
Quadro 6: Temas sugeridos pela STRN para discussão de transições

Tema	Descrição
Entendendo transições	<i>Frameworks</i> teóricos utilizados em estudos do campo de <i>sustainability transitions</i> , como <i>Multi-Level Perspective (MLP)</i> , <i>Technological Innovation System approach (TIS)</i> , <i>Strategic Niche Management (SNM)</i> e <i>Transition Management (TM)</i> ;
Poder e política em transições	Entendimento das relações entre indivíduos ou grupos em transições, com atenção para aqueles que ganham e perdem na implementação de inovações e de quais visões de sustentabilidade direcionam a transição;
Governando transições	Trabalho com governança e mudança institucional necessárias, com o envolvimento de vários atores e interações;
Sociedade civil, cultura e movimentos sociais em transições	Papel da sociedade civil, movimentos sociais e cultura em transições, com destaque para a política e governança em transições, inovações de base e mudanças culturais;
Organizações e indústrias em transições para a sustentabilidade	Engloba o papel de negócios em criar tecnologias e indústrias, facilitar mudanças institucionais e as tensões entre recém-chegados e os outros atores;
Transições na prática e na vida cotidiana	Foca no papel de usuários e do consumo diário em transições;
Geografia de transições: espaços, escalas, locais	Busca entender o como e por que das semelhanças e diferenças de uma transição entre localidades e o papel de fatores relacionados ao espaço e escala como incentivadores ou inibidores da evolução de transições sustentáveis;
Aspectos éticos de transições: distribuição, justiça, pobreza	Entendimento das questões éticas que emergem com as transições sustentáveis;
Reflexões em metodologias para pesquisa em transições	Abordagens metodológicas utilizadas no estudo de transições para sustentabilidade, como o uso de estudos de casos e os dilemas entre particularidades e generalização, análise retrospectiva ou contemporânea, análises micro ou macro, redução ou articulação de temas e pesquisa engajada ou distante.

Fonte: KÖHLER et al., 2019

O fluxograma da figura 2 mostra as etapas descritas nos parágrafos anteriores.

Figura 2: Fluxograma das etapas da pesquisa



Fonte: elaborado pela autora

3.3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.3.1 CARACTERIZAÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES

No quadro 7, podem ser conferidas as organizações utilizadas no estudo e algumas informações coletadas sobre elas.

Quadro 7: Organizações selecionadas para análise

Nº análise	Organização	Atuação	Total seguidores (em milhares)	Localização	Ano fundação
11	Mercy for Animals (MFA)	Internacional	1725	São Paulo	2018
12	World Animal Protection	Internacional	979	São Paulo	1950
9	Animal Equality Brasil	Internacional	659	São Paulo	2006
5	Sociedade Vegetariana Brasileira (SVB)	Nacional	567	São Paulo	2003
1	Frente de Ações pela Libertação Animal (FALA)	Nacional	262	Brasília	2012
10	Animal Ethics	Internacional	154		2015

16	Fórum Animal	Nacional	144	São Paulo	1998
19	Arca Brasil	Nacional	117	São Paulo	1993
4	Nação Vegana Brasil	Nacional	61		2018
17	Sinergia Animal Brasil	Internacional	48	São Paulo	2017
18	Generation Vegan	Internacional	44		2019
15	Move Institute	Nacional	40	São Paulo	2009
2	Fala Bicho	Nacional	28	Rio de Janeiro	1993
14	União Vegana de Ativismo	Nacional	21	Recife	2018
13	Associação Brasileira de Veganismo	Nacional	21	São Paulo	2007
8	Veddass	Nacional	21	São Paulo	2006
7	Vanguarda Abolicionista	Nacional	14	Porto Alegre	2008
6	ONG Colmeia Vegan	Nacional	10	São Paulo	2015
3	Instituto Abolicionista Animal	Nacional	4	Salvador	2006

Fonte: Informações coletadas nos sites e redes sociais das organizações

Das organizações selecionadas para análise, 13 (68%) possuem atuação nacional e 6 (32%) internacional. No entanto, as três organizações com maior número de seguidores nas redes sociais são internacionais, considerando apenas os seguidores das páginas em português, sendo elas a *Mercy for Animals* (1,725 milhão), a *World Animal Protection* (979 mil) e a *Animal Equality* Brasil (659 mil). Em seguida vem a organização brasileira mais bem colocada nesse quesito, a Sociedade Vegetariana Brasileira, com 567 mil. A maioria das organizações está localizada em São Paulo, 11 das 19 analisadas (58%), sendo que apenas organizações nacionais possuem sedes em outros locais, todos capitais. Quanto ao tempo de atuação, 79% das organizações possuem menos de 20 anos de idade.

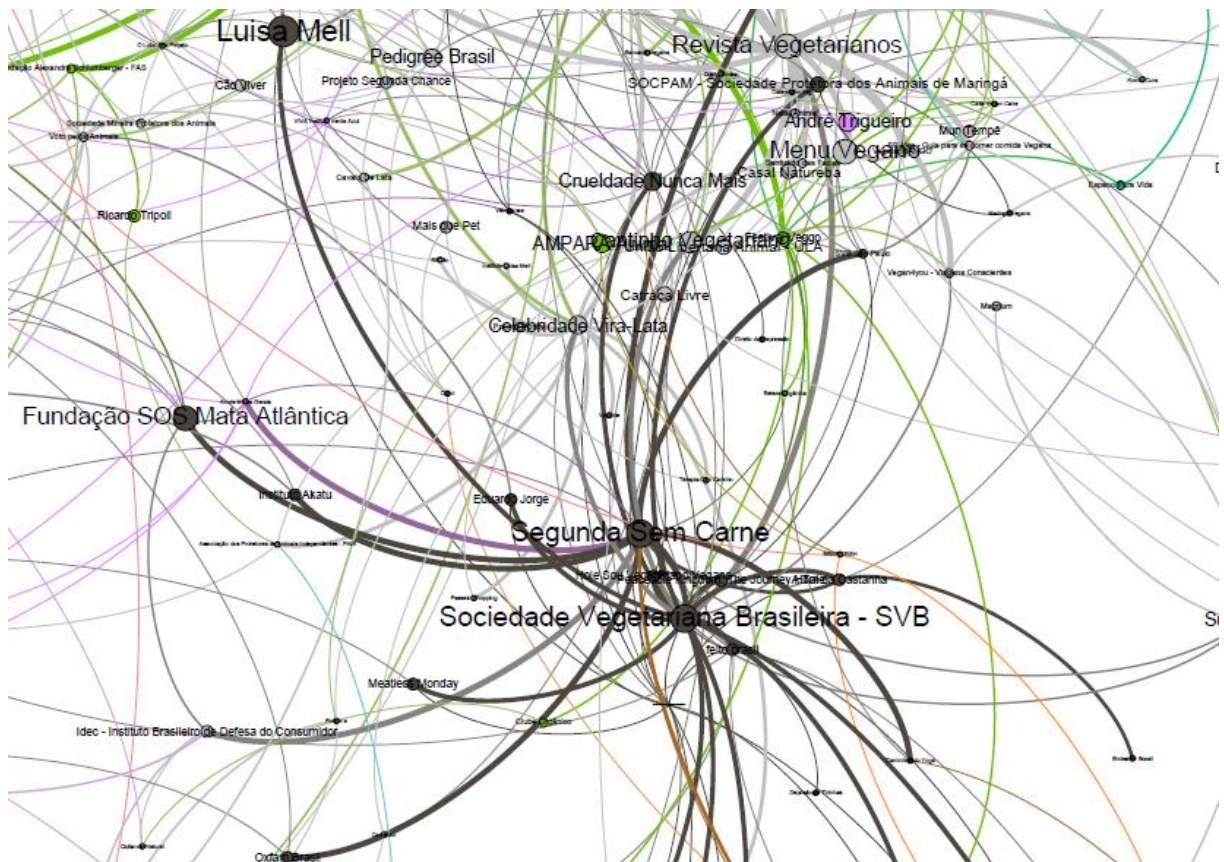
3.3.2 ESPAÇO SOCIAL DO VEGANISMO NO BRASIL

Devido à falta de permissão para extração de dados nas suas páginas, algumas organizações estudadas não tiveram as informações coletadas pelo software *Facepager* e por isso não fizeram parte da rede criada no *Gephi*. São elas: Sociedade Educacional Fala Bicho, Instituto Abolicionista Animal, Nação Vegana Brasil, ONG VEDDAS e União Vegana. Para as demais organizações, foi aplicada na rede construída pelo *Gephi* a ferramenta de modularidade, para ser possível identificar alguns sub-grupos com seus principais temas e posições, explicados a seguir.

Para melhor visualização e discussão da rede formada, ela foi dividida em partes. Na figura 3, pode ser visualizada a região central da rede, na qual apareceram a Sociedade

Vegetariana Brasileira, ligada a uma de suas campanhas mais famosas, a Segunda Sem Carne, a personalidades ligadas à causa animal e à alimentação vegetariana, como a ativista Luisa Mell e o ex-deputado Eduardo Jorge, além de outras organizações da causa animal e de proteção ambiental, como a Crueldade Nunca Mais e a Fundação SOS Mata Atlântica, organizações ligadas à justiça social e à sustentabilidade, como a Oxfam Brasil de luta contra a desigualdade e o Instituto Akatu, de defesa do consumo consciente e algumas empresas, como a Feito Brasil de cosméticos veganos e A Tal da Castanha, de leites vegetais.

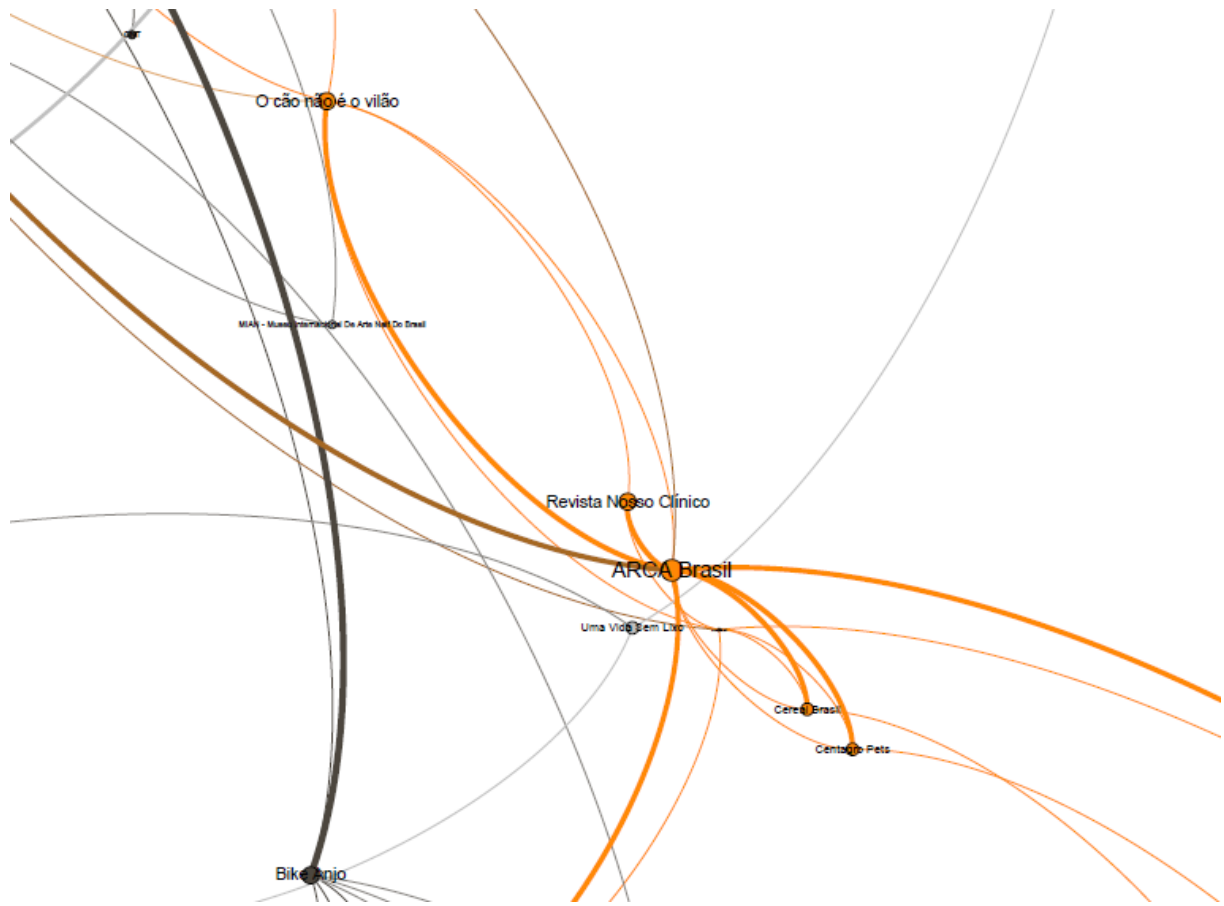
Figura 3: Rede Gephi - parte 1



Fonte: elaborada através do *software Gephi*

Próxima a esse grupo e ligada à Sociedade Vegetariana Brasileira, apareceu a Arca Brasil com outras associações de proteção aos animais domésticos, como pode ser notado na figura 4.

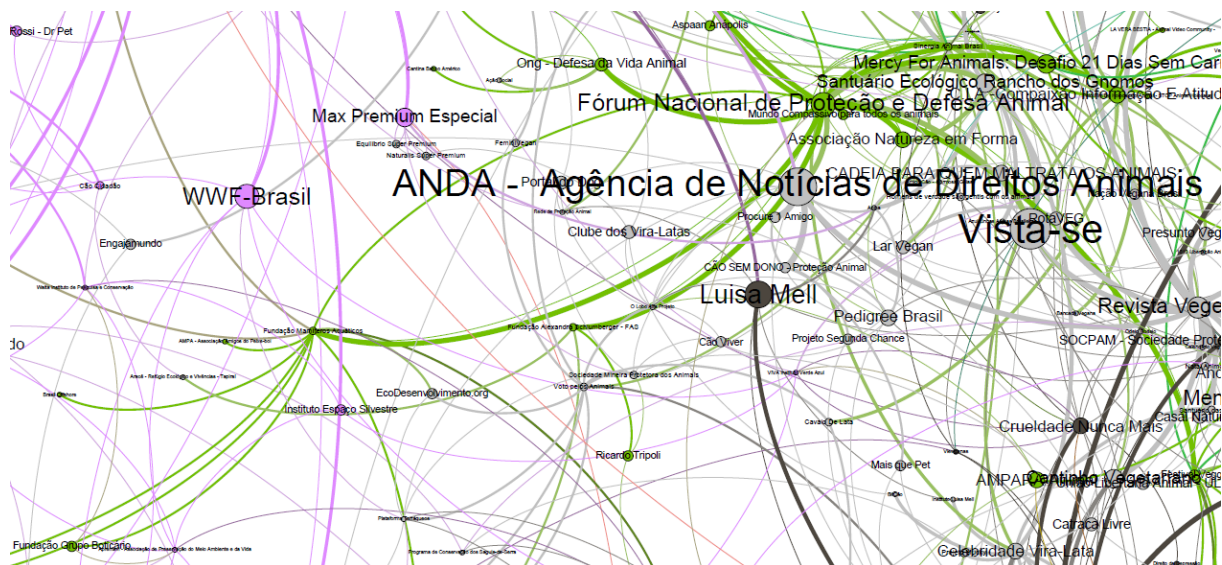
Figura 4: Rede Gephi - parte 2



Fonte: elaborada através do *software Gephi*

Próximo a esses grupos, foi formado outro grupo com atores semelhantes, com a Fórum Animal, a Sinergia Animal, algumas associações de proteção à animais domésticos, como a Arpa Brasil, a Associação Natureza em Forma e a Fundação Alexandra Schlumberger, o político e ambientalista Ricardo Tripoli, associações ambientais como a Fundação Mamíferos Aquáticos, a Fundação Grupo Boticário, instituição da empresa de mesmo nome voltada para conservação da natureza, como pode ser visto na figura 5.

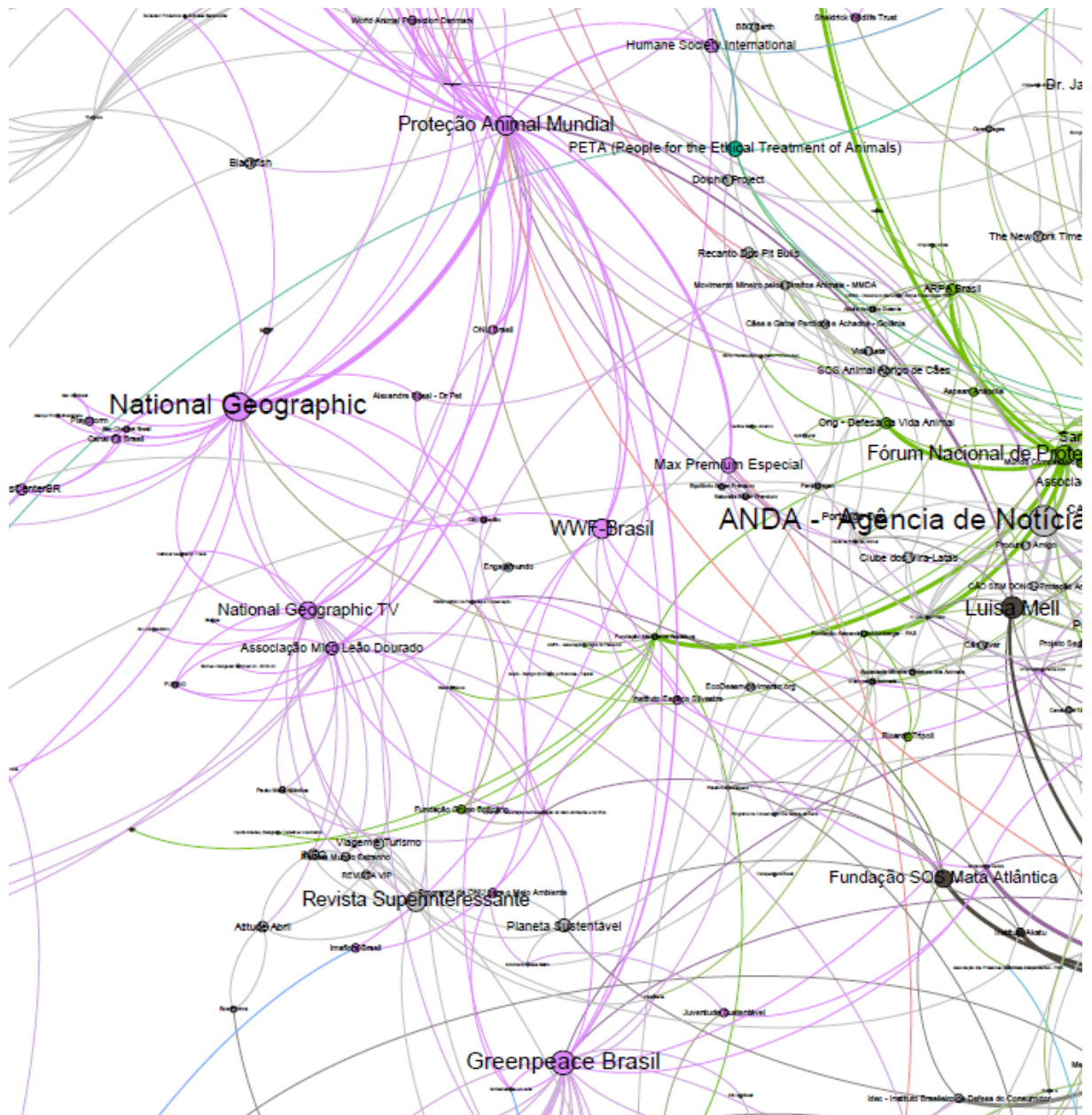
Figura 5: Rede Gephi - parte 3



Fonte: elaborada através do *software Gephi*

De forma um pouco mais periférica, associada a esses grupos já falados, apareceram outras organizações ambientais como a *Greenpeace Brasil*, a *WWF Brasil*, a *Associação Mico Leão Dourado*, ligadas à organização *Proteção Animal Mundial*. Nesse mesmo grupo ainda apareceram a *National Geographic*, a *ONU Brasil*, e outras organizações internacionais da causa animal como a *Humane Society International*, como pode ser visto na figura 6.

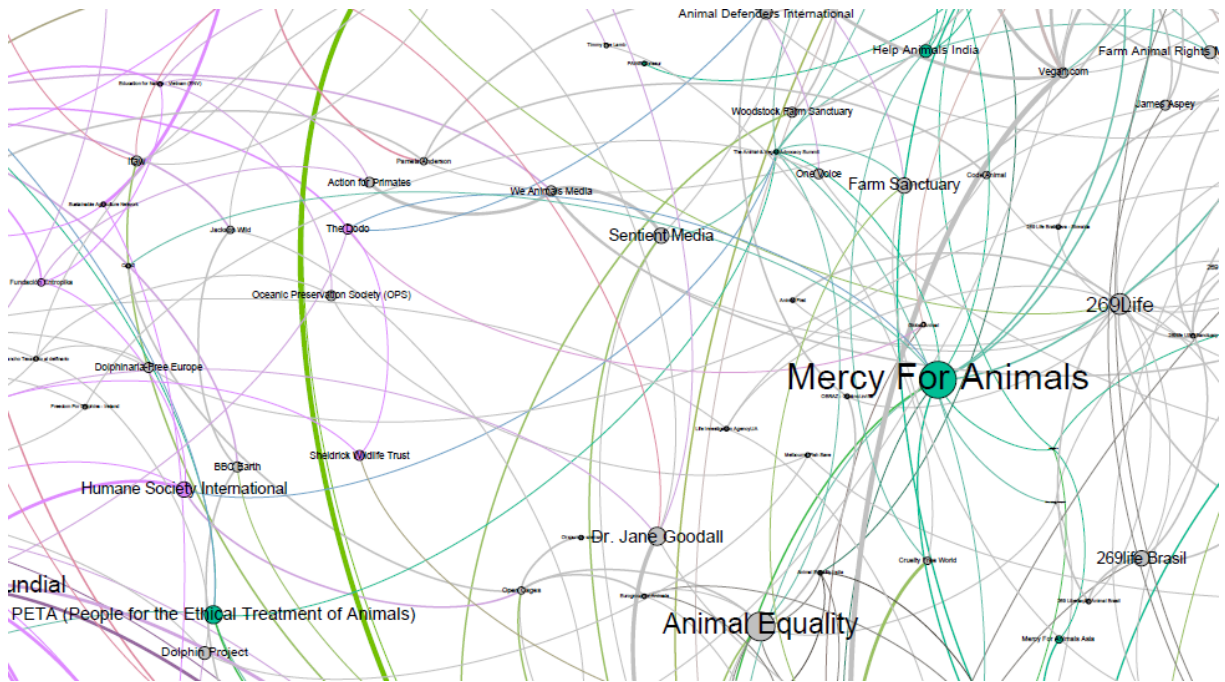
Figura 6: Rede Gephi - parte 4



Fonte: elaborada através do *software Gephi*

Outro grupo com várias organizações internacionais foi o formado pela *Mercy for Animals*, como a PETA (*People for the Ethical Treatment of Animals*), a *Help Animals India*, entre outras, como mostra a figura 7.

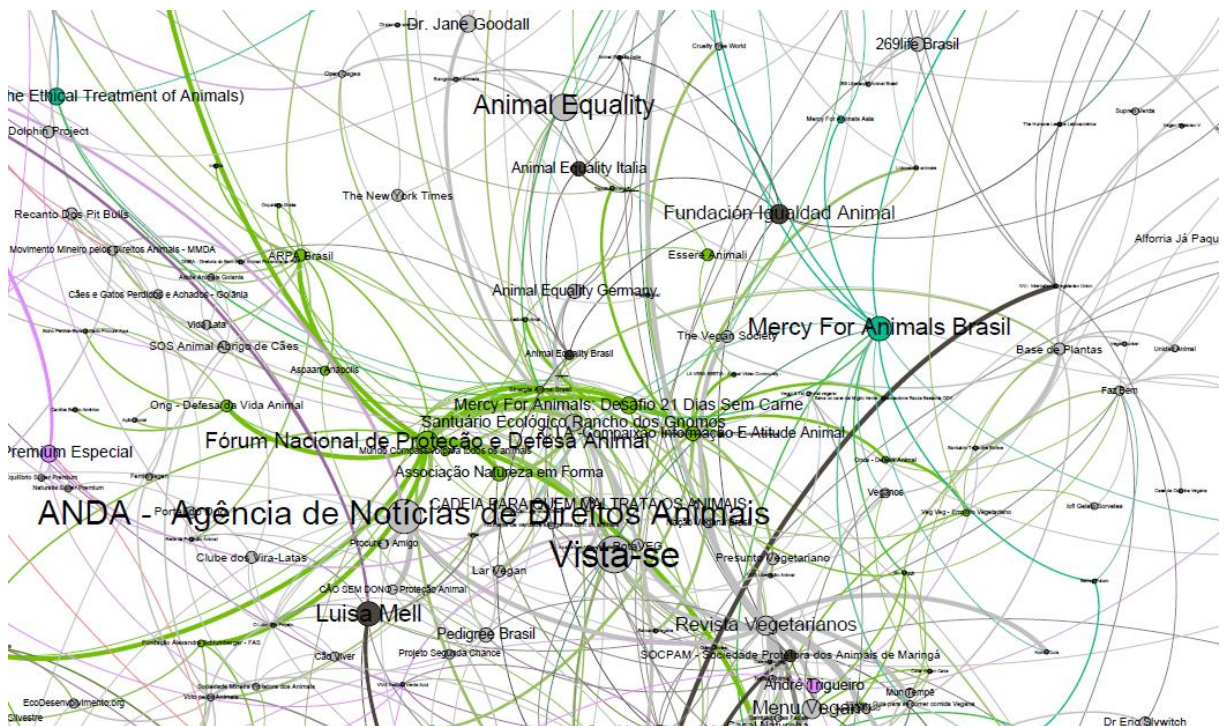
Figura 7: Rede *Gephi* - parte 5



Fonte: elaborada através do *software Gephi*

De forma mais dispersa na rede, como pode ser visto na figura 8, foi formado um grupo com alguns vinculadores de notícias e informações sobre o veganismo, como a ANDA – Agência de Notícias de Direitos Animais, o Portal Vista-se e a Revista Vegetarianos, além de páginas que divulgam receitas veganas, como a Presunto Vegetariano e a Menu Vegano.

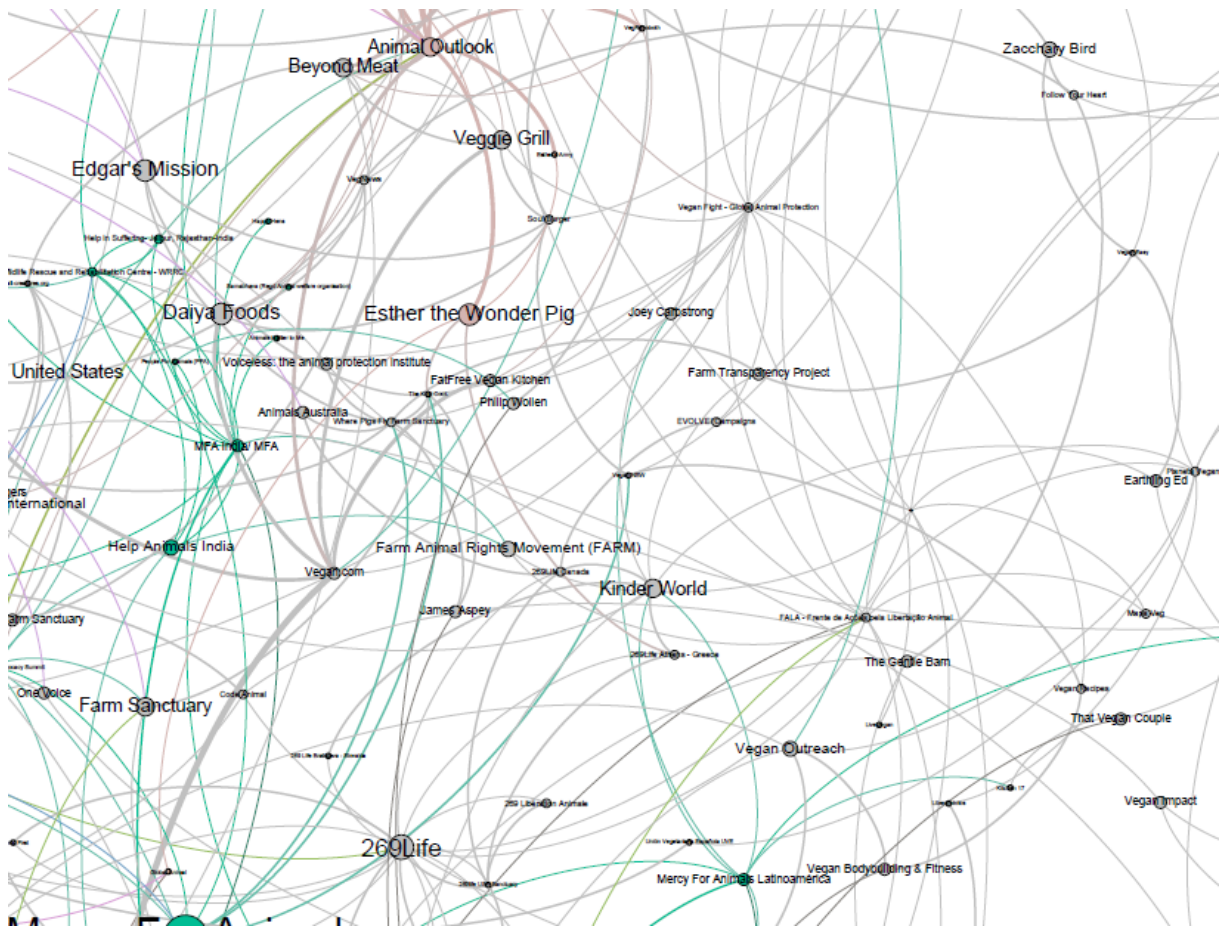
Figura 8: Rede *Gephi* - parte 6



Fonte: elaborada através do *software Gephi*

Nesse grupo, como mostrado na figura 9, ainda apareceram a primatologista Dr. Jane Goodall, o documentário sobre a alimentação a base de plantas, *The Game Changers*, algumas organizações estudadas como a *Animal Equality* e a FALA, alguns santuários animais como o Santuário Ecológico Rancho dos Gnomos, o *Edgar's Mission*, entre outros. Várias empresas ligadas à alimentação vegetal e ao estilo de vida vegano também apareceram nesse grupo, como a Superbom, de alimentos vegetais, a VeganForYou, uma agência de viagens focada em experiências veganas, a rede de restaurantes norte-americana *Veggie Grill*, a *Beyond Meat*, de carnes a base de plantas, a *Daiya Foods*, de alimentos alternativos os laticínios, o aplicativo de *reviews* de restaurantes veganos *Happy Cow*.

Figura 9: Rede *Gephi* - parte 7



Fonte: elaborada através do *software Gephi*

Em relação às organizações mais curtidas de acordo com a rede formada no Gephi, se destacaram a Sociedade Vegetariana Brasileira, a *World Animal Protection*, a *Mercy for*

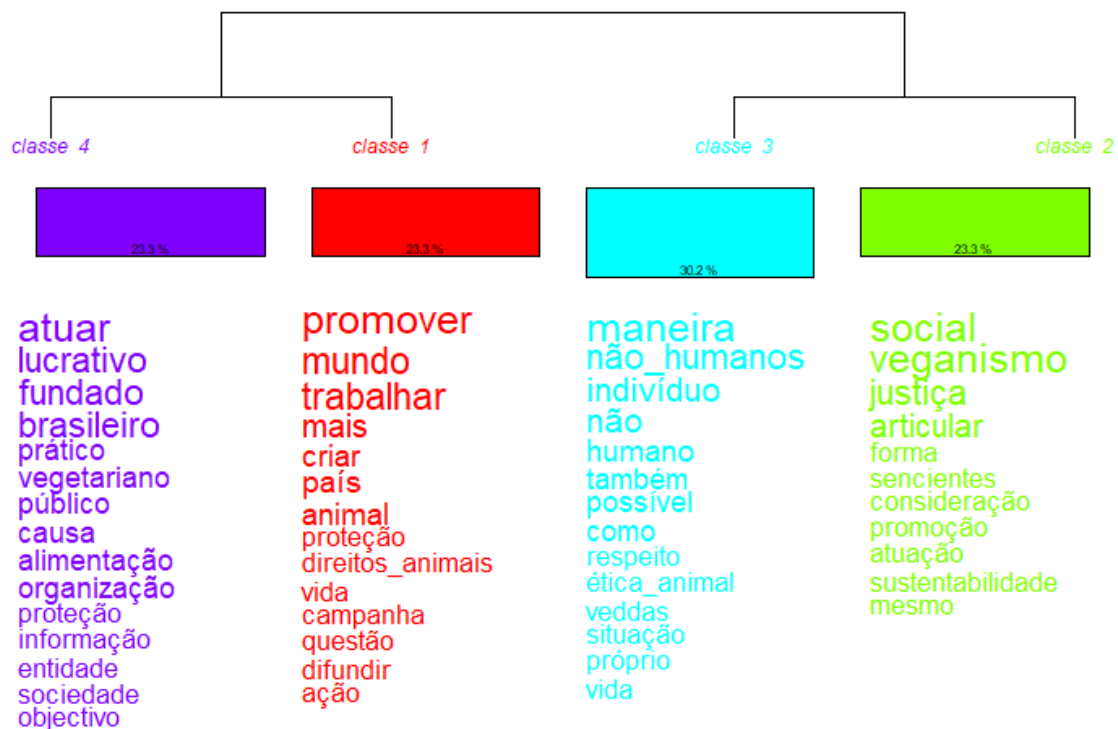
Animals e a *Animal Equality*. Essas organizações também são aquelas com mais seguidores segundo o levantamento inicial realizado, como apontado pelo quadro 7.

3.3.3 ANÁLISE DAS ORGANIZAÇÕES E SEUS PROJETOS

3.3.3.1 ANÁLISE DOS PROPÓSITO DAS ORGANIZAÇÕES

O método da classificação hierárquica descendente (CHD) dividiu os segmentos de textos extraídos das sessões “Quem Somos” / “Sobre Nós” dos sites das organizações em 4 *clusters* ou classes com vocabulários semelhantes internamente e diferente dos demais, como pode ser visto na figura 10.

Figura 10: Classes e suas palavras representativas da CHD



Fonte: Elaborado pela autora a partir do *software* IRAMUTEQ

A classe 1 foi formada por palavras como “promover”, “mundo” e “trabalhar” e tratou do papel das organizações em promover suas ações em favor dos animais e do veganismo, principalmente em relação ao alcance mundial delas, tanto que nessa classe foram mais comuns organizações internacionais. Dentre os segmentos de textos típicos dessa classe, fornecidos pelo IRAMUTEQ, estão os trechos a seguir:

Hoje, a *Animal Equality* é uma das organizações defensoras de animais de produção mais eficientes no mundo, trabalhando em quatro continentes em nome desses animais. Estamos presentes em países onde há mais oportunidades de criar mudanças sistemáticas e duradouras para os animais (ANIMAL EQUALITY BRASIL, 2022).

Também promovemos ações de alimentação solidária, distribuindo refeições veganas gratuitas em mais de 20 países para promover o veganismo e a solidariedade tanto para as pessoas como para os animais. Além disso, realizamos campanhas que colocam o movimento vegano nas manchetes em todo o mundo (GENERATION VEGAN, 2022).

Trabalhamos nos países do Sudeste Asiático e América Latina para diminuir o sofrimento dos animais explorados pela indústria alimentícia e para diminuir o consumo de produtos de origem animal, promovendo dietas mais compassivas e saudáveis (SINERGIA ANIMAL, 2022).

A classe 4 se mostrou semelhante à 1, essa proximidade pode ser inclusive vista no plano fatorial da figura 11. Porém essa classe foi mais focada em mostrar um pouco do funcionamento das organizações, destacando seus fins não lucrativos e campos de atuação em relação aos animais, como exemplificado nos segmentos a seguir:

O *Move Institute* é uma organização sem fins lucrativos fundada em 2009 com o objetivo de atuar em diversas questões relacionadas a causa animal, e em especial interações e problemas do convívio entre humanos e animais, tais como, venda, maus tratos, abandono, confinamento e exploração (MOVE INSTITUTE, 2022).

Fundada em 2003, a Sociedade Vegetariana Brasileira (SVB) é uma organização sem fins lucrativos que promove a alimentação vegana como uma escolha ética, saudável, sustentável e socialmente justa (SOCIEDADE VEGETARIANA BRASILEIRA, 2022).

(...) geógrafos e pesquisadores, que dão suporte no desenvolvimento de ações de proteção e defesa animal. Além de atuar junto a nossas 140 afiliadas, que promovem o cuidado direto aos animais, mantemos uma presença forte no Congresso Nacional, Assembleias Legislativas para influenciar o desenvolvimento de políticas públicas brasileiras em favor dos animais (FÓRUM ANIMAL, 2022).

A classe 2, com palavras representativas como “social”, “veganismo” e “articular” uniu os segmentos de texto que falavam da articulação do veganismo com outras lutas, para consideração dos direitos de animais humanos e não humanos levando em consideração questões de gênero, raça, e justiça social. Os segmentos de texto típicos dessa classe, fornecidos pelo *software*, evidenciam esses posicionamentos:

Acreditamos que o veganismo deve se articular a outras lutas por justiça social e ser disseminado de uma forma acessível e popular (UNIÃO VEGANA DE ATIVISMO, 2022).

Uma entidade que busca apresentar o conceito de direitos animais como o mais completo na atualidade relacionado à cultura de paz, sustentabilidade e justiça social, pois a defesa dos direitos animais engloba não somente a defesa dos animais sencientes de outras espécies contra o especismo (...) (FRENTE DE AÇÕES PELA LIBERTAÇÃO ANIMAL, 2022).

(...) preparam e entregam refeições completas sem origem animal (veganos), com água mineral e frutas distribuindo à população em situação de vulnerabilidade social na cidade de São Paulo (ONG COLMEIA VEGAN, 2022).

A classe 3, com palavras como “humano”, “não humano”, “indivíduo” e “ética animal” ressaltam a forma como os animais são tratados e entendidos pelos humanos e como a

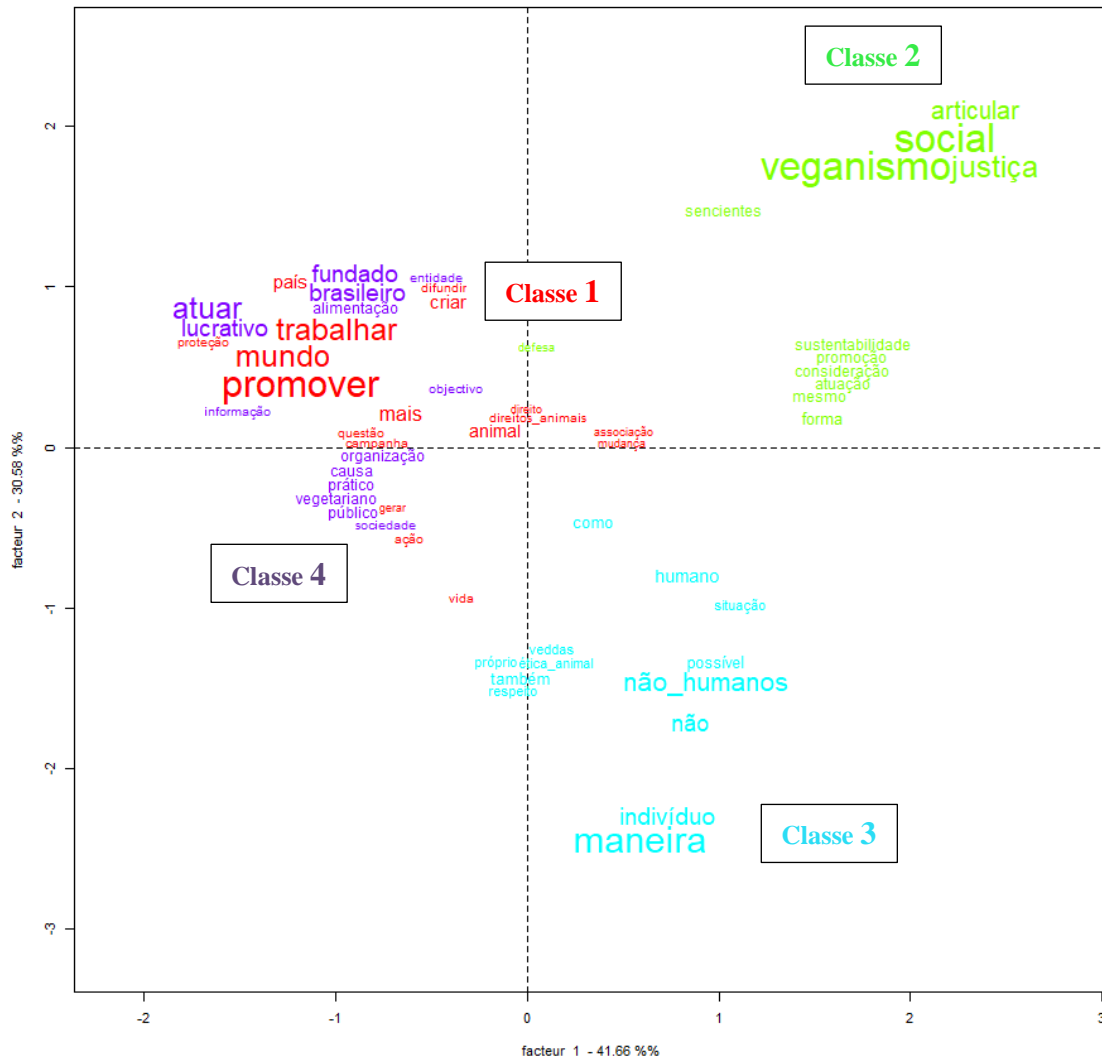
conscientização das pessoas é importante para mudar isso, como também evidenciado pelos segmentos de texto a seguir.

Nosso trabalho lida com a maneira em que os animais não humanos são considerados no dia a dia, e também como eles são considerados em áreas que afetam atitudes e atividades humanas que são relevantes para os animais (ÉTICA ANIMAL, 2022).

O VEDDAS entende que através da sensibilização e conscientização do indivíduo é possível gerar uma mudança efetiva na maneira como os animais não humanos são tratados em nossa sociedade (VEDDAS, 2022).

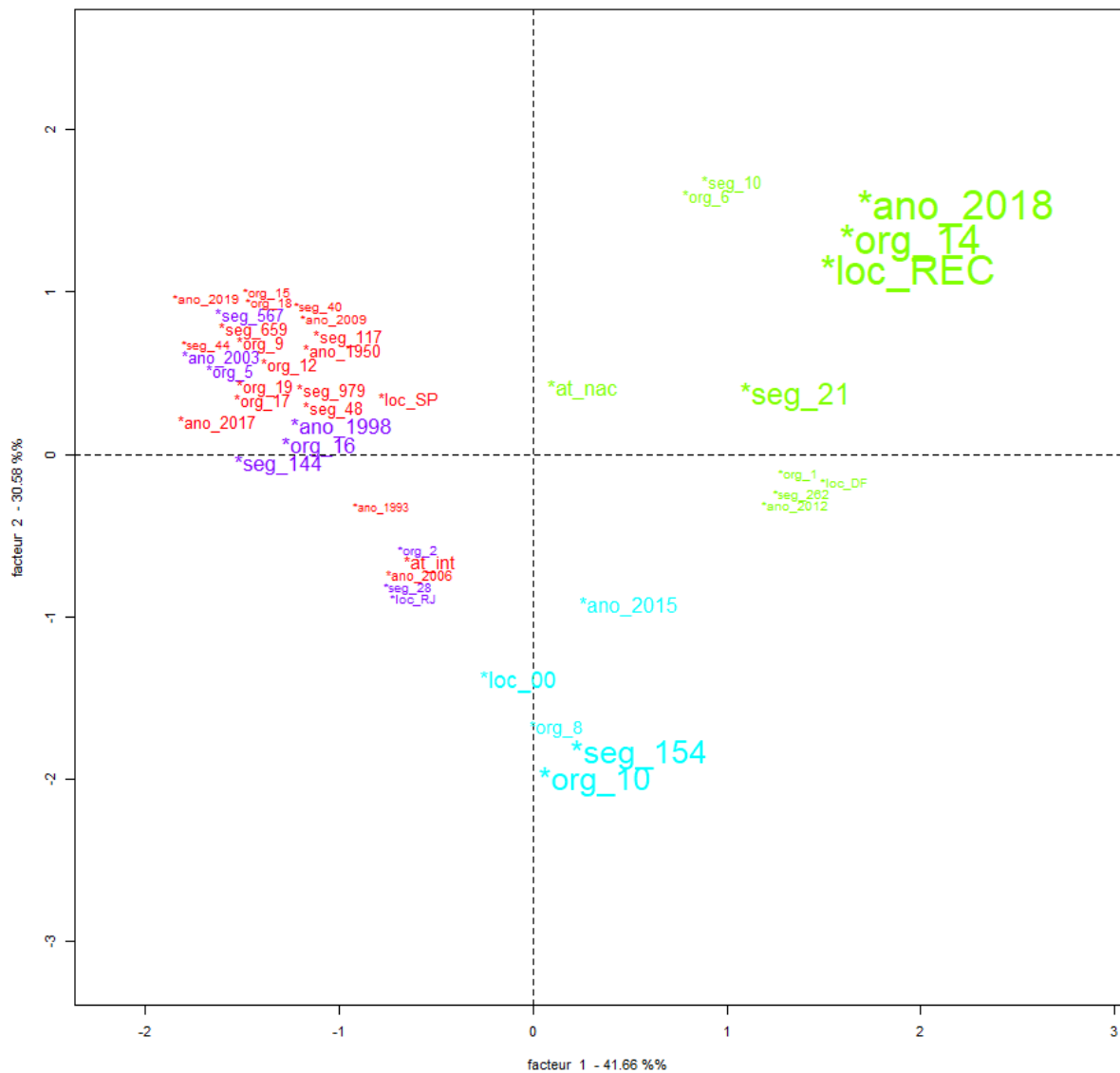
A figura 11 mostra como as classes ficaram dispostas em um plano fatorial. Já em relação às organizações presentes em cada classe, a figura 12 mostra a posição de cada variável utilizada para classificar as organizações antes do IRAMUTEQ. Na classe 1, foi presente a característica “at_int” que indica aquelas organizações com atuação internacional, como a *Generation Vegan*, a *World Animal Protection*, a Sinergia Animal Brasil e a *Animal Equality* Brasil. Além dessas organizações, também foram destacadas as organizações *Move Institute* e Arca Brasil nessa classe. Na classe 4, bem próxima da classe 1, apareceram as organizações Sociedade Vegetariana Brasileira, Fórum Animal e Fala Bicho. Essas foram as classes com maior número de organizações, aparecendo como centrais na análise dos textos de apresentação das organizações. Nas classes 3 e 4, periféricas nessa análise, se destacaram as organizações União Vegana de Ativismo, ONG Colmeia Vegan, FALA, VEDDAS e *Animal Ethics*. Em termos de discursos, isso demonstra como a discussão da justiça social e ambiental no veganismo e a consideração moral dos animais apareceram menos nas apresentações das organizações estudadas do que o destaque das formas de atuação, principalmente internacional, das mesmas.

Figura 11: Distribuição das palavras por classe no plano fatorial



Fonte: Elaborado pela autora a partir do *software* IRAMUTEQ

Figura 12: Distribuição de variáveis no plano fatorial

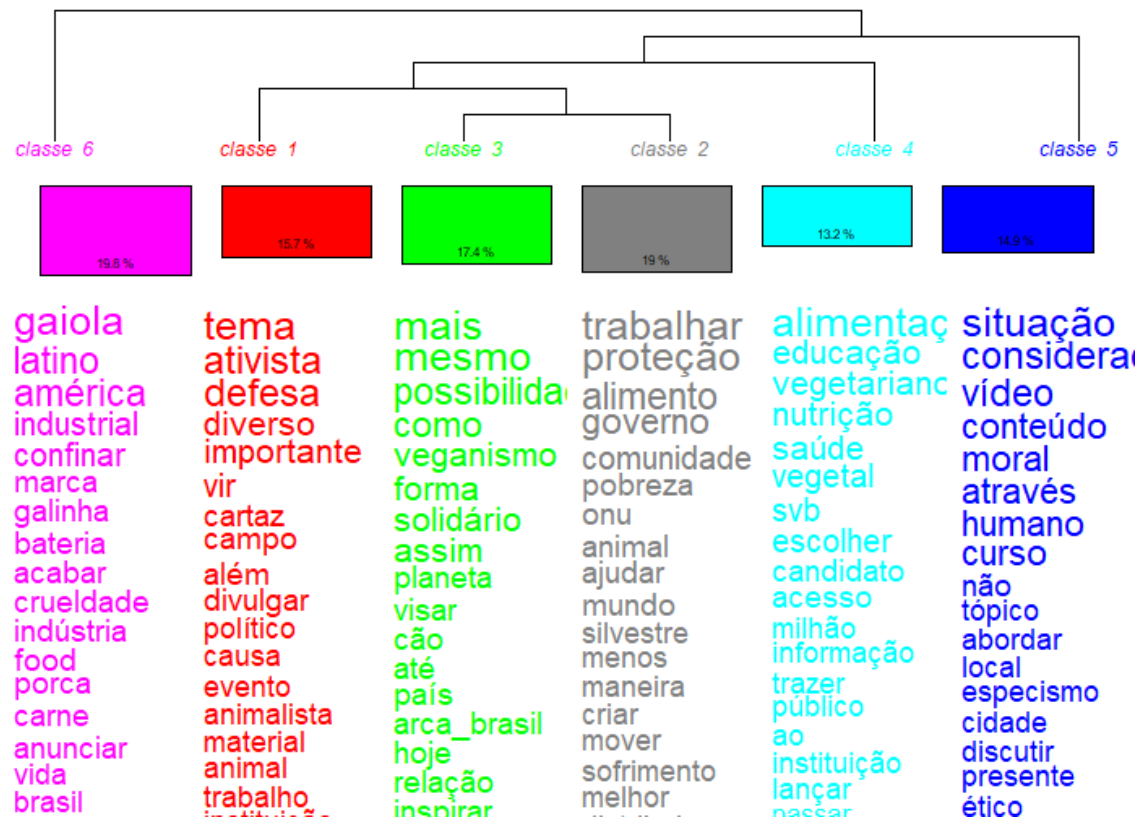


Fonte: Elaborado pela autora a partir do *software* IRAMUTEQ

3.3.3.2 PROJETOS DESENVOLVIDOS PELAS ORGANIZAÇÕES

Foi selecionada uma lista de 43 projetos das organizações estudadas, segundo a disponibilidade de informações nos sites delas, sendo que cada organização foi representada por pelo menos 1 projeto. A descrição desses projetos também foi analisada através do *software* IRAMUTEQ pelos métodos de classificação hierárquica descendente e análise fatorial de correspondência. As classes obtidas podem ser vistas na figura 13.

Figura 13: Classes e suas palavras representativas da CHD para os projetos analisados



Fonte: Elaborado pela autora a partir do software IRAMUTEQ

A classe 1 ressaltou o ativismo dessas organizações, com campanhas em favor dos direitos animais e contra o especismo, como os segmentos de texto indicaram:

Use máscara PFF2 e álcool 70%. Emprestaremos cartazes e faixas a ativistas. Forneceremos materiais para distribuição ao público. Utilize camiseta relacionada ao tema, se possível. Não leve cães. Se tiver megafone, leve (NAÇÃO VEGANA BRASIL, 2022).

O braço do *Move Institute* destinado a criação de campanhas contra o uso de pele animal foi batizado de *No Fur*, são desenvolvidas diversas ações de conscientização sobre tema, são exposições, manifestos, ensaios fotográficos, entre outras iniciativas que já nos renderam importantes vitórias neste tema (MOVE INSTITUTE, 2022).

(...) entrevistas com políticos, jornalistas, artistas, escritores, ministros, prefeitos, embaixadores e ativistas da defesa animal (do Brasil e do exterior) e prestação de serviços divulgando campanhas de adoção de animais de ONG's e protetores independentes (...) (FALA BICHO, 2022).

A classe 2 tratou da relação das organizações com outros atores importantes para o alcance de seus objetivos em favor da causa animal, como corporações, governos, comunidades e celebridades, como evidenciado pelos segmentos de texto típicos destacados a seguir:

Nosso objetivo é colocar a proteção animal no centro da tomada de decisão global e ajudar os governos a ver como a proteção animal beneficia a economia, o meio ambiente, a produção de alimentos e a estabilidade social. Estamos trabalhando diretamente com a ONU para colocar os animais na agenda global (WORLD ANIMAL PROTECTION, 2022).

Por meio do nosso departamento de relações corporativas, trabalhamos com algumas das maiores empresas do mundo para implementar políticas de proteção animal mais compassivas. Essas políticas ajudam a alcançar avanços significativos no tratamento dado aos animais (ANIMAL EQUALITY BRASIL, 2022).

Nosso time de Engajamento Social trabalha para dar visibilidade à causa animal nas grandes mídias (tradicionais e digitais), conquistando o apoio de celebridades e influenciadores para que deem voz aos animais, (...) (MERCY FOR ANIMALS, 2022).

A classe 3 tratou de projetos que tentam alterar as formas como os animais são vistos e tratados, além da apresentação do veganismo como uma possibilidade, como destacado nos segmentos de texto a seguir:

Entendemos que era um momento para agir dentro das nossas possibilidades em apoio às pessoas mais afetadas pela crise e atuar contribuindo para o veganismo como uma ação solidária (GENERATION VEGAN, 2022).

Nosso departamento de Políticas Corporativas trabalha com grandes e pequenas empresas visando conseguir o comprometimento para banir as práticas que mais causam sofrimento animal em suas cadeias de suprimentos, ao mesmo tempo em que inspira empresas a verem os animais como mais do que máquinas de produção (MERCY FOR ANIMALS, 2022).

Nessa ampla rede, com representantes de diferentes regiões do país, a UVA tem como cerne a concepção de que o veganismo deve se articular a outras lutas por justiça social e disseminado de uma forma acessível e popular (UNIÃO VEGANA DE ATIVISMO, 2022).

Na medida em que a humanidade progride, também deve progredir a forma como nos relacionamos com as outras espécies (ARCA BRASIL, 2022).

A classe 4 uniu projetos relacionados à defesa da alimentação vegetariana, como destacado a seguir:

Um dos desdobramentos da adesão ao movimento é a implementação da alimentação escolar vegetariana presente desde 2011 nas escolas municipais de São Paulo, escolas os alunos da rede pública do município de São Paulo têm acesso à refeições 100% livres de produtos animais, trazendo grande impacto positivo (SOCIEDADE VEGETARIANA BRASILEIRA, 2022).

Nossos esforços de educação do público ajudam a conscientizar milhões de pessoas em todo o mundo. Nós as educamos sobre a realidade que os animais de produção enfrentam diariamente e as ajudamos a escolher opções de alimentação mais compassivas (ANIMAL EQUALITY BRASIL, 2022).

Em 2019, com o apoio de Paul McCartney e muitas outras celebridades, cientistas e ambientalistas, oferecemos ao Papa Francisco US\$ 1 milhão em doação a uma instituição de caridade que ele escolhesse se ele experimentasse uma alimentação 100% vegetal na Quaresma (GENERATION VEGAN, 2022).

A classe 5 aborda projetos que focam na consideração moral de animais humanos e não humanos:

Ações socioambientais e educacionais e ativismo de resistência pacífica presente em locais e situações onde os direitos de qualquer ser, humano e não humano, estejam sendo violados através da união de voluntários (ONG COLMEIA VEGAN, 2022).

O curso aborda tópicos clássicos, como o especismo, os argumentos a favor da consideração moral de todos os seres sencientes e o dano da morte para os animais não humanos, mas também

aborda tópicos que começaram a ser mais amplamente discutidos somente nos últimos anos (...) (ÉTICA ANIMAL, 2022).

A partir da necessidade de promover o veganismo como um movimento social, em defesa da consideração moral de todos os animais, humanos e não humanos, a UVA tem se consolidado e expandido no decorrer dos últimos anos (UNIÃO VEGANA DE ATIVISMO, 2022).

A classe 6 engloba projetos voltados para o bem-estar de animais de consumo, como a criação de galinhas e porcas livre de gaiolas, e a crueldade na indústria de peles.

Mais de 90% das centenas de milhões de galinhas utilizadas na produção industrial de ovos no Brasil e na América Latina passam suas vidas inteiras confinadas nas chamadas gaiolas em bateria. Nelas, as aves não podem sequer caminhar ou abrir suas asas (SINERGIA ANIMAL, 2022).

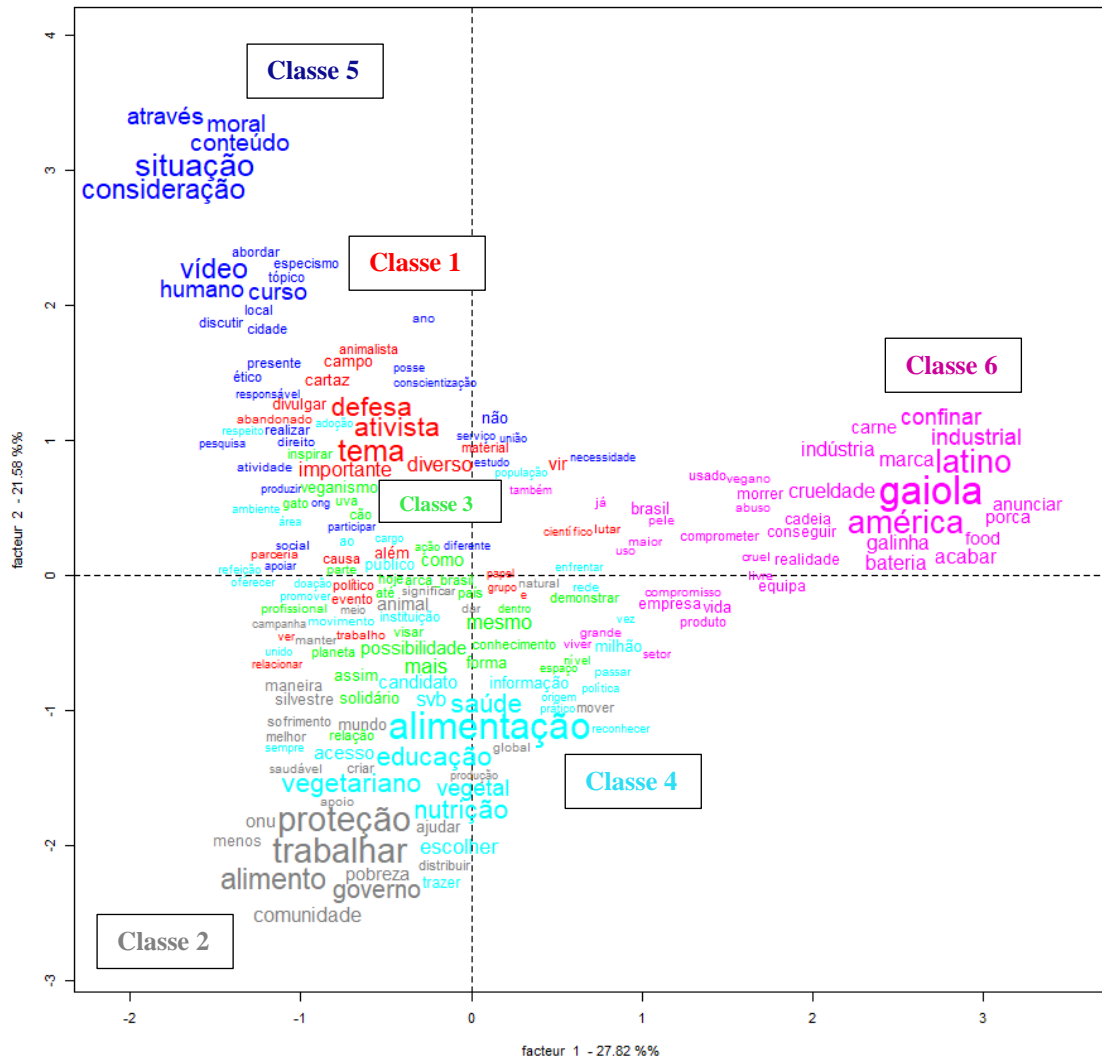
As granjas industriais ignoram totalmente as necessidades desses animais. No Brasil e na América Latina, milhões de porcas reprodutoras, usadas para parir leitões, são confinadas em gaiolas de gestação por praticamente toda a vida (SINERGIA ANIMAL, 2022).

O Brasil é o segundo maior produtor de peles de chinchila no mundo. Os animais usados pela indústria das peles, passam suas vidas confinados em minúsculas gaiolas em condições deploráveis. Adquirem comportamentos neuróticos como automutilação e canibalismo (MOVE INSTITUTE, 2022).

Atrás de portas fechadas e longe dos olhos do público, as fazendas industriais exploram e matam cerca de 6 bilhões de animais por ano no Brasil. As investigações secretas da *Mercy For Animals* nessas fazendas e em abatedouros expõem a realidade brutal dessa indústria cruel e violenta (MERCY FOR ANIMALS, 2022).

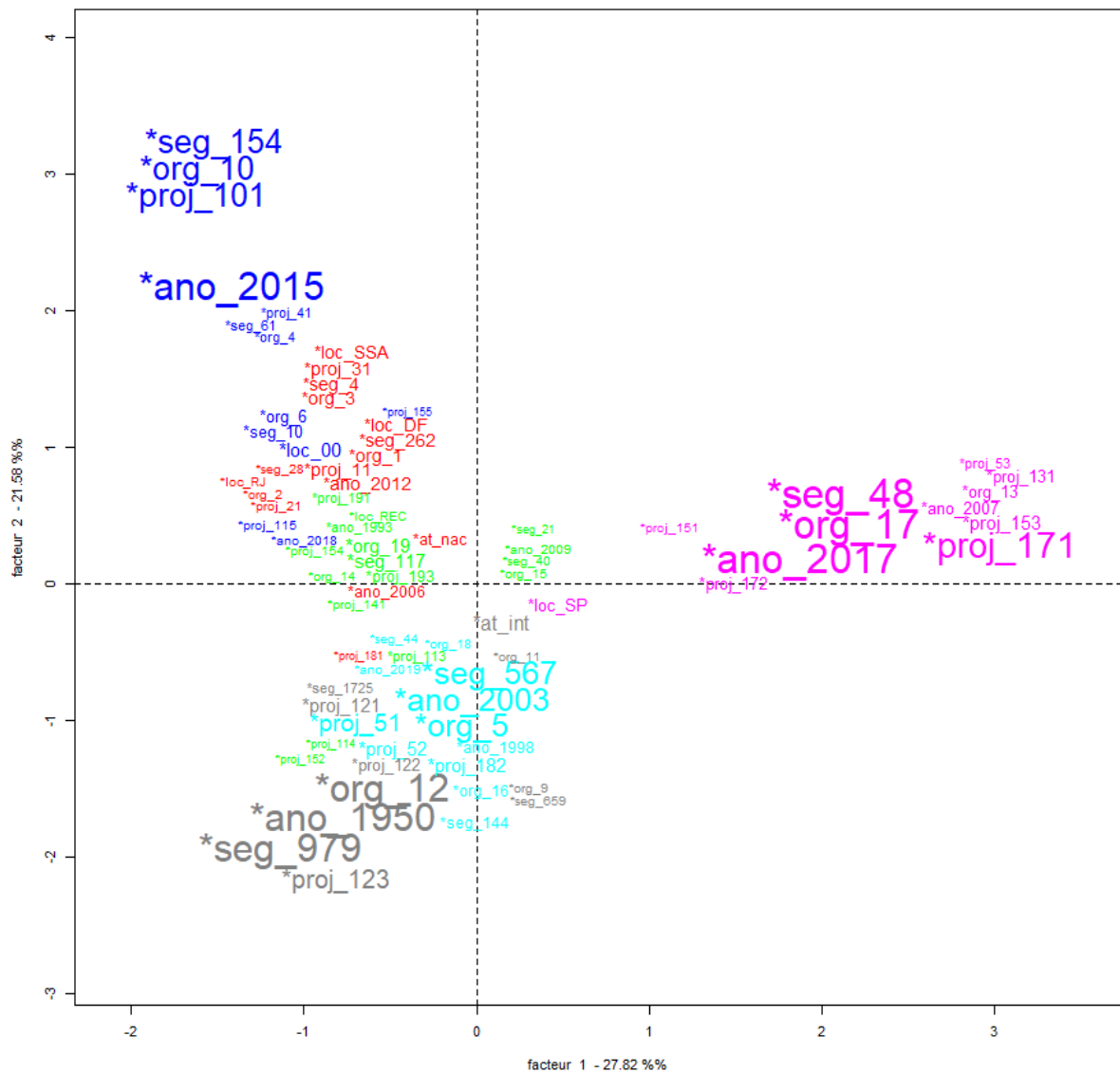
Ao se analisar a disposição das palavras de cada classe em um plano fatorial, presente na figura 14, foi possível perceber que as classes 1, 5 e 6 apareceram mais afastadas das demais, enquanto as classes 2, 3 e 4 ficaram muito próximas. Se tratando das organizações presentes em cada classe, a figura 15 exhibe no plano fatorial como essas organizações e suas características estão dispostas espacialmente. No quadro 8, foram consolidadas as organizações que apareceram em cada cluster indicado na figura 15. Somadas, as classes 2, 3 e 4 concentraram a maior parte das organizações estudadas, o que indica que os projetos que tratavam do ativismo direto, da consideração moral e do bem-estar animal ocupam uma posição mais periférica no movimento em comparação com os projetos que citavam a relação com outros atores, a mudança na forma como o veganismo e os animais são vistos e a alimentação vegetariana.

Figura 14: Distribuição das palavras por classe no plano fatorial para os projetos analisados



Fonte: Elaborado pela autora a partir do software IRAMUTEQ

Figura 15: Distribuição de variáveis no plano fatorial



Fonte: Elaborado pela autora a partir do software IRAMUTEQ

Quadro 8: Organizações por cluster

Número	Organização	Classe
1	Frente de Ações pela Libertação Animal (FALA)	1
2	Fala Bicho	1
3	Instituto Abolicionista Animal	1
11	Mercy for Animals (MFA)	2
12	World Animal Protection	2
9	Animal Equality Brasil	2
19	Arca Brasil	3
15	Move Institute	3

14	União Vegana de Ativismo	3
5	Sociedade Vegetariana Brasileira (SVB)	4
16	Fórum Animal	4
18	Generation Vegan	4
10	Animal Ethics	5
4	Nação Vegana Brasil	5
6	ONG Colmeia Vegan	5
17	Sinergia Animal Brasil	6
13	Associação Brasileira de Veganismo	6
8	Veddas	NA
7	Vanguarda Abolicionista	NA

Fonte: Elaborado pela autora a partir do software IRAMUTEQ

De forma geral, as duas análises realizadas no IRAMUTEQ, a primeira com os textos de apresentação das organizações e a segunda com seus projetos, apontam que a maior parte dos discursos dessas organizações gira em torno da atuação eficiente e geralmente mundial delas, da alimentação vegetariana e do envolvimento com outros atores para conseguir melhores resultados em favor dos animais. Discursos como a associação do veganismo com outros movimentos por justiça ambiental e social, ativismo direto, a consideração moral e o bem-estar animal apareceram de forma mais isolada nas análises.

3.4 DISCUSSÃO: ORGANIZAÇÕES EM PROL DO VEGANISMO NO CONTEXTO DE TRANSIÇÕES PARA A SUSTENTABILIDADE

3.4.1 PODER E POLÍTICA EM TRANSIÇÕES

Nos discursos das organizações, foi possível perceber várias visões sobre o veganismo e a defesa dos animais. Algumas delas ampliaram a luta de defesa dos animais não humanos para também dos humanos contra opressões e discriminações e do meio ambiente contra a degradação, ligando o veganismo a um conceito mais amplo de sustentabilidade e o encarando com uma perspectiva interseccional. A Frente de Ações pela Libertação Animal, a Nação Vegana Brasil, a Colmeia Vegan e a União Vegana de Ativismo utilizaram esse discurso. A apresentação do veganismo de forma acessível e popular também foi presente nas falas da Associação Brasileira de Veganismo e da União Vegana de Ativismo. Essa abordagem inclusive, contribui para que ele seja considerado sustentável, já que a falta de aceitação cultural, de acessibilidade e de impacto social eram fatores que dificultavam essa consideração segundo Garcia-Alvarez-Coque et al., (2021) e Van Dooren et al., (2014).

Outras organizações destacaram como a luta pelos direitos animais não humanos traz benefícios para os animais humanos e o meio ambiente, como a VEDDAS, a Sociedade Vegetariana Brasileira e a *Generation Vegan*, ao associarem a alimentação a base de plantas a uma escolha com benefícios éticos, ambientais, pessoais e à saúde pública, sendo sustentável e socialmente justa, e a *Mercy for Animals*, ao defender seu combate ao sistema alimentar vigente baseado na exploração dos animais.

Outro discurso comum nas organizações estudadas foi a tentativa de alterar a forma como os animais são vistos pela sociedade para que a maneira como eles são tratados seja alterada. Várias delas falaram de questões relacionadas ao especismo, aos direitos e à consideração moral que os animais não humanos devem ter, como a Ética Animal, o Instituto Abolicionista Animal e a Vanguarda Abolicionista. A ideia de proteção animal ao sofrimento desnecessário, principalmente os de produção, também apareceu nos discursos de organizações como a *World Animal Protection*, a *Animal Equality*, a *Mercy for Animals*, a Sinergia Animal e a Fórum Animal.

Apesar de menos comum, a proteção dos animais silvestres e vida marinha também foi tratada pelas organizações, como citado pela *World Animal Protection*, pelo *Move Institute* e pela Fórum Animal, corroborando para a visão de que os movimentos de defesa dos animais de consumo e o de conservação da fauna não possuem tanta relação (VISSEREN-HAMAKERS, 2018). A adoção e a posse responsável de cães e gatos também foram menos comuns, mas apareceram nos discursos da Fala Bicho, da *Move Institute* e da Arca Brasil, evidenciando que o movimento de proteção dos animais domésticos também não está tão ligado como os outros citados.

3.4.2 GOVERNANDO TRANSIÇÕES

De forma geral, as organizações ressaltaram seus trabalhos com outros atores, como a sociedade, governos e empresas em favor dos animais. Uma ação presente nas organizações foi a tentativa delas de levar seus pontos de defesas à órgãos governamentais. Um projeto recorrente nesse sentido em ano eleitoral foi a criação de cartas compromisso com pontos de defesa da causa animal e da alimentação vegetariana para que candidatos a cargos estaduais e federais nas eleições de 2022 manifestem seu apoio a esses pontos e seu compromisso de atuar neles caso sejam eleitos, para então divulgar suas candidaturas. A Frente de Ações pela Libertação Animal, a Sociedade Vegetariana Brasileira e a União Vegana de Ativismo criaram

documentos nesses moldes. Outra forma de atuar nesse sentido foi trazida pela *Animal Equality*, a Fórum Animal, a *Mercy for Animals* e a *World Animal Protection*, ao trabalharem com governos para tentar implementar e melhorar leis que beneficiem os animais.

Outra área em que as organizações tentaram atuar foi a área acadêmica, como exemplo do Instituto Abolicionista Animal, que organiza um congresso de bioética e direitos animais para unir pesquisadores, ativistas e simpatizantes da causa para fomentar pesquisas e discussões. A Ética animal também atua nesse sentido, com a realização de um curso sobre a consideração moral de animais não humanos em parceria com uma universidade federal. Se tratando da área da educação em geral, a Fórum Animal também oferece uma capacitação à professores e outros funcionários da educação nos níveis infantil, fundamental e médio sobre a educação ambiental humanitária em bem-estar animal para que eles conscientizem seus alunos.

Quanto ao envolvimento de celebridades e influenciadores, algumas organizações destacaram o apoio deles aos seus projetos, como a *Generation Vegan*, a *Animal Equality*, e a *Move Institute*, seja com a indicação deles nos textos de seus projetos, ou em áreas específicas de seus sites. A *Mercy for Animals* por sua vez, possui uma área, a de engajamento social, voltada para dar visibilidade à causa animal nas grandes mídias tradicionais e digitais e conseguir apoio de celebridades e influenciadores. Já a *Generation Vegan* utiliza o alcance de qualquer ação que envolva líderes e personalidades mundiais para desafiá-los a seguir uma alimentação 100% vegetal por um período em troca de 1 milhão de reais para uma causa apoiada por eles. Mesmo o desafio não sendo aceito, as manchetes geradas podem incentivar pessoas a mudarem seus hábitos.

Várias organizações possuem projetos voltados para a divulgação e discussão de informações para que as pessoas mudem sua visão de atividades que utilizam animais, como o blog “O Grito do Bicho” da Fala Bicho; a organização de atos, manifestações, petições, panfletagem e outras formas de ativismo, como feito pela Nação Vegana, pela Colmeia *Vegan*, pela Vanguarda Abolicionista, pela VEDDAS e pelo *Move Institute*; a realização de cursos, palestras e workshops sobre o veganismo e os direitos animais, como realizado pela ONG Colmeia *Vegan*, pela Fala Bicho e pela Ética Animal; e a organização de grupos de estudo, como feito pela VEDDAS. Ainda há projetos focados em captar recursos para ONGs e santuários que cuidam de animais, como praticado pelo Colmeia *Vegan*.

3.4.3 SOCIEDADE CIVIL, CULTURA E MOVIMENTOS SOCIAIS EM TRANSIÇÕES

Sobre o entendimento do veganismo como movimento e a organização interna dele, a União Vegana de Ativismo defendeu em seu discurso a consideração dele como um movimento social e sua articulação com outras lutas por justiça social. Já a *Mercy for Animal* apresentou um projeto voltado para capacitar e ampliar o mesmo, para torná-lo mais sustentável, escalável e efetivo, através da capacitação de pessoas e da colaboração com outros movimentos. Esses passos são importantes justamente porque o veganismo foi considerado um movimento com dificuldades de estruturação, internacionalização e de diálogo com outros movimentos (MARLETTO; SILLIG, 2019; MORRIS; KIRWAN, 2006).

Algumas organizações estudadas, porém, quiseram mostrar que não apresentam essas dificuldades apontadas em pesquisas anteriores, e ressaltaram a atuação que estão tendo, como a Sociedade Vegetariana Brasileira, que destacou em sua apresentação o reconhecimento que recebeu da *Animal Charity Evaluators* como uma das ONGs mais eficazes do mundo; a *Animal Equality*, que também chama a atenção para o fato de ser uma das organizações mais eficientes do mundo na defesa dos animais de produção; e a *World Animal Protection*, outra organização que ressaltou seu conhecimento, expertise, alcance e influência mundial.

3.4.4 ORGANIZAÇÕES E INDÚSTRIAS EM TRANSIÇÕES PARA A SUSTENTABILIDADE

Uma forma das organizações envolverem empresas foi através da certificação de produtos aptos para veganos, sejam alimentos, cosméticos, produtos de higiene, entre outros. A Sociedade Vegetariana Brasileira e a Associação Brasileira de Veganismo oferecem selos veganos. Uma característica desses selos destacada pelas organizações é que eles são oferecidos à um produto específico, e não à empresa como um todo, reforçando a visão de que as empresas estão passando a oferecer produtos alternativos para esse mercado, mas não alterando sua atuação como um todo (FUENTES; FUENTES, 2017) e de que as organizações não necessariamente se importam com essa contradição (MARLETTO; SILLIG, 2019; MORRIS; KIRWAN, 2006).

As organizações ainda possuem projetos focados em relações corporativas para tentar alterar as formas como os animais são tratados na cadeia de suprimentos de empresas, como feito pela *Animal Equality*, a *Mercy for Animals*, a *World Animal Protection* e a Sinergia

Animal, em temas como o uso de gaiolas para galinhas e porcas. Mas nem todas essas interações ocorrem de forma amigável, também ocorre a investigação e divulgação das práticas de fazendas industriais através de vídeos e imagens captados de forma escondida, para chocar e conscientizar as pessoas sobre o sofrimento animal nesses ambientes, como feito pela *Animal Equality* e a *Mercy for Animals*.

3.4.5 TRANSIÇÕES NA PRÁTICA E NA VIDA COTIDIANA

Como a alimentação ocupa um papel importante ao se tratar de veganismo, várias organizações possuem projetos voltados para a divulgação de informações e o incentivo da alimentação vegetariana, como a *Move Institute* com a divulgação de receitas; a Sociedade Vegetariana Brasileira, com foco principal em promover a alimentação vegana com projetos como a campanha Segunda Sem Carne, criada com o intuito de conscientizar a população sobre os impactos do consumo de carne e incentivar a retirada dela do prato em um dia da semana; a Sinergia Animal, com a tentativa de promover dietas vegetais; e a *Generation Vegan*, com divulgação de informações sobre nutrição vegetal, dicas e programas para um estilo de vida vegano.

3.4.6 GEOGRAFIA DE TRANSIÇÕES: ESPAÇOS, ESCALAS, LOCAIS

Se tratando da escala de atuação, algumas organizações destacaram seus papéis globais na defesa dos animais, como a *World Animal Protection* e a *Animal Equality*, focadas principalmente na proteção dos animais de produção, e a *Generation Vegan*, voltada para promoção da alimentação a base de plantas, indicativo de que as organizações em defesa do veganismo podem ter começado a superar a dificuldade de internacionalização que foi apontada em outros estudos (MARLETTO; SILLIG, 2019).

Quanto à espaços, algumas organizações destacaram a importância de não só alterar práticas individuais de consumo, como a Sociedade Vegetariana Brasileira, que defendeu não só a mudança individual na alimentação, mas também uma mudança institucional, tendo inclusive desenvolvido o projeto que garantiu a alimentação vegetariana em escolas municipais de São Paulo, além de buscar tornar mais fácil o acesso à produtos e serviços veganos. A alimentação a base de plantas em escolas, se bem planejada, pode fortalecer uma transição alimentar sustentável, especialmente se associada ao consumo de alimentos locais e de práticas agrícolas ecológicas (ROQUE et al., 2022). Também houve projetos que tentaram atuar junto

à restaurantes e restaurantes universitários para a oferta de opções veganas, como apresentado pela *Move Institute* e pela Fórum Animal. Essa atuação é importante uma vez que refeições públicas funcionam como instrumento de aprendizagem social (RISKU-NORJA; KURPPA; HELENIUS, 2009) e o consumo de carnes é bem mais comum fora de casa (BIERMANN; RAU, 2020).

3.4.7 ASPECTOS ÉTICOS DE TRANSIÇÕES: DISTRIBUIÇÃO, JUSTIÇA, POBREZA

O veganismo foi associado à justiça social por algumas das organizações estudadas, como a FALA, a Colmeia Vegan, a *Generation Vegan* e a União Vegana de Ativismo. De forma prática, foram encontrados projetos que se preocuparam com problemas como a pobreza e focaram na distribuição de refeições veganas, como a ONG Colmeia Vegan e a *Generation Vegan*.

Outra forma de associar a causa animal à igualdade social foi trazida pela *World Animal Protection*, ao considerar que a proteção animal traz benefícios para a economia, o meio ambiente, a estabilidade social e a produção de alimentos, e por isso deveria ser vista como uma forma de combater a pobreza e a fome, melhorar a saúde e ajudar em questões como as mudanças climáticas e a biodiversidade.

3.5 CONCLUSÕES

Com a análise de textos de apresentação e de projetos desenvolvidos por organizações que defendem o veganismo e os direitos animais atuantes no Brasil, da rede formada por essas organizações e a associação destes com os temas de estudo da STRN foi possível obter um entendimento maior do movimento vegano nos dias de hoje no Brasil, quanto aos pontos defendidos por ele, as formas de atuação e a estrutura. Essa visão auxilia a identificar os caminhos que o veganismo tem seguido e como ele pode ser associado à sustentabilidade, a fim de se tornar um movimento mais alinhado com as demandas atuais da sociedade e do meio ambiente.

Foi possível identificar algumas visões diferentes que direcionam a atuação das organizações estudadas e como elas se ligam à sustentabilidade. Com associação direta com a sustentabilidade, foi identificada a visão do veganismo como um movimento que deve também se preocupar com a exploração de seres humanos e do meio ambiente e que deve ser

disseminado de forma acessível. Já a luta contra o especismo e pela garantia de direitos animais, e pela proteção e bem-estar animal, apesar de totalmente focada em animais não humanos, também buscou se ligar aos conceitos de sustentabilidade com a identificação dos benefícios aos humanos e ao ambiente que a mudança do sistema alimentar baseado em animais pode trazer. A luta para além dos animais de produção, pelos animais silvestres, vida marinha e pelos animais de estimação foi menos comum nas organizações estudadas, dando um indicativo da separação desses movimentos.

Quanto às formas de atuação dessas organizações, foram encontradas diferentes frentes de trabalho para levar a luta pelo veganismo e pelos direitos animais à vários setores da sociedade. Para isso, foram estabelecidas relações com outros atores importantes para o movimento, como governos para a criação de leis em favor dos animais, o meio acadêmico para difusão de pesquisas e ensino sobre o tema; celebridades e influenciadores para aumentar o alcance das mensagens defendidas; negócios e indústrias para aumentar a oferta de opções livres de animais e mudar o tratamento dos animais nas cadeias de suprimentos em que eles são utilizados; pessoas, para através da divulgação de informações, alterar a forma como elas enxergam os animais e expandir a alimentação vegetariana.

Se tratando da estruturação do movimento vegano, foi notado que as instituições estudadas têm buscado melhorar sua organização interna e capacitar seus membros para se tornarem mais eficientes. Sua eficiência, inclusive, foi um ponto destacado por várias organizações, assim como a atuação internacional delas, demonstrando a preocupação dessas organizações em mostrar que o movimento vegano já se encontra em uma fase mais desenvolvida de atuação. Outro ponto de importância destacado pelas organizações foi a necessidade de associação delas com outros movimentos, para a difusão do veganismo de forma mais efetiva e integrada à outras lutas.

Ao se analisar a rede social formada pelas organizações estudadas, reapareceram vários pontos já identificados no comportamento dessas organizações, como o envolvimento delas com influenciadores e políticos que apoiam a causa animal, a ligação com instituições de outros movimentos, principalmente o ambiental e o apoio a empresas que oferecem bens aptos à veganos, como aquelas de produtos vegetais. Também foi notada uma ligação significativa com portais de notícias que tem a função de difundir informações sobre o veganismo e a causa animal. Quanto a outros movimentos relacionados aos animais, como aqueles de defesa dos animais selvagens e de proteção de animais de estimação, foi possível ver que apesar da maioria

das organizações estudadas não atuarem diretamente nessas causas, existe uma rede que liga esses movimentos.

Tanto as análises feitas com o software IRAMUTEQ quanto a análise da rede formada a partir do GEPHI apontaram para o mesmo conjunto de organizações centrais no movimento vegano no Brasil em relação às estudadas. A *Mercy for Animals*, a *World Animal Protection*, a *Animal Equality* e a Sociedade Vegetariana Brasileira foram as organizações com maiores números de seguidores segundo o levantamento de informações inicial feito, elas também apareceram como as mais seguidas na rede social do GEPHI e estiveram presentes entre as organizações com discursos centrais a partir das análises do IRAMUTEQ, como a alimentação vegetariana, a associação com outros atores e a atuação internacional. Na outra ponta, as organizações com menores quantidades de seguidores segundo o levantamento inicial também foram as que apareceram com discursos periféricos na análise do IRAMUTEQ, como o Instituto Abolicionista Animal, a ONG Colmeia Vegan, a Vanguarda Abolicionista e a União Vegana de Ativismo. Dentre os discursos apresentados por essas organizações, estão a abolição do uso de animais e a intersecção do veganismo com outros movimentos.

Assim, foi possível perceber com essa pesquisa que as organizações em defesa dos animais e do veganismo atuantes no Brasil seguem algumas linhas de atuação, mas apresentam alguns pontos em comum como a associação com a sustentabilidade, a ligação com outros atores para potencialização de suas demandas e a associação com outros movimentos que conversem com aquilo que defendem, como os movimentos de conservação da natureza e da fauna e movimentos por justiça social.

REFERÊNCIAS

- ANIMAL EQUALITY BRASIL. **Animal Equality Brasil**. Disponível em: <<https://animalequality.org.br/>>.
- ARCA BRASIL. **Arca Brasil - proteção e bem estar animal**. Disponível em: <<https://arcabrasil.org.br/>>.
- BASTIAN, M.; HEYMANN, S.; JACOMY, M. Gephi: An open source software for exploring and manipulating networks. **International AAAI Conference on Weblogs and Social Media**, n. July, p. 361–362, 2009.
- BIERMANN, G.; RAU, H. The meaning of meat: (Un)sustainable eating practices at home and out of home. **Appetite**, v. 153, 2020.
- CÂMARA, R. H. Análise de conteúdo : da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. **Revista Interinstitucional de Psicologia**, v. 6, n. 2, p. 179–191, 2013.
- CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. M. IRAMUTEQ: Um Software Gratuito para Análise de Dados Textuais. **Temas em Psicologia**, v. 21, n. 2, p. 513–518, 2013.
- ÉTICA ANIMAL. **Ética Animal**. Disponível em: <<https://www.animal-ethics.org/quem-somos/>>.
- FALA BICHO. **O grito do bicho**. Disponível em: <<https://www.ogritodobicho3.com/p/fala-bicho.html>>.

FÓRUM ANIMAL. **Fórum Nacional de Proteção e Defesa Animal**. Disponível em: <<https://forumanimal.org/site/>>.

FRENTE DE AÇÕES PELA LIBERTAÇÃO ANIMAL. **Frente de Ações pela Libertação Animal**. Disponível em: <<https://votoanimal.com/>>.

FRIEDMAN, M. On promoting a sustainable future through consumer activism. **Journal of Social Issues**, v. 51, n. 4, p. 197–215, 1995.

FUENTES, C.; FUENTES, M. Making a market for alternatives: marketing devices and the qualification of a vegan milk substitute. **Journal of Marketing Management**, v. 33, n. 7–8, p. 529–555, 2017.

GARCIA-ALVAREZ-COQUE, J.-M. et al. Integrating sustainability into the multi-criteria assessment of urban dietary patterns. **Renewable Agriculture and Food Systems**, v. 36, n. 1, p. 69–76, 2021.

GEELS, F. W. Socio-technical transitions to sustainability: a review of criticisms and elaborations of the Multi-Level Perspective. **Current Opinion in Environmental Sustainability**, v. 39, p. 187–201, 2019.

GENERATION VEGAN. **GEN V**. Disponível em: <https://genv.org/pt-br/sobre-a-gen_v/>.

GÓMEZ-LUCIANO, C. A. et al. Consumers' willingness to purchase three alternatives to meat proteins in the United Kingdom, Spain, Brazil and the Dominican Republic. **Food Quality and Preference**, v. 78, n. December 2018, 2019.

HAWKINS, I. W. et al. Dietetics Program Directors in the United States Support Teaching Vegetarian and Vegan Nutrition and Half Connect Vegetarian and Vegan Diets to Environmental Impact. **Frontiers in Nutrition**, v. 6, p. 123, 14 ago. 2019.

HUAN-NIEMI, E. et al. The impacts of dietary change in Finland: Food system approach. **Agricultural and Food Science**, v. 29, n. 4, p. 372–382, 2020.

KÖHLER, J. et al. An agenda for sustainability transitions research: State of the art and future directions. **Environmental Innovation and Societal Transitions**, v. 31, n. January, p. 1–32, 2019.

LAROCHE, P. C. S. J. et al. Telecoupled environmental impacts of current and alternative Western diets. **Global Environmental Change**, v. 62, 2020.

LIQUORI, T. et al. The Cookshop Program: Outcome evaluation of a nutrition education program linking lunchroom food experiences with classroom cooking experiences. **Journal of Nutrition Education and Behavior**, v. 30, n. 5, p. 302–313, 1998.

MARLETTO, G.; SILLIG, C. Lost in Mainstreaming? Agrifood and Urban Mobility Grassroots Innovations with Multiple Pathways and Outcomes. **Ecological Economics**, v. 158, p. 88–100, 1 abr. 2019.

MATHIAS, C. L. K. Análise de Rede Social. **Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis**, v. 11, n. 1, p. 131, 2014.

MERCY FOR ANIMALS. **Mercy for Animals**. Disponível em: <<https://mercyforanimals.org.br/>>.

MORRIS, C.; KIRWAN, J. Vegetarians: Uninvited, uncomfortable or special guests at the table of the alternative food economy? **Sociologia Ruralis**, v. 46, n. 3, p. 192–213, 2006.

MOVE INSTITUTE. **Move Institute**. Disponível em: <<https://www.moveinstitute.org/about>>.

MYLAN, J. et al. Rage against the regime: Niche-regime interactions in the societal embedding of plant-based milk. **Environmental Innovation and Societal Transitions**, v. 31, n. November 2018, p. 233–247, 2019.

NAÇÃO VEGANA BRASIL. **Nação Vegana Brasil - apresentação**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/nacaoveganabrasil/>>.

NISTA, N. A. et al. SOCIEDADE E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL : O direito dos animais no discurso da sustentabilidade. **AMBIENTE & SOCIEDADE**, v. 23, 2020.

ONG COLMEIA VEGAN. **ONG Colmeia Vegan**. Disponível em: <<https://www.colmeiavegan.com.br/>>.

PROTEÇÃO ANIMAL MUNDIAL. **Brasil cai em ranking de legislação de proteção animal**. Disponível em: <<https://www.worldanimalprotection.org.br/noticia/brasil-cai-em-ranking-de-legislacao-de-protecao-animal>>. Acesso em: 15 jan. 2023.

RISKU-NORJA, H.; KURPPA, S.; HELENIUS, J. Dietary choices and greenhouse gas emissions – assessment of impact of vegetarian and organic options at national scale. **Progress in Industrial Ecology**, v. 6, n. 4, p. 340–354, 2009.

ROHE, S.; CHLEBNA, C. The evolving role of networking organizations in advanced sustainability transitions. **Technological Forecasting & Social Change**, v. 183, 2022.

ROQUE, L. et al. Plant-based school meals as levers of sustainable food transitions: A narrative review and conceptual framework. **Journal of Agriculture and Food Research**, v. 10, 2022.

SANTOS, F. M. ANÁLISE DE CONTEÚDO: A VISÃO DE LAURENCE BARDIN. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 6, n. 1, p. 383–387, 2012.

SINERGIA ANIMAL. **Sinergia Animal**. Disponível em: <<https://www.sinergiaanimalbrasil.org/quemsomos>>.

SOCIEDADE VEGETARIANA BRASILEIRA. **A SVB**. Disponível em: <<https://www.svb.org.br/>>.

SPRINGMANN, M. et al. Health and nutritional aspects of sustainable diet strategies and their association with environmental impacts: a global modelling analysis with country-level detail. **The Lancet Planetary Health**, v. 2, n. 10, p. 451–461, 2018.

STATISTA. **Leading beef and veal producing countries worldwide in 2021 and 2022**. Disponível em: <<https://www.statista.com/statistics/263990/leading-beef-producers-around-the-world-since-2007/>>. Acesso em: 15 jan. 2023.

UNIÃO VEGANA DE ATIVISMO. **UVA e a carta de Recife**. Disponível em: <<https://uniaovegana.org/uva-carta-de-recife/>>.

VAN DOOREN, C. et al. Exploring dietary guidelines based on ecological and nutritional values: A comparison of six dietary patterns. **Food Policy**, v. 44, p. 36–46, 2014.

VEDDAS. **VEDDAS**. Disponível em: <<http://veddas.org.br/>>.

VEGPEDIA. **Organizações**. Disponível em: <<https://vegpedia.com/organizacoes/>>. Acesso em: 15 jan. 2023.

VISSEREN-HAMAKERS, I. J. A framework for analyzing and practicing Integrative Governance: The case of global animal and conservation governance. **Environment and Planning C: Politics and Space**, v. 36, n. 8, p. 1391–1414, 2018.

WARNE, T. et al. Sustainability Dimensions of a North American Lentil System in a Changing World. **Frontiers in Sustainable Food Systems**, v. 3, p. 88, 11 out. 2019.

WEINRICH, R.; ELSHIEWY, O. Preference and willingness to pay for meat substitutes based on micro-algae. **Appetite**, v. 142, 2019.

WORLD ANIMAL PROTECTION. **Proteção Animal Mundial**. Disponível em: <<https://www.worldanimalprotection.org.br/>>.

4 CONCLUSÕES/CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa de mestrado foi dividida em duas partes principais. A primeira delas foi uma revisão sistemática da literatura sobre veganismo e sustentabilidade com base nos temas propostos pela STRN que forneceu uma síntese e organização da literatura existente sobre o tema, possibilitando a identificação dos assuntos mais discutidos e daqueles que precisam de mais estudos, além da estruturação e discussão das pesquisas existentes segundo temas importantes para o entendimento de transições sustentáveis.

Algumas das conclusões da revisão sistemática apontaram a falta de estudos abordando aspectos coletivos e estruturais do veganismo, uma vez que a maioria deles focava em apenas um ponto defendido no movimento vegano, a alimentação vegetal, e tratava esse ponto no sentido de uma mudança individual. Para além disso, a revisão possibilitou a identificação de vários atores exercendo suas influências em pontos distintos e por vezes conflitantes do veganismo. Essas considerações motivaram a continuidade da pesquisa com o estudo de instituições coletivas que defendem o veganismo no Brasil, pela qual foi possível visualizar como o movimento vegano tem atuado no país, identificar seus projetos defendidos, como os atores têm se relacionado, sendo inclusive possível criar e discutir paralelos com a revisão realizada previamente.

Dessa forma, foi percebido que o movimento vegano apresenta alguns discursos internos para legitimar sua atuação, mas todos eles buscam se associar à sustentabilidade de alguma maneira, seja ressaltando os benefícios que o não consumo de animais trazem ao meio ambiente e às pessoas, seja buscando construir um movimento que também leve em conta questões de justiça social e ambiental. Alguns grupos foram identificados com papéis importantes dentro do movimento, sendo eles as organizações não governamentais, que defendem várias pautas importantes do movimento e envolvem outros atores como órgãos governamentais e políticos para legislações a favor dos animais, celebridades e influenciadores, para uso de seu alcance de pessoas para difundir o veganismo, empresas, na tentativa de alterar produtos e práticas relacionados ao animais, instituições acadêmicas, para ampliar os estudos e a educação para os direitos animais, entre outros. Ainda há, inclusive, um espaço muito grande para um entendimento mais profundo de cada ator e relação formada.

Assim, essa pesquisa conseguiu avançar no sentido de compreender um pouco melhor alguns fatores de um movimento em ascensão no mundo, seja com o aumento no número de

adeptos, com mudanças na forma como os animais são tratados por empresas e instituições ou com a transição de produtos de base animal para vegetal. Espera-se que o conhecimento consolidado aqui abra novas possibilidades de pesquisas e de ações relacionadas ao veganismo.

REFERÊNCIAS

- AAVIK, K. Institutional resistance to veganism: Constructing vegan bodies as deviant in medical encounters in Estonia. **Health**, v. 25, n. 2, p. 159–176, 1 mar. 2021.
- ANDERSSON, T. D.; JUTBRING, H.; LUNDBERG, E. When a music festival goes veggie: Communication and environmental impacts of an innovative food strategy. **International Journal of Event and Festival Management**, v. 4, n. 3, p. 224–235, 2013.
- ANIMAL EQUALITY BRASIL. **Animal Equality Brasil**. Disponível em: <<https://animalequality.org.br/>>.
- ANNE, C.; SOULE, A.; SEKHON, T. Preaching to the middle of the road Strategic differences in persuasive appeals for meat anti-consumption. **British Food Journal**, v. 121, n. 1, p. 157–171, 2019.
- ANTHONY, R. Building a Sustainable Future for Animal Agriculture: An Environmental Virtue Ethic of Care Approach within the Philosophy of Technology. **Journal of Agricultural and Environmental Ethics**, v. 25, n. 2, p. 123–144, 8 abr. 2012.
- ARCA BRASIL. **Arca Brasil - proteção e bem estar animal**. Disponível em: <<https://arcabrasil.org.br/>>.
- ARENAS-GAITÁN, J.; PERAL-PERAL, B.; REINA-ARROYO, J. Local Fresh Food Products and Plant-Based Diets: An Analysis of the Relation Between Them. **Sustainability**, v. 12, n. 12, p. 5082, 22 jun. 2020.
- ARRIETA, E. M.; GONZÁLEZ, A. D. Impact of current, National Dietary Guidelines and alternative diets on greenhouse gas emissions in Argentina. **Food Policy**, v. 79, p. 58–66, 2018.
- ASANO, Y. M.; BIERMANN, G. Rising adoption and retention of meat-free diets in online recipe data. **Nature Sustainability**, v. 2, n. 7, p. 621–627, 2019.
- BAAS, J. et al. Scopus as a curated, high-quality bibliometric data source for academic research in quantitative science studies. **Quantitative Science Studies**, v. 1, n. 1, p. 377–386, 2020.
- BACH, L.; BURTON, M. Proximity and animal welfare in the context of tourist interactions with habituated dolphins. **Journal of Sustainable Tourism**, v. 25, n. 2, p. 181–197, 2017.
- BACON, L.; KR PAN, D. (Not) Eating for the environment: The impact of restaurant menu design on vegetarian food choice. **Appetite**, v. 125, p. 190–200, 2018.
- BASTIAN, M.; HEYMANN, S.; JACOMY, M. Gephi: An open source software for exploring and manipulating networks. **International AAAI Conference on Weblogs and Social Media**, n. July, p. 361–362, 2009.
- BÈGUE, L.; TREICH, N. Immediate and 15-week correlates of individual commitment to a ‘green monday’ national campaign fostering weekly substitution of meat and fish by other nutrients. **Nutrients**, v. 11, n. 7, p. 1–13, 2019.
- BERTELLA, G. Sustainability in wildlife tourism: challenging the assumptions and imagining alternatives. **TOURISM REVIEW**, v. 2, p. 246–255, 2019.
- BIERMANN, G.; RAU, H. The meaning of meat: (Un)sustainable eating practices at home and out of home. **Appetite**, v. 153, 2020.
- BLANCO-GUTIÉRREZ, I.; VARELA-ORTEGA, C.; MANNERS, R. Evaluating animal-based foods and plant-based alternatives using multi-criteria and SWOT analyses. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 17, n. 21, p. 1–26, 1 nov. 2020.
- BOCKEN, N.; MORALES, L. S.; LEHNER, M. Sufficiency business strategies in the food industry-the case of oatly. **Sustainability**, v. 12, n. 3, p. 824, 1 fev. 2020.
- BRUMMANS, B. H. J. M.; CHEONG, P. H.; HWANG, J. M. Faith-based nongovernmental environmental organizing in action: Veroes’ campaigning for vegetarianism and mindful food consumption. **International Journal of Communication**, v. 10, p. 4807–4829, 2016.

- BRUNO, M. et al. The carbon footprint of Danish diets. **Climatic Change**, v. 156, n. 4, p. 489–507, 1 out. 2019.
- BUTCHER, J. Is there a case for revising the UNWTO's Global Code of Ethics to include a new article on the ethical treatment of animals by the tourism industry? A response to the opinion piece by David Fennell. **Journal of Sustainable Tourism**, v. 22, n. 7, p. 997–1002, 2014.
- CÂMARA, R. H. Análise de conteúdo : da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. **Revista Interinstitucional de Psicologia**, v. 6, n. 2, p. 179–191, 2013.
- CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. M. IRAMUTEQ: Um Software Gratuito para Análise de Dados Textuais. **Temas em Psicologia**, v. 21, n. 2, p. 513–518, 2013.
- CAMPBELL-ARVAI, V.; ARVAI, J.; KALOF, L. Motivating Sustainable Food Choices. **Environment and Behavior**, v. 46, n. 4, p. 453–475, 13 maio 2014.
- CANDY, S. et al. Modelling the food availability and environmental impacts of a shift towards consumption of healthy dietary patterns in Australia. **Sustainability**, v. 11, n. 24, 2019.
- CARDILLO DINIZ, R.; MORCATTI COURA, F.; FERREIRA RODRIGUES, J. Effect of different gluten-free flours on the sensory characteristics of a vegan alfajor: Vegan gluten-free Alfajor development. **Food Science and Technology International**, v. 27, n. 2, p. 145–150, 1 mar. 2021.
- CARFÍ, D.; DONATO, A. Risk management of food health hazard by meat consumption reduction: a cooperative game approach. **Soft Computing**, v. 24, n. 18, p. 13705–13716, 1 set. 2020.
- CASAL, P. Whaling, Bullfighting, and the Conditional Value of Tradition. **Res Publica**, p. 1–24, 19 nov. 2020.
- CASTANÉ, S.; ANTÓN, A. Assessment of the nutritional quality and environmental impact of two food diets: A Mediterranean and a vegan diet. **Journal of Cleaner Production**, v. 167, p. 929–937, 2017.
- CHARLEBOIS, S.; MCCORMICK, M.; JUHASZ, M. Meat consumption and higher prices Discrete determinants affecting meat reduction or avoidance amidst retail price volatility. **British Food Journal**, v. 118, n. 9, p. 2251–2270, 2016.
- CHAUDHARY, A.; GUSTAFSON, D.; MATHYS, A. Multi-indicator sustainability assessment of global food systems. **Nature Communications**, v. 9, n. 1, p. 1–13, 1 dez. 2018.
- CHEN, C.; CHAUDHARY, A.; MATHYS, A. Dietary change scenarios and implications for environmental, nutrition, human health and economic dimensions of food sustainability. **Nutrients**, v. 11, n. 4, p. 1–21, 2019.
- CLAY, N. et al. Palatable disruption: the politics of plant milk. **Agriculture and Human Values**, v. 37, n. 4, p. 945–962, 1 dez. 2020.
- CORRADO, S. et al. Contribution of different life cycle stages to the greenhouse gas emissions associated with three balanced dietary patterns. **Science of the Total Environment**, v. 660, p. 622–630, 2019.
- CUI, Q.; XU, H. Situating animal ethics in Thai elephant tourism. **Asia Pacific Viewpoint**, v. 60, n. 3, p. 267–279, 2019.
- CURTAIN, F.; GRAFENAUER, S. Plant-based meat substitutes in the flexitarian age: An audit of products on supermarket shelves. **Nutrients**, v. 11, n. 11, 1 nov. 2019.
- DAL GOBBO, A. Desiring ethics: Reflections on Veganism from an observational study of transitions in everyday energy use. **Relations**, v. 6, n. 2, p. 233–250, 2018.
- DE KONING, W. et al. Drivers and Inhibitors in the Acceptance of Meat Alternatives: The Case of Plant and Insect-Based Proteins. **Foods**, v. 9, n. 9, p. 1292, 14 set. 2020.
- DE OLIVEIRA NOBRE, A. C. et al. Volatile profile of cashew apple juice fibers from different production steps. **Molecules**, v. 20, n. 6, p. 9803–9815, 1 jun. 2015.
- DE REZENDE, D. C. Politics in Food Markets: Alternative modes of qualification and engaging. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 52, n. 2, p. 387–400, 2014.

- DESQUILBET, M.; MAIGNÉ, E.; MONIER-DILHAN, S. Organic Food Retailing and the Conventionalisation Debate ☆. **Ecological Economics**, v. 150, p. 194–203, 2018.
- DILEK, S. E.; FENNELL, D. A. Discovering the hotel selection factors of vegetarians: the case of Turkey. **TOURISM REVIEW**, v. 73, n. 4, p. 492–506, 2018.
- DO PRADO DUZANSKI, A. et al. Sentiency, bioethics and animal welfare: Concepts that need to be discussed in higher education to change the teaching and researching paradigm. **Semina: Ciências Agrárias**, v. 36, n. 6, p. 4031–4036, 2015.
- DOPELT, K.; RADON, P.; DAVIDOVITCH, N. Environmental effects of the livestock industry: The relationship between knowledge, attitudes, and behavior among students in Israel. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 16, n. 8, 2019.
- DRAPER, C. F. et al. A 48-Hour Vegan Diet Challenge in Healthy Women and Men Induces a BRANCH-Chain Amino Acid Related, Health Associated, Metabolic Signature. **Molecular Nutrition & Food Research**, v. 62, n. 3, p. 1–13, 1 fev. 2018.
- DUARTE, M.; VASCONCELOS, M.; PINTO, E. Pulse consumption among portuguese adults: Potential drivers and barriers towards a sustainable diet. **Nutrients**, v. 12, n. 11, p. 1–13, 1 nov. 2020.
- EKER, S.; REESE, G.; OBERSTEINER, M. Modelling the drivers of a widespread shift to sustainable diets. **Nature Sustainability**, v. 2, n. 8, p. 725–735, 2019.
- ELSBACH, K. D.; VAN KNIPPENBERG, D. Creating High-Impact Literature Reviews: An Argument for “Integrative Reviews”. **Journal of Management Studies**, 2020.
- ELZERMAN, J. E. et al. Situational appropriateness of meat products, meat substitutes and meat alternatives as perceived by Dutch consumers. **Food Quality and Preference**, v. 88, 1 mar. 2021.
- ESHEL, G. et al. Environmentally Optimal, Nutritionally Sound, Protein and Energy Conserving Plant Based Alternatives to U.S. Meat. **Scientific Reports**, v. 9, n. 1, p. 1–11, 1 dez. 2019.
- ESHEL, G.; MARTIN, P. A.; BOWEN, E. E. Land use and reactive nitrogen discharge: Effects of dietary choices. **Earth Interactions**, v. 14, n. 21, p. 1–15, 2010.
- ESTEVEZ, T. et al. A study on lupin beans process wastewater nanofiltration treatment and lupanine recovery. **Journal of Cleaner Production**, v. 277, 2020.
- ÉTICA ANIMAL. **Ética Animal**. Disponível em: <<https://www.animal-ethics.org/quem-somos/>>.
- FALA BICHO. **O grito do bicho**. Disponível em: <<https://www.ogritodobicho3.com/p/fala-bicho.html>>.
- FAN, A. et al. Are vegetarian customers more “green”? **Journal of Foodservice Business Research**, v. 22, n. 5, p. 467–482, 2019.
- FENNELL, D. A. Exploring the boundaries of a new moral order for tourism’s global code of ethics: an opinion piece on the position of animals in the tourism industry. **Journal of Sustainable Tourism**, v. 22, n. 7, p. 983–996, 2014.
- FILIPPINI, M.; SRINIVASAN, S. Impact of religious participation, social interactions and globalization on meat consumption: Evidence from India. **Energy Economics**, v. 84, 2019.
- FORBER, K. J. et al. Plant-based diets add to the wastewater phosphorus burden. **Environmental Research Letters**, v. 15, n. 9, p. 94018, 1 set. 2020.
- FÓRUM ANIMAL. **Fórum Nacional de Proteção e Defesa Animal**. Disponível em: <<https://forumanimal.org/site/>>.
- FREEMAN, C. P. Meat’s place on the campaign menu: How US environmental discourse negotiates vegetarianism. **Environmental Communication**, v. 4, n. 3, p. 255–276, 2010.
- FRENTE DE AÇÕES PELA LIBERTAÇÃO ANIMAL. **Frente de Ações pela Libertação Animal**. Disponível

em: <<https://votoanimal.com/>>.

FRESÁN, U. et al. Meat Analogs from Different Protein Sources: A Comparison of Their Sustainability and Nutritional Content. **Sustainability**, v. 11, n. 12, p. 3231, 12 jun. 2019.

FRIEDMAN, M. On promoting a sustainable future through consumer activism. **Journal of Social Issues**, v. 51, n. 4, p. 197–215, 1995.

FUENTES, C.; FUENTES, M. Making a market for alternatives: marketing devices and the qualification of a vegan milk substitute. **Journal of Marketing Management**, v. 33, n. 7–8, p. 529–555, 2017.

GARCIA-ALVAREZ-COQUE, J.-M. et al. Integrating sustainability into the multi-criteria assessment of urban dietary patterns. **Renewable Agriculture and Food Systems**, v. 36, n. 1, p. 69–76, 2021.

GEELS, F. W. Socio-technical transitions to sustainability: a review of criticisms and elaborations of the Multi-Level Perspective. **Current Opinion in Environmental Sustainability**, v. 39, p. 187–201, 2019.

GENERATION VEGAN. **GEN V**. Disponível em: <https://genv.org/pt-br/sobre-a-gen_v/>.

GOLDSTEIN, B. et al. Ethical aspects of life cycle assessments of diets. **Food Policy**, v. 59, p. 139–151, 2016.

GOLDSTEIN, B. et al. Potential to curb the environmental burdens of American beef consumption using a novel plant-based beef substitute. **PLoS ONE**, v. 12, n. 12, 1 dez. 2017.

GÓMEZ-LUCIANO, C. A. et al. Consumers' willingness to purchase three alternatives to meat proteins in the United Kingdom, Spain, Brazil and the Dominican Republic. **Food Quality and Preference**, v. 78, n. December 2018, 2019.

GÓMEZ-LUCIANO, C. A.; VRIESEKOOOP, F.; URBANO, B. Towards food security of alternative dietary proteins: A comparison between Spain and the Dominican Republic. **Amfiteatru Economic**, v. 21, n. 51, p. 393–407, 2019.

GONZÁLEZ, A. D.; FROSTELL, B.; CARLSSON-KANYAMA, A. Protein efficiency per unit energy and per unit greenhouse gas emissions: Potential contribution of diet choices to climate change mitigation. **Food Policy**, v. 36, p. 562–570, 2011.

GONZÁLEZ, N. et al. Meat consumption: Which are the current global risks? A review of recent (2010-2020) evidences. **Food Research International**, v. 137, 2020.

GRABS, J. The rebound effects of switching to vegetarianism. A microeconomic analysis of Swedish consumption behavior. **Ecological Economics**, v. 116, p. 270–279, 2015.

GRAÇA, J. et al. Consumption orientations may support (or hinder) transitions to more plant-based diets. **Appetite**, v. 140, p. 19–26, 2019.

GRAÇA, J.; CALHEIROS, M. M.; OLIVEIRA, A. Moral Disengagement in Harmful but Cherished Food Practices? An Exploration into the Case of Meat. **Journal of Agricultural and Environmental Ethics**, v. 27, n. 5, p. 749–765, 7 out. 2014.

GRAÇA, J.; CALHEIROS, M. M.; OLIVEIRA, A. Attached to meat? (Un)Willingness and intentions to adopt a more plant-based diet. **Appetite**, v. 95, p. 113–125, 2015.

GRAÇA, J.; GODINHO, C. A.; TRUNINGER, M. Reducing meat consumption and following plant-based diets: Current evidence and future directions to inform integrated transitions. **Trends in Food Science and Technology**, v. 91, n. August 2018, p. 380–390, 2019.

GRAÇA, J.; OLIVEIRA, A.; CALHEIROS, M. M. Meat, beyond the plate. Data-driven hypotheses for understanding consumer willingness to adopt a more plant-based diet. **Appetite**, v. 90, p. 80–90, 2015.

GRAHAM, T.; ABRAHAMSE, W. Communicating the climate impacts of meat consumption: The effect of values and message framing. **Global Environmental Change**, v. 44, p. 98–108, 2017.

GRASSO, A. C. et al. Older consumers' readiness to accept alternative, more sustainable protein sources in the

European Union. **Nutrients**, v. 11, n. 8, 2019.

GRAVELY, E.; FRASER, E. Transitions on the shopping floor: Investigating the role of Canadian supermarkets in alternative protein consumption. **Appetite**, v. 130, p. 146–156, 2018.

GUNDERSON, R. The Metabolic Rifts of Livestock Agribusiness: **Organization and Environment**, v. 24, n. 4, p. 404–422, 19 out. 2011.

HAAS, R. et al. Cow Milk versus Plant-Based Milk Substitutes: A Comparison of Product Image and Motivational Structure of Consumption. **Sustainability**, v. 11, n. 18, p. 5046, 16 set. 2019.

HALLSTRÖM, E.; CARLSSON-KANYAMA, A.; BÖRJESSON, P. Environmental impact of dietary change: A systematic review. **Journal of Cleaner Production**, v. 91, p. 1–11, 2015.

HARTMANN, C. et al. Brave, health-conscious, and environmentally friendly: Positive impressions of insect food product consumers. **Food Quality and Preference**, v. 68, p. 64–71, 2018.

HAWKINS, I. W. et al. Dietetics Program Directors in the United States Support Teaching Vegetarian and Vegan Nutrition and Half Connect Vegetarian and Vegan Diets to Environmental Impact. **Frontiers in Nutrition**, v. 6, p. 123, 14 ago. 2019.

HIRTH, S. Food that Matters: Boundary Work and the Case for Vegan Food Practices. **Sociologia Ruralis**, v. 61, n. 1, p. 234–254, 1 jan. 2021.

HOEHNEL, A. et al. Enhancing the nutritional profile of regular wheat bread while maintaining technological quality and adequate sensory attributes. **Food and Function**, v. 11, n. 5, p. 4732–4751, 1 maio 2020.

HOEK, A. C. et al. Identification of new food alternatives: How do consumers categorize meat and meat substitutes? 2011.

HOEK, A. C. et al. Are meat substitutes liked better over time? A repeated in-home use test with meat substitutes or meat in meals. **Food Quality and Preference**, v. 28, p. 253–263, 2013.

HOEK, A. C. et al. Shrinking the food-print: A qualitative study into consumer perceptions, experiences and attitudes towards healthy and environmentally friendly food behaviours. **Appetite**, v. 108, p. 117–131, 2017.

HOSSAIN BRISHTI, F. et al. Structural and rheological changes of texturized mung bean protein induced by feed moisture during extrusion. **Food Chemistry**, v. 344, 2021.

HUAN-NIEMI, E. et al. The impacts of dietary change in Finland: Food system approach. **Agricultural and Food Science**, v. 29, n. 4, p. 372–382, 2020.

IRIS, G.; ABRAHAM, H.; DORON, K. Examination of the relationship between dietary choice and consumer preferences for sustainable near-food products in Israel. **Journal of Cleaner Production**, v. 197, p. 1148–1158, 2018.

JAKŠE, B. et al. Characteristics of Slovenian Adults in Community-Based Whole-Food Plant-Based Lifestyle Program. **Journal of Nutrition and Metabolism**, v. 2020, 2020.

JANSSEN, M. et al. Motives of consumers following a vegan diet and their attitudes towards animal agriculture. **Appetite**, v. 105, p. 643–651, 2016.

JÜRKENBECK, K.; SPILLER, A. Consumers' Evaluation of Stockfree-Organic Agriculture—A Segmentation Approach. **Sustainability**, v. 12, n. 10, p. 4230, 21 maio 2020.

JUTBRING, H. Social marketing through a music festival Value perceived by festival visitors who reduced meat consumption. **Journal of Social Marketing**, v. 8, n. 2, p. 237–256, 2018.

KARLSSON POTTER, H. Multi-criteria evaluation of plant-based foods ease of environmental footprint and LCA data for consumer guidance. **Journal of Cleaner Production**, v. 280, 2021.

KIM, M. J.; HALL, C. M.; KIM, D. K. Predicting environmentally friendly eating out behavior by value-attitude-behavior theory: does being vegetarian reduce food waste? **Journal of Sustainable Tourism**, v. 28, n.

6, p. 797–815, 2020.

KÖHLER, J. et al. An agenda for sustainability transitions research: State of the art and future directions. **Environmental Innovation and Societal Transitions**, v. 31, n. January, p. 1–32, 2019.

KOPNINA, H. Education for sustainable development (ESD) as if environment really mattered. **Environmental Development**, v. 12, p. 37–46, 2014.

KOPNINA, H.; CHERNIAK, B. Cultivating a Value for Non-Human Interests through the Convergence of Animal Welfare, Animal Rights, and Deep Ecology in Environmental Education. **Education Sciences**, v. 5, n. 4, p. 363–379, 25 nov. 2015.

KURZ, T. et al. Could Vegans and Lycra Cyclists be Bad for the Planet? Theorizing the Role of Moralized Minority Practice Identities in Processes of Societal-Level Change. **Journal of Social Issues**, v. 76, n. 1, p. 86–100, 2020.

LANE, K. E. et al. The development of vegetarian omega-3 oil in water nanoemulsions suitable for integration into functional food products. **Journal of Functional Foods**, v. 23, p. 306–314, 2016.

LAROCHE, P. C. S. J. et al. Telecoupled environmental impacts of current and alternative Western diets. **Global Environmental Change**, v. 62, 2020.

LAWO, D. et al. Going vegan: The Role(s) of ICT in vegan practice transformation. **Sustainability**, v. 12, n. 12, 2020.

LEINONEN, I. et al. Lysine Supply Is a Critical Factor in Achieving Sustainable Global Protein Economy. **Frontiers in Sustainable Food Systems**, v. 3, p. 27, 24 abr. 2019.

LEMKEN, D.; SPILLER, A.; SCHULZE-EHLERS, B. More room for legume-Consumer acceptance of meat substitution with classic, processed and meat-resembling legume products. **Appetite**, v. 143, 2019.

LESTAR, T. Religions going nuts? Faith-based veganism and transformative learning in the context of sustainability transitions (case 1: The Hare Krishna movement). **Journal of Organizational Change**, 2020.

LIAO, X. et al. Large-scale regionalised LCA shows that plant-based fat spreads have a lower climate, land occupation and water scarcity impact than dairy butter. **International Journal of Life Cycle Assessment**, v. 25, n. 6, p. 1043–1058, 1 jun. 2020.

LINDGREN, N. Environmental Education Research The political dimension of consuming animal products in education: An analysis of upper-secondary student responses when school lunch turns green and vegan. **Environmental Education Research**, v. 26, n. 5, p. 684–700, 3 maio 2020.

LIPAN, L. et al. Chemical and sensorial characterization of spray dried hydroSOSustainable almond milk. **Journal of the Science of Food and Agriculture**, 12 set. 2020.

LIQUORI, T. et al. The Cookshop Program: Outcome evaluation of a nutrition education program linking lunchroom food experiences with classroom cooking experiences. **Journal of Nutrition Education and Behavior**, v. 30, n. 5, p. 302–313, 1998.

LOMBARDINI, C.; LANKOSKI, L. Forced Choice Restriction in Promoting Sustainable Food Consumption: Intended and Unintended Effects of the Mandatory Vegetarian Day in Helsinki Schools. **Journal of Consumer Policy**, v. 36, n. 2, p. 159–178, 24 fev. 2013.

LÖNNERDAL, B. Soybean ferritin: implications for iron status of vegetarians. **The American Journal of Clinical Nutrition**, v. 89, n. 5, p. 1680–1685, 2009.

LUSK, J. L.; NORWOOD, F. B. Some vegetarians spend less money on food, others don't. **Ecological Economics**, v. 130, p. 232–242, 2016.

LV, Y. M. et al. Highly efficient and selective biocatalytic production of glucosamine from chitin. **Green Chemistry**, v. 19, n. 2, p. 527–535, 2017.

MALEK, L.; UMBERGER, W.; GODDARD, E. Is anti-consumption driving meat consumption changes in

Australia? **British Food Journal**, v. 121, n. 1, p. 123–138, 2019.

MARKARD, J.; RAVEN, R.; TRUFFER, B. Sustainability transitions: An emerging field of research and its prospects. **Research Policy**, v. 41, p. 955–967, 2012.

MARLETTO, G.; SILLIG, C. Lost in Mainstreaming? Agrifood and Urban Mobility Grassroots Innovations with Multiple Pathways and Outcomes. **Ecological Economics**, v. 158, p. 88–100, 1 abr. 2019.

MARTIN, C.; LANGE, C.; MARETTE, S. Importance of additional information, as a complement to information coming from packaging, to promote meat substitutes: A case study on a sausage based on vegetable proteins. **Food Quality**, v. 87, 2021.

MARTIN, M.; BRANDÃO, M. Evaluating the Environmental Consequences of Swedish Food Consumption and Dietary Choices. **Sustainability**, v. 9, n. 12, p. 2227, 1 dez. 2017.

MARTINEZ, S. et al. How do dietary choices affect the environment? The nitrogen footprint of the European Union and other dietary options. **Environmental Science and Policy**, v. 101, p. 204–210, 2019.

MASSET, G. et al. Identifying Sustainable Foods: The Relationship between Environmental Impact, Nutritional Quality, and Prices of Foods Representative of the French Diet. **J Acad Nutr Diet**, v. 114, p. 862–869, 2014.

MATHIAS, C. L. K. Análise de Rede Social. **Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis**, v. 11, n. 1, p. 131, 2014.

MATTICE, K. D.; MARANGONI, A. G. Comparing methods to produce fibrous material from zein. **Food Research International**, v. 128, 2020.

MEIER, T. et al. Balancing virtual land imports by a shift in the diet. Using a land balance approach to assess the sustainability of food consumption. Germany as an example q. **Appetite**, v. 74, p. 20–34, 2014.

MELENDREZ-RUIZ, J. et al. French consumers know the benefits of pulses, but do not choose them: An exploratory study combining indirect and direct approaches. **Appetite**, v. 141, 2019.

MERCY FOR ANIMALS. **Mercy for Animals**. Disponível em: <<https://mercyforanimals.org.br/>>.

MIERLO, K. VAN; ROHMER, S.; GERDESSEN, J. C. A model for composing meat replacers: Reducing the environmental impact of our food consumption pattern while retaining its nutritional value. **Journal of Cleaner Production**, v. 165, p. 930–950, 2017.

MILFORD, A. B. et al. Drivers of meat consumption. **Appetite**, v. 141, 2019.

MINATOGAWA, V. et al. Carving out new business models in a small company through contextual ambidexterity: The case of a sustainable company. **Sustainability**, v. 12, n. 6, 2020a.

MINATOGAWA, V. L. F. et al. Operationalizing business model innovation through big data analytics for sustainable organizations. **Sustainability**, v. 12, n. 1, p. 277, 1 jan. 2020b.

MIRABELLI, M. C. et al. Race, poverty, and potential exposure of middle-school students to air emissions from confined swine feeding operations. **Environmental Health Perspectives**, v. 114, n. 4, p. 591–596, abr. 2006.

MORRIS, C.; KIRWAN, J. Vegetarians: Uninvited, uncomfortable or special guests at the table of the alternative food economy? **Sociologia Ruralis**, v. 46, n. 3, p. 192–213, 2006.

MOVE INSTITUTE. **Move Institute**. Disponível em: <<https://www.moveinstitute.org/about>>.

MYLAN, J. et al. Rage against the regime: Niche-regime interactions in the societal embedding of plant-based milk. **Environmental Innovation and Societal Transitions**, v. 31, n. November 2018, p. 233–247, 2019.

NAÇÃO VEGANA BRASIL. **Nação Vegana Brasil - apresentação**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/nacaoveganabrasil/>>.

NASERI, A. et al. Multi-Extraction and Quality of Protein and Carrageenan from Commercial *Spinosum* (*Eucheuma denticulatum*). **Foods**, v. 9, n. 8, p. 1072, 6 ago. 2020.

- NGUYEN, T.-L. et al. A Novel Model to Predict Plant-Based Food Choice-Empirical Study in Southern Vietnam. **Sustainability**, v. 12, n. 9, p. 3847, 8 maio 2020a.
- NGUYEN, T. M. N. et al. Effect of processing methods on foam properties and application of lima bean (*Phaseolus lunatus* L.) aquafaba in eggless cupcakes. **Journal of Food Processing and Preservation**, v. 44, n. 11, p. 1–11, 2020b.
- NIEDERLE, P.; SCHUBERT, M. N. HOW does veganism contribute to shape sustainable food systems? Practices, meanings and identities of vegan restaurants in Porto Alegre, Brazil. **Journal of Rural Studies**, v. 78, p. 304–313, 1 ago. 2020.
- NISTA, N. A. et al. SOCIEDADE E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL : O direito dos animais no discurso da sustentabilidade. **AMBIENTE & SOCIEDADE**, v. 23, 2020.
- ONG COLMEIA VEGAN. **ONG Colmeia Vegan**. Disponível em: <<https://www.colmeiavegan.com.br/>>.
- PAPIES, E. K. et al. Using consumption and reward simulations to increase the appeal of plant-based foods. **Appetite**, v. 155, 2020.
- PATEL, A. et al. Novel Biorefinery Approach Aimed at Vegetarians Reduces the Dependency on Marine Fish Stocks for Obtaining Squalene and Docosahexaenoic Acid. **American Chemical Society**, v. 8, p. 8803–8813, 2020.
- PATRIOTTA, G. Writing Impactful Review Articles. **Journal of Management Studies**, 2020.
- PESCHEL, A. O. et al. Consumers' associative networks of plant-based food product communications. **Food Quality and Preference**, v. 75, p. 145–156, 2019.
- PIESTER, H. E. et al. "I'll try the veggie burger": Increasing purchases of sustainable foods with information about sustainability and taste. **Appetite**, v. 155, n. July, p. 104842, 2020.
- POSSIDÓNIO, C. et al. Consumer perceptions of conventional and alternative protein sources: A mixed-methods approach with meal and product framing. **Appetite**, v. 156, 2021.
- PROTEÇÃO ANIMAL MUNDIAL. **Brasil cai em ranking de legislação de proteção animal**. Disponível em: <<https://www.worldanimalprotection.org.br/noticia/brasil-cai-em-ranking-de-legislacao-de-protecao-animal>>. Acesso em: 15 jan. 2023.
- RABÈS, A. et al. Greenhouse gas emissions, energy demand and land use associated with omnivorous, pescovegetarian, vegetarian, and vegan diets accounting for farming practices. **Sustainable Production and Consumption**, v. 22, p. 138–146, 2020.
- RANDERS, L.; GRØNHØJ, A.; THØGERSEN, J. Coping with multiple identities related to meat consumption. **Psychology and Marketing**, v. 38, n. September 2020, p. 159–182, 2020.
- RANI, A. et al. Biofortification of safflower: an oil seed crop engineered for ALA-targeting better sustainability and plant based omega-3 fatty acids. **Transgenic Research**, v. 27, n. 3, p. 253–263, 2018.
- REILLY, L. M. et al. Macronutrient composition, true metabolizable energy and amino acid digestibility, and indispensable amino acid scoring of pulse ingredients for use in canine and feline diets. **Journal of Animal Science**, v. 98, n. 6, p. 1–8, 2019.
- REIPURTH, M. F. S. et al. Barriers and facilitators towards adopting a more plant-based diet in a sample of Danish consumers. **Food Quality and Preference**, v. 73, p. 288–292, 2019.
- RISKU-NORJA, H.; KURPPA, S.; HELENIUS, J. Dietary choices and greenhouse gas emissions – assessment of impact of vegetarian and organic options at national scale. **Progress in Industrial Ecology**, v. 6, n. 4, p. 340–354, 2009.
- ROGERS, R. A. Beasts, Burgers, and Hummers: Meat and the Crisis of Masculinity in Contemporary Television Advertisements. **Environmental Communication**, v. 2, n. 3, p. 281–301, 2008.
- ROHE, S.; CHLEBNA, C. The evolving role of networking organizations in advanced sustainability transitions.

Technological Forecasting & Social Change, v. 183, 2022.

ROQUE, L. et al. Plant-based school meals as levers of sustainable food transitions: A narrative review and conceptual framework. **Journal of Agriculture and Food Research**, v. 10, 2022.

ROSA, A. F.; COSTALDELLO, A. C. Os setores público e privado no processo de inovação no transporte de resíduos sólidos por intermédio do cavalo elétrico. **Revista de Direito da Cidade**, v. 11, n. 4, p. 650–670, 2019.

ROSI, A. et al. Environmental impact of omnivorous, ovo-lacto-vegetarian, and vegan diet. **Scientific Reports**, v. 7, n. 1, p. 1–9, 1 dez. 2017.

RUBY, M. B. et al. Compassion and contamination. Cultural differences in vegetarianism q. **Appetite**, v. 71, p. 340–348, 2013.

RUINI, L. F. et al. Working toward Healthy and Sustainable Diets: The “Double Pyramid Model” Developed by the Barilla Center for Food and Nutrition to Raise Awareness about the Environmental and Nutritional Impact of Foods. **Frontiers in Nutrition**, v. 2, p. 9, 4 maio 2015.

SADHUKHAN, J. et al. Perspectives on “Game Changer” Global Challenges for Sustainable 21st Century: Plant-Based Diet, Unavoidable Food Waste Biorefining, and Circular Economy. **Sustainability**, v. 12, n. 5, p. 1976, 5 mar. 2020.

SANTOS, F. M. ANÁLISE DE CONTEÚDO: A VISÃO DE LAURENCE BARDIN. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 6, n. 1, p. 383–387, 2012.

SARKAR, A.; KAUL, P. Evaluation of tomato processing by-products: A comparative study in a pilot scale setup. **Journal of Food Process Engineering**, v. 37, n. 3, p. 299–307, 2014.

SCARBOROUGH, P. et al. Dietary greenhouse gas emissions of meat-eaters, fish-eaters, vegetarians and vegans in the UK. **Climatic Change**, v. 125, n. 2, p. 179–192, 1 jul. 2014.

SCHÖSLER, H.; DE BOER, J.; BOERSEMA, J. J. Can we cut out the meat of the dish? Constructing consumer-oriented pathways towards meat substitution. **Appetite**, v. 58, p. 39–47, 2012.

SCOLLEN, R. J.; MASON, A. Sea World–Gold Coast, Australia’s discourse of legitimation: signage and live animal shows (2015–2018) as indicators of change in messaging. **Journal of Sustainable Tourism**, v. 28, n. 10, p. 1686–1701, 2020.

SECONDA, L. et al. Development and validation of an individual sustainable diet index in the NutriNet-Santé study cohort. **British Journal of Nutrition**, v. 121, n. 10, p. 1166–1177, 28 maio 2019.

SHEPON, A. et al. The opportunity cost of animal based diets exceeds all food losses. **PNAS**, v. 115, n. 15, p. 3804–3809, 2018.

SINERGIA ANIMAL. **Sinergia Animal**. Disponível em: <<https://www.sinergiaanimalbrasil.org/quemsomos>>.

SINGH, V. K. et al. The journal coverage of Web of Science, Scopus and Dimensions: A comparative analysis. **Scientometrics**, v. 126, n. 6, p. 5113–5142, 2021.

SLAPØ, H. B.; KAREVOLD, K. I. Simple Eco-Labels to Nudge Customers Toward the Most Environmentally Friendly Warm Dishes: An Empirical Study in a Cafeteria Setting. **Frontiers in Sustainable Food Systems**, v. 3, p. 40, 28 maio 2019.

SOCIEDADE VEGETARIANA BRASILEIRA. **A SVB**. Disponível em: <<https://www.svb.org.br/>>.

SPRINGMANN, M. et al. **Analysis and valuation of the health and climate change cobenefits of dietary change**. PNAS. **Anais...**2016

SPRINGMANN, M. et al. Health and nutritional aspects of sustainable diet strategies and their association with environmental impacts: a global modelling analysis with country-level detail. **The Lancet Planetary Health**, v. 2, n. 10, p. 451–461, 2018.

STATISTA. **Leading beef and veal producing countries worldwide in 2021 and 2022**. Disponível em:

<<https://www.statista.com/statistics/263990/leading-beef-producers-around-the-world-since-2007/>>. Acesso em: 15 jan. 2023.

SUSSMANN, D. et al. Influence of different processing parameters on the isolation of Lupin (*Lupinus Angustifolius* L.) protein isolates: A preliminary study. **Journal of Food Process Engineering**, v. 36, n. 1, p. 18–28, 2013.

TAUFIK, D. et al. Determinants of real-life behavioural interventions to stimulate more plant-based and less animal-based diets: A systematic review. **Trends in Food Science and Technology**, v. 93, p. 281–303, 1 nov. 2019.

THE VEGAN SOCIETY. **Definition of Veganism**. Disponível em: <<https://www.vegansociety.com/go-vegan/definition-veganism>>.

THEURL, M. C. et al. Food systems in a zero-deforestation world: Dietary change is more important than intensification for climate targets in 2050. **Science of the Total Environment**, v. 735, 2020.

TRANFIELD, D.; DENYER, D.; SMART, P. Towards a Methodology for Developing Evidence-Informed Management Knowledge by Means of Systematic Review. **British Journal of Management**, v. 14, n. 3, p. 207–222, 1 set. 2003.

TRIGUEIRO, A. CONSUMO, ÉTICA E NATUREZA: O VEGANISMO E AS INTERFACES DE UMA POLÍTICA DE VIDA. **Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis**, v. 10, n. 1, p. 237–260, 2013.

TWINE, R. A Practice Theory Framework for Understanding Vegan Transition. **Animal Studies Journal**, v. 6, n. 2, p. 192–224, 2017.

TWINE, R. Materially Constituting a Sustainable Food Transition: The Case of Vegan Eating Practice. **Sociology**, v. 52, n. 1, p. 166–181, 2018.

TZIVA, M. et al. Understanding the protein transition: The rise of plant-based meat substitutes. **Environmental Innovation and Societal Transitions**, n. July, 2019.

TZIVA, M. et al. Understanding the protein transition: The rise of plant-based meat substitutes. **Environmental Innovation and Societal Transitions**, v. 35, p. 217–231, 1 jun. 2020.

UNIÃO VEGANA DE ATIVISMO. **UVA e a carta de Recife**. Disponível em: <<https://uniaovegana.org/uva-carta-de-recife/>>.

VAINIO, A. et al. From beef to beans: Eating motives and the replacement of animal proteins with plant proteins among Finnish consumers. **Appetite**, v. 106, p. 92–100, 2016.

VALOPPI, F. et al. Spruce galactoglucomannan-stabilized emulsions as essential fatty acid delivery systems for functionalized drinkable yogurt and oat-based beverage. **European Food Research and Technology**, v. 245, n. 7, p. 1387–1398, 2019.

VAN DOOREN, C. et al. Exploring dietary guidelines based on ecological and nutritional values: A comparison of six dietary patterns. **Food Policy**, v. 44, p. 36–46, 2014.

VANDENBROELE, J. et al. Mock meat in the butchery: Nudging consumers toward meat substitutes ☆. **Organizational Behavior and Human Decision Processes**, v. 163, 2021.

VANHONACKER, F. et al. Flemish consumer attitudes towards more sustainable food choices q. **Appetite**, v. 62, p. 7–16, 2013.

VEDDAS. **VEDDAS**. Disponível em: <<http://veddas.org.br/>>.

VEGPEDIA. **Organizações**. Disponível em: <<https://vegpedia.com/organizacoes/>>. Acesso em: 15 jan. 2023.

VERAIN, M. C. D. et al. Attribute Segmentation and Communication Effects on Healthy and Sustainable Consumer Diet Intentions. **Sustainability**, v. 9, n. 5, p. 743, 4 maio 2017.

VERGEER, L. et al. Vegetarianism and other eating practices among youth and young adults in major Canadian

cities. **Public Health Nutrition**, v. 23, n. 4, p. 609–619, 1 mar. 2020.

VESANTO, M.; CRAIG, W.; LEVIN, S. Position of the Academy of Nutrition and Dietetics: Vegetarian Diets POSITION STATEMENT. **Journal of the Academy of Nutrition and Dietetics**, v. 116, n. 12, p. 1970–1980, 2016.

VINNARI, M. et al. A Framework for Sustainability Transition: The Case of Plant-Based Diets. **J Agric Environ Ethics**, v. 27, p. 369–396, 2014.

VINNARI, M.; VINNARI, E. A Framework for Sustainability Transition: The Case of Plant-Based Diets. **Journal of Agricultural and Environmental Ethics**, v. 27, n. 3, p. 369–396, 15 set. 2014.

VINNARI, M.; VINNARI, E.; KUPSALA, S. Sustainability Matrix: Interest Groups and Ethical Theories as the Basis of Decision-Making. **Journal of Agricultural and Environmental Ethics**, v. 30, n. 3, p. 349–366, 1 jun. 2017.

VISSEREN-HAMAKERS, I. J. A framework for analyzing and practicing Integrative Governance: The case of global animal and conservation governance. **Environment and Planning C: Politics and Space**, v. 36, n. 8, p. 1391–1414, 2018.

VITA, G. et al. The Environmental Impact of Green Consumption and Sufficiency Lifestyles Scenarios in Europe: Connecting Local Sustainability Visions to Global Consequences. **Ecological Economics**, v. 164, 2019.

WARNE, T. et al. Sustainability Dimensions of a North American Lentil System in a Changing World. **Frontiers in Sustainable Food Systems**, v. 3, p. 88, 11 out. 2019.

WEINRICH, R.; ELSHIEWY, O. Preference and willingness to pay for meat substitutes based on micro-algae. **Appetite**, v. 142, 2019.

WING, S.; COLE, D.; GRANT, G. Environmental injustice in North Carolina's hog industry. **Environmental Health Perspectives**, v. 108, n. 3, p. 225–231, 2000.

WOLKERS -ROOIJACKERS, J. C. M.; ENDIKA, M. F.; SMID, E. J. Enhancing vitamin B 12 in lupin tempeh by in situ fortification. **LWT - Food Science and Technology**, v. 96, p. 513–518, 2018.

WORLD ANIMAL PROTECTION. **Proteção Animal Mundial**. Disponível em:
<<https://www.worldanimalprotection.org.br/>>.

YIN, D. et al. Public perception of urban companion animals during the COVID-19 outbreak in China. **Health & Place**, v. 65, p. 1353–8292, 2020.

YUDINA, O.; GRIMWOOD, B. S. R. Situating the wildlife spectacle: ecofeminism, representation, and polar bear tourism. **Journal of Sustainable Tourism**, v. 24, n. 5, p. 715–734, 2016.

ZHANG, Y. Y.; HUGHES, J.; GRAFENAUER, S. Got mylk? The emerging role of australian plant-based milk alternatives as a cow's milk substitute. **Nutrients**, v. 12, n. 5, p. 1254, 1 maio 2020.

APÊNDICE 1 – Corpus IRAMUTEQ Organizações

**** *org_1 *at_nac *seg_262 *loc_DF *ano_2012

Uma entidade que busca apresentar o conceito de direitos_animais como o mais completo na atualidade relacionado à cultura de paz, sustentabilidade e justiça social, pois a defesa dos direitos_animais engloba não somente a defesa dos animais sencientes de outras espécies contra o especismo, mas também nossa própria defesa (nós, animais humanos) contra qualquer forma de discriminação e opressão existente em nossa sociedade, promovendo também a defesa de todo o ambiente onde nós animais estamos inseridos, ou seja, a defesa da sustentabilidade em todas as suas dimensões.

**** *org_2 *at_nac *seg_28 *loc_RJ *ano_1993

Entidade sem fins lucrativos, fundada em abril de 1993, tem como objetivo principal a conscientização do homem para a importância do animal na sua própria sobrevivência. Através de palestras aos mais diversos setores da sociedade (escolas, clubes, condomínios, associações de moradores, instituições públicas, praças, etc.) ressaltamos o valor da fauna e a maneira de conduta legal para com cada espécie.

**** *org_3 *at_nac *seg_4 *loc_SSA *ano_2006

A missão do instituto abolicionista animal é abolir todas as formas de escravidão animal, por meio da promoção de estudos acadêmicos envolvendo o direito animal e a filosofia dos direitos_animais.

**** *org_4 *at_nac *seg_61 *loc_00 *ano_2018

Movimento antiespecista, suprapartidário e interseccional. Combatendo opressões.

**** *org_5 *at_nac *seg_567 *loc_SP *ano_2003

Fundada em 2003, a Sociedade Vegetariana Brasileira (SVB) é uma organização sem fins lucrativos que promove a alimentação vegana como uma escolha ética, saudável, sustentável e socialmente justa. Por meio de campanhas, programas, convênios, eventos, pesquisa e ativismo, a SVB realiza conscientização sobre os benefícios do vegetarianismo e trabalha para aumentar o acesso da população a produtos e serviços veganos. Em 2018, por exemplo, foram servidas 67 milhões de refeições vegetarianas apenas como resultado de um dos programas da organização. A SVB também foi reconhecida pela Animal_Charity_Evaluators como uma das ONGs mais eficazes do mundo.

MISSÃO SVB: A) Promover a substituição da proteína animal pela vegetal, no âmbito individual e institucional; B) Ampliar e facilitar o acesso a produtos e serviços veganos; C) Produzir e difundir informação de referência para profissionais, instituições, formadores de opinião e sociedade brasileira em geral, sobre fundamentos, viabilidade e benefícios da alimentação vegetariana estrita.

**** *org_6 *at_nac *seg_10 *loc_SP *ano_2015

Abolicionista e interseccional, atuando desde março de 2015. Resistência pacífica antiespecista na defesa dos direitos de todos os seres.

Em Março de 2015 a artista Bruna Dias junto com alguns amigos, colocou em prática seu sonho: ensinar as pessoas que é possível se alimentar e viver em harmonia com o planeta, sem a necessidade de causar sofrimento e explorar outros seres sencientes, seguindo a filosofia do veganismo. Assim, iniciou o projeto Rango Vegano Solidário onde auxilia a crescente população de rua de São_Paulo e seus animais, que não possuem acesso a alimentos de qualidade, nutritivos e adequados.

No projeto, junto com voluntários, preparam e entregam refeições completas sem origem animal (vegas), com água mineral e frutas distribuindo à população em situação de vulnerabilidade social na cidade de São_Paulo. A cada edição, além dos alimentos também levam serviços como corte de cabelo, rações e tratamento veterinário para os animais, doações de roupas, calçados e kits de higiene.

A ONG também ajuda a Missão_Scalabriniana que acolhe famílias de refugiados do mundo todo.

Em 2017 o Rango tornou-se a ONG Veganismo Solidário e em 2019 torna-se a ONG COLMEIA VEGAN.

Atualmente a Colmeia ajuda pessoas e animais em São Paulo e Fortaleza e sobrevive 100% de trabalho voluntário e doações. Desenvolvemos cinco projetos: Rango Vegano Solidário, Papo e Panela Veg, Sementes, AIA - Ajuda aos Irmãos Animais e Colmeia em Ação.

**** *org_7 *at_nac *seg_14 *loc_POA *ano_2008

ONG pró-libertação animal, veganismo e antiespecismo.

**** *org_8 *at_nac *seg_21 *loc_SP *ano_2006

O VEDDAS – Vegetarianismo Ético, Defesa dos Direitos Animais e Sociedade trabalha para promover a defesa dos direitos_animais e difundir os argumentos em favor de uma alimentação e estilo de vida livres da exploração de seres sencientes.

Um estilo de vida que contemple essa atitude de respeito a outros seres afeta diretamente a sociedade humana, uma vez que o respeito pelos direitos_animais não_humanos está intimamente relacionado ao respeito pelos direitos_animais humanos.

Ademais, a adoção de uma dieta vegetariana implica numa melhora da qualidade de vida e garante o futuro do nosso planeta para os animais humanos e não_humanos.

O VEDDAS existe graças ao empenho de muitos ativistas e o apoio de indivíduos, organizações e empresas. Nossa atuação abrange desde a produção de materiais informativos até a promoção de campanhas, protestos, eventos e outras ações educativas.

O VEDDAS entende que através da sensibilização e conscientização do indivíduo é possível gerar uma mudança efetiva na maneira como os animais não_humanos são tratados em nossa sociedade.

Em suas ações, o VEDDAS busca criar a oportunidade para que as pessoas dispostas a colaborar com este trabalho se organizem e possam assim fazer a diferença.

**** *org_9 *at_int *seg_659 *loc_SP *ano_2006

A Animal_Equality foi fundada em 2006 por Sharon_Nuñez, Javier_Moreno e José_Valle com uma missão: proteger os animais. O entusiasmo e o compromisso com essa missão só têm crescido desde então e nos permitiram gerar resultados impactantes para os animais. Hoje, a Animal_Equality é uma das organizações defensoras de animais de produção mais eficientes no mundo, trabalhando em quatro continentes em nome desses animais. Estamos presentes em países onde há mais oportunidades de criar mudanças sistemáticas e duradouras para os animais. Trabalhamos com a sociedade, governos e empresas para que possamos alcançar nossa visão: um mundo em que todos os animais sejam protegidos e respeitados.

**** *org_10 *at_int *seg_154 *loc_00 *ano_2015

A Ética_Animal foi formada para fornecer informações e promover discussões e debates sobre questões da ética_animal, e para fornecer referências aos defensores dos animais.

Informações detalhadas sobre os dados a respeito da situação dos animais não_humanos, assim como sobre os argumentos para defender os animais, não estão sempre disponíveis, e temos a intenção de fornecê-las a todas pessoas que queiram ajudá-los. Além disso, fazemos trabalhos de divulgação, não com o objetivo de parar formas particulares pelas quais os animais são prejudicados (o que outras organizações já estão abordando), mas de alcançar uma mudança de atitudes em relação ao especismo.

Nosso trabalho lida com a maneira em que os animais não_humanos são considerados no dia_a_dia, e também como eles são considerados em áreas que afetam atitudes e atividades humanas que são relevantes para os animais. Estas incluem a academia, áreas científicas e a lei. Observamos a maneira pela qual os animais não_humanos são impactados por atividades humanas atuais, e como eles podem ser impactados por atividades humanas futuras, planejadas ou não. Isso envolve não apenas as maneiras nas quais é possível os prejudicar, mas também como é possível os ajudar mesmo quando a causa da sua situação não é a ação humana.

O campo da ética_animal trata de por que devemos levar os animais não_humanos em consideração em nossas decisões morais, e as maneiras nas quais devemos fazer isso. Isso tem consequências práticas tremendamente relevantes. Muitas pessoas atualmente têm pouca consideração pelos animais não_humanos. Mas, mais frequentemente, as pessoas dão sim alguma consideração aos interesses dos animais, mas ainda têm uma atitude discriminatória em relação a eles. É possível considerar alguém moralmente, mas ainda o discriminar de uma maneira que o prejudique. É possível também os discriminar de maneiras que não os prejudicam de nenhuma forma, como ajudar alguns indivíduos mais que outros, por razões que são injustas. A ética_animal aborda essas questões, e é nosso objetivo lidar com elas.

**** *org_11 *at_int *seg_1725 *loc_SP *ano_2018

Nós existimos para acabar com a maior causa de sofrimento no planeta: a exploração de animais para alimentação, em particular, as fazendas industriais, a aquicultura e a pesca.

Estas formas de produção de alimentos não apenas causam intenso sofrimento animal, mas têm efeitos prejudiciais para o planeta e para as pessoas.

A Mercy_For_Animals se dedica à erradicação desse sistema alimentar cruel e à sua substituição por um sistema que não é apenas mais compassivo com os animais, mas essencial para o futuro do nosso planeta e de todos que o habitam.

**** *org_12 *at_int *seg_979 *loc_SP *ano_1950

Somos a Proteção Animal Mundial. Juntos, nós vamos mudar a maneira como funciona o mundo para acabar com a crueldade e o sofrimento animal. Para sempre.

Somos uma organização global, com 14 escritórios em todo o mundo e milhões de apoiadores.

Nós somos a voz global para a proteção animal, com mais de 50 anos de experiência em campanhas para cessar o sofrimento desnecessário dos animais. Somos respeitados no mundo todo pelo nosso conhecimento e expertise. Influenciamos os mais altos níveis dos governos e temos presença local que promove o apoio difundido da população.

Das linhas de frente das zonas de desastres às salas de reuniões das grandes corporações, lutamos para criar uma vida melhor para todos os animais.

Nossa missão é criar um mundo melhor para os animais

Erradicamos o sofrimento desnecessário dos animais.

Influenciamos autoridades para que coloquem os animais na agenda global.

Ajudamos o mundo a entender a importância dos animais para todos nós.

Inspiramos as pessoas a melhorar a vida dos animais.

Movemos o mundo para proteger os animais.

**** *org_13 *at_nac *seg_21 *loc_SP *ano_2007

A Associação Brasileira de Veganismo foi criada com o objetivo de promoção do veganismo de forma acessível a todas as pessoas, independentemente de convicção política, classe social, nacionalidade, sexo, raça, cor ou crença religiosa.

**** *org_14 *at_nac *seg_21 *loc_REC *ano_2018

A União Vegana de Ativismo, UVA, foi fundada em outubro de 2018 a partir da necessidade da afirmação do veganismo como um movimento social, em defesa da consideração moral de

todos os animais, humanos e não_humanos. Acreditamos que o veganismo deve se articular a outras lutas por justiça social e ser disseminado de uma forma acessível e popular.

A UVA é um coletivo que tem como objetivos articular, dar visibilidade, e apoiar ativistas e grupos locais, nacionais ou internacionais, que praticam e difundem o veganismo nesta mesma perspectiva.

Nossas práticas se baseiam em relações horizontais e democráticas, sempre buscando o consenso como maneira mais adequada de tomada de decisões. Consideramos fundamental uma prática reflexiva constante para desafiar nosso ativismo a desconstruir preceitos arraigados em nossa sociedade.

Baseamos nossa atuação nos seguintes princípios:

Antiespecismo, com igual consideração pelos animais humanos e não_humanos, uma vez que nenhum animal ou pessoa deve ser considerado propriedade, objeto ou recurso.

Justiça social, equidade de gênero, raça, sexualidade e etnia, pautando nossa atuação contra todas as formas de opressão e violação de corpos, lutando pelos direitos animais e direitos humanos.

Soberania alimentar e Direito Humano à Alimentação Adequada, articulando a luta do veganismo com os mesmos;

Saúde, sustentabilidade e justiça como norteadores das mudanças necessárias para abolição do uso de animais;

Veganismo popular, combate a preconceitos, promoção da libertação animal e descolonização de hábitos. Disseminação da alimentação vegetariana, de informações nutricionais e demais práticas alternativas à exploração dos animais não humanos de forma autônoma ou mais acessível economicamente e disponível para todas as classes sociais;

Autonomia, baseada na criação de espaços para diálogo, troca de conhecimentos e na possibilidade de decisões conscientes;

Laicismo

Suprapartidarismo. Defendemos o direito da livre expressão e organização político/ideológica de cada indivíduo desde que isso não fira os demais princípios, bem como a nossa autonomia.

Acreditamos que além do resultado final que desejamos, que é a liberdade para todos os seres, nos importa também escolher caminhos que valorizem a solidariedade, a escuta atenta, o diálogo, o aprendizado e a construção coletiva. Com a alegria que desafia as injustiças sedimentadas, com cores, sons, ritmos, sabores e afetos que compõem a nossa resistência criativa.

**** *org_15 *at_nac *seg_40 *loc_SP *ano_2009

O Move_Institute é uma organização sem fins lucrativos fundada em 2009 com o objetivo de atuar em diversas questões relacionadas a causa animal, e em especial interações e problemas do convívio entre humanos e animais, tais como, venda, maus_tratos, abandono, confinamento e exploração. O trabalho é focado na disseminação de informação, formação de opinião e pensamento crítico, e na transformação de hábitos. O Move_Institute convoca a arte, o design, a moda, os esportes, a cultura contemporânea e digital para promover ações, eventos e campanhas que gerem reflexões sobre questões relacionadas a proteção animal. Acreditamos que estas formas de expressão sejam poderosas ferramentas de mobilização, engajamento e reflexão capazes de atingir um público extremamente amplo e variado, que outras linguagens não seriam capazes de atingir. Por isso usamos essas ferramentas como forma de criar tendências e inovações, mudar comportamentos e padrões de consumo.

**** *org_16 *at_nac *seg_144 *loc_SP *ano_1998

O Fórum_Animal nasceu da empatia e compaixão de Sônia_Peralli_Fonseca pelos animais. Ícone na história da proteção animal brasileira, a bióloga começou a estruturar a entidade em 1998, registrada dois anos depois, com um grupo de parceiros da causa em São_Paulo. Desde então, temos atuado para garantir avanços importantes para os animais. Alguns exemplos são a legislação nacional que estabelece padrões para abate humanitário; a proibição em todo o país da prática de manter mamíferos marinhos em cativeiro para entretenimento; e a inclusão de crueldade ou abuso de animais como crime ambiental na Lei 9.605/98 e na própria Constituição Federal.

Nossa equipe multidisciplinar é formada por médicos veterinários, advogados, profissionais de marketing e comunicação, geógrafos e pesquisadores, que dão suporte no desenvolvimento de ações de proteção e defesa animal.

Além de atuar junto a nossas 140 afiliadas, que promovem o cuidado direto aos animais, mantemos uma presença forte no Congresso_Nacional, Assembleias_Legislativas para influenciar o desenvolvimento de políticas públicas brasileiras em favor dos animais.

**** *org_17 *at_int *seg_48 *loc_SP *ano_2017

Sinergia_Animal é uma organização internacional de proteção animal e queremos ver o fim das piores práticas da pecuária industrial. Nossa equipe tem ampla experiência na área e temos conquistado grandes vitórias para os animais. Trabalhamos nos países do Sudeste Asiático e América Latina para diminuir o sofrimento dos animais explorados pela indústria alimentícia e para diminuir o consumo de produtos de origem animal, promovendo dietas mais compassivas e saudáveis.

**** *org_18 *at_int *seg_44 *loc_00 *ano_2019

Generation_Vegan é uma organização internacional sem fins lucrativos dedicada a divulgar informações sobre os benefícios ambientais, éticos, pessoais e de saúde pública de uma alimentação baseada em plantas.

Oferecemos gratuitamente acesso a informações sobre nutrição 100% vegetal e dicas sobre um estilo de vida vegano com nossos programas de 7 e 30 dias para descobrir o veganismo.

Também promovemos ações de alimentação solidária, distribuindo refeições veganas gratuitas em mais de 20 países para promover o veganismo e a solidariedade tanto para as pessoas como para os animais. Além disso, realizamos campanhas que colocam o movimento vegano nas manchetes em todo o mundo.

**** *org_19 *at_nac *seg_117 *loc_SP *ano_1993

A ARCA_Brasil, Associação Humanitária de Proteção e Bem-Estar Animal, é uma entidade sem fins lucrativos, sem vínculos partidários ou religiosos, criada em 1993 com o objetivo de promover o bem_estar e o respeito aos direitos_animais. Referência para entidades governamentais e não_governamentais, a atuação da ARCA_Brasil é reconhecida internacionalmente. Sua proposta é interligar profissionais, em particular os médicos veterinários, saúde_pública, proteção_animal e sociedade para o aprimoramento das relações homem_animal.

APÊNDICE 2 – Corpus IRAMUTEQ projetos das organizações

**** *org_1 *proj_11 *at_nac *seg_262 *loc_DF *ano_2012

O projeto visa divulgar as candidaturas de políticos por todo o país que se comprometam com uma ampla pauta em defesa dos animais. Queremos dar uma ampla visibilidade a essa plataforma e a todas essas candidaturas por diversos meios, inclusive pelas redes sociais da FALA (onde já conseguimos alcançar literalmente milhões de pessoas em todo o país), além da mídia animalista e da mídia tradicional de cada município (por meio de contato com as principais mídias de TV, rádio e jornal do município), para que tenhamos o maior número de mandatos eleitos em defesa dos animais.

**** *org_2 *proj_21 *at_nac *seg_28 *loc_RJ *ano_1993

atualmente em ação com o blog *O_Grito_do_Bicho* (16/07/2009) produzindo e divulgando material informativo, esclarecedor e educacional sobre vários temas como: touradas, animais usados em eventos ditos culturais de outros povos, uso de animais na experimentação científica, caça, animais na religião, influência do homem na destruição do meio ambiente, superpopulação humana, extinção de espécies animais, etc.

Através deste blog são realizadas campanhas da Fala_Bicho nas mais diversas áreas do direito animal, entrevistas com políticos, jornalistas, artistas, escritores, ministros, prefeitos, embaixadores e ativistas da defesa animal (do Brasil e do exterior) e prestação de serviços divulgando campanhas de adoção de animais de ONG's e protetores independentes, animais perdidos, ONG's e protetores necessitados de apoio financeiro, grupos de música, vídeos e petições, eventos e campanhas relevantes de militância de ONG's de proteção animal e meio_ambiente.

**** *org_3 *proj_31 *at_nac *seg_4 *loc_SSA *ano_2006

O VI congresso brasileiro e III congresso latino_americano de bioética e direitos dos animais nasce da preocupação de pesquisadores das áreas de bioética e do direito animal, vinculados a diversas instituições de ensino superior do país, além de ativistas e simpatizantes pela causa animal. Este evento é organizado sob estímulo do instituto abolicionista animal (IAA), que já realizou vários encontros de caráter nacional e latino_americano, e que vem cumprindo importante papel de articular uma extensa e relevante rede de profissionais, tanto juristas como de outras disciplinas, em torno da temática animalista. Deste modo, se busca discutir a respeito da teoria animalista, buscando não apenas conhecer o estado_da_arte das pesquisas em curso no campo do direito animal e, também, dos estudos animais, como também fomentar pesquisas interdisciplinares a respeito de temas que venham ganhando relevância no período recente, trabalhos articulados em discussão com o campo da bioética para propiciar um ambiente de pluralismo de ideias e fecundo em discussões. A edição deste ano conta com os auspícios da Universidade_do_Estado_do_Amazonas (UEA) em cooperação científica com a Universidade_Federal_da_Bahia (UFBA) e a Universidade_Católica_do_Salvador (UCSAL).

**** *org_4 *proj_41 *at_nac *seg_61 *loc_00 *ano_2018

Mobilização virtual: fim do especismo - semana de conscientização - 20/08 a 28/08/22.

Convidamos para postarem conteúdos antiespecismo, autorais, pelas vítimas não_humanas, como vídeos, fotos com cartazes, manifestações artísticas variadas.

Libertação Animal, JÁ! Ato pelo fim do especismo com fala de ativistas, passeata com faixas e cartazes na Av._Afonso_Pena, pela pista da direita, até a Feira_Hippie, onde continuaremos pela pista central. Use máscara PFF2 e álcool 70%. Emprestaremos cartazes e faixas a ativistas. Forneceremos materiais para distribuição ao público. Utilize camiseta relacionada ao tema, se possível. Não leve cães. Se tiver megafone, leve. Entoaremos palavras de protesto. Se chover, o ato não ocorrerá. Manteremos a mobilização virtual pelos perfis MMDA e Nação Vegana Brasil.

Participe da mobilização virtual! Se puder, compareça ao Ato! Informe-se para escolhas éticas! Divulgue os conteúdos!

**** *org_5 *proj_51 *at_nac *seg_567 *loc_SP *ano_2003

O público preocupado com a causa animal e a preservação do meio ambiente poderá contar com um importante aliado nas eleições deste ano. A Sociedade_Vegetariana_Brasileira (SVB) vai colocar à disposição da população uma lista com os nomes e partidos dos candidatos aos cargos públicos que se comprometem a promover o vegetarianismo como uma alimentação ética, saudável e sustentável, além de combater a crueldade contra os animais.

Esta será a quinta edição do documento, que foi lançado durante as eleições de 2014. O texto já está disponível no endereço www.cartacompromisso.com.br para os candidatos acessarem a carta e enviarem as informações pelo formulário do site. A data limite para envio das adesões é 24 de setembro. Até mesmo quem não irá concorrer nas eleições pode exercer sua cidadania e ajudar no engajamento da ação. Basta realizar o download do arquivo no site e pedir para o seu candidato assinar, observa Ricardo_Laurino, presidente da SVB.

A carta-compromisso traz agendas que resumem algumas das demandas que a SVB considera prioritárias no movimento vegetariano: (1) Política de incentivo à alimentação vegetariana (incluindo a merenda vegetariana estrita); (2) Incentivo ao desenvolvimento econômico do setor de proteínas vegetais; (3) Incentivo ao posicionamento dos órgãos de saúde e nutrição; (4) Ações visando a proibição a determinadas atividades de produção animal reconhecidamente cruéis, como comércio de foie_gras; e (5) Incentivo à inclusão da matéria nutrição vegetariana em cursos de educação superior na área de saúde.

Os tópicos estão mais detalhados e justificados no documento, que será usado para reivindicar proatividade política em defesa do vegetarianismo dos candidatos que forem eleitos. Os signatários que porventura ocupem outros cargos na administração pública, conforme previsto no texto assinado, também poderão ser cobrados dentro dos temas do documento."

**** *org_5 *proj_52 *at_nac *seg_567 *loc_SP *ano_2003

Segunda-feira é mundialmente conhecido como o dia para mudanças, dia para tomarmos decisões, começarmos transformações e novidades. Que tal tentar algo que trará um enorme benefício para todos?!

A Campanha Segunda_Sem_Carne se propõe a conscientizar as pessoas sobre os impactos que o uso de produtos de origem animal para alimentação tem sobre os animais, a sociedade, a saúde humana e o planeta, as convidando a descobrir novos sabores ao substituir a proteína animal pela vegetal pelo menos uma vez por semana.

Existente em mais de 40 países, como nos Estados Unidos e no Reino Unido (onde é encabeçada pelo ex-Beatle Paul McCartney) e apoiada por inúmeros líderes internacionais, a campanha foi lançada no Brasil em outubro de 2009 e hoje conta com o apoio de governos, personalidades e empresas.

Um dos desdobramentos da adesão ao movimento é a implementação da alimentação escolar vegetariana presente desde 2011 nas escolas municipais de São Paulo, escolas os alunos da rede pública do município de São Paulo têm acesso à refeições 100% livres de produtos animais, trazendo grande impacto positivo.

A fim de facilitar a adoção deste hábito, a Sociedade Vegetariana Brasileira (SVB) fornece em suas redes receitas saborosas, dicas de nutrição, notícias e informações qualificadas a respeito das razões éticas, ambientais e de saúde para passar essa ideia adiante.

**** *org_5 *proj_53 *at_nac *seg_567 *loc_SP *ano_2003

Criado em 2013, o programa de certificação Certificado Produto Vegano SVB concede a produtos de diversas categorias (alimentos, cosméticos, higiene, limpeza e calçados) um selo vegano confiável e reconhecido nacionalmente. O selo é dado não à empresa ou marca, e sim a cada produto, portanto, qualquer indústria pode solicitá-lo.

**** *org_6 *proj_61 *at_nac *seg_10 *loc_SP *ano_2015

Principal atividade da ONG. A ação consiste em arrecadar doações para a compra e preparação de refeições veganas completas com água mineral e frutas para pessoas em situação de vulnerabilidade nas ruas e ração para seus animais, nas cidades de São Paulo e Fortaleza.

**** *org_6 *proj_62 *at_nac *seg_10 *loc_SP *ano_2015

Palestras e workshops para públicos e locais variados sobre veganismo, aulas de culinária acessível e simples, tudo através de bate papo e atividades culturais.

**** *org_6 *proj_63 *at_nac *seg_10 *loc_SP *ano_2015

Promove parcerias com ONGs e santuários que resgatam animais. Promove campanhas para doação de valores e/ou rações e alimentos. Mutirão de limpeza, manutenção e construção de espaços e cuidados com os animais.

**** *org_6 *proj_64 *at_nac *seg_10 *loc_SP *ano_2015

Promove aulas e workshops de Yoga e Meditação, sempre gratuitos, para públicos diversos que não tenham acesso aos benefícios dessas práticas.

**** *org_6 *proj_65 *at_nac *seg_10 *loc_SP *ano_2015

Ações sócioambientais e educacionais e ativismo de resistência pacífica presente em locais e situações onde os direitos de qualquer ser, humano e não humano, estejam sendo violados através da união de voluntários.

**** *org_7 *proj_71 *at_nac *seg_14 *loc_POA *ano_2008

Adesivagem, panfletagem e divulgação de informações.

**** *org_8 *proj_81 *at_nac *seg_21 *loc_SP *ano_2006

Venha fazer parte do grupo de estudos LIGA ANIMALISTA.

Leituras críticas e bate_papo sobre a fundamentação teórica do movimento vegano, da causa animal e ecofeminismos.

**** *org_9 *proj_91 *at_int *seg_659 *loc_SP *ano_2006

Nossos esforços de educação do público ajudam a conscientizar milhões de pessoas em todo o mundo. Nós as educamos sobre a realidade que os animais de produção enfrentam diariamente e as ajudamos a escolher opções de alimentação mais compassivas.

**** *org_9 *proj_92 *at_int *seg_659 *loc_SP *ano_2006

Nossa corajosa equipe de investigadores usa técnicas pioneiras para revelar a terrível realidade que os animais enfrentam. Essas informações são usadas para informar os consumidores sobre as práticas abusivas comuns nas fazendas industriais.

**** *org_9 *proj_93 *at_int *seg_659 *loc_SP *ano_2006

Por meio do nosso departamento de relações corporativas, trabalhamos com algumas das maiores empresas do mundo para implementar políticas de proteção animal mais compassivas. Essas políticas ajudam a alcançar avanços significativos no tratamento dado aos animais.

**** *org_9 *proj_94 *at_int *seg_659 *loc_SP *ano_2006

A Animal_Equality trabalha com autoridades públicas e governos estaduais e federais para responsabilizar agressores de animais e para ajudar a trazer avanços para as leis que beneficiam os animais.

**** *org_10 *proj_101 *at_int *seg_154 *loc_00 *ano_2015

Já está disponível no canal do Youtube da Ética_Animal na íntegra o curso em vídeo Uma introdução ao debate sobre a consideração moral dos animais não humanos. O material consiste

de 65 vídeos curtos, que fizeram parte da terceira edição do curso, realizado através de uma parceria entre a *Ética_Animal* e a *Universidade_Federal_de_Santa_Catarina*, e que foi oferecido durante o segundo semestre de 2020.

Cada vídeo aborda uma questão distinta que está presente nas discussões sobre a consideração moral dos animais não_humanos. O curso aborda tópicos clássicos, como o especismo, os argumentos a favor da consideração moral de todos os seres sencientes e o dano da morte para os animais não_humanos, mas também aborda tópicos que começaram a ser mais amplamente discutidos somente nos últimos anos, como as diferenças entre a consideração pelos animais e o ambientalismo, as questões éticas levantadas pela maneira como os animais selvagens são tipicamente afetados pelos processos naturais, e questões relacionadas a como sermos eficientes em melhorarmos a situação dos animais.

Apesar de os vídeos, em conjunto, comporem o curso completo, com o conteúdo de cada vídeo dando sequência ao conteúdo do vídeo ao anterior, quem tiver interesse em algum tópico específico pode acessar cada vídeo separadamente, sem comprometimento do entendimento do conteúdo.

**** *org_11 *proj_111

Atrás de portas fechadas e longe dos olhos do público, as fazendas industriais exploram e matam cerca de 6 bilhões de animais por ano no Brasil. As investigações secretas da *Mercy_For_Animals* nessas fazendas e em abatedouros expõem a realidade brutal dessa indústria cruel e violenta.

**** *org_11 *proj_112 *at_int *seg_1725 *loc_SP *ano_2018

Nosso departamento para Assuntos_Governamentais e Políticas_Públicas se relaciona com o governo para influenciar a implementação de leis, regulamentos e políticas_públicas significativas para a redução do sofrimento dos animais criados para consumo alimentar, e para o aumento do consumo de alimentos de origem vegetal.

**** *org_11 *proj_113 *at_int *seg_1725 *loc_SP *ano_2018

Grandes corporações têm o poder de transformar a vida de bilhões de animais por meio de mudanças em suas políticas. Nosso departamento de Políticas_Corporativas trabalha com grandes e pequenas empresas visando conseguir o comprometimento para banir as práticas que mais causam sofrimento animal em suas cadeias de suprimentos, ao mesmo tempo em que inspira empresas a verem os animais como mais do que máquinas de produção.

**** *org_11 *proj_114 *at_int *seg_1725 *loc_SP *ano_2018

Para criar um mundo melhor para os animais, precisamos de um movimento escalável, sustentável, empoderado e bem equipado. Trabalhamos para capacitar e ampliar o movimento de proteção animal. Inspiramos mais pessoas a se tornarem ativas na luta pelo fim da exploração dos animais e apostamos no desenvolvimento de líderes que espalham nossa missão por toda

parte. Colaboramos com outros movimentos e pesquisamos formas de, coletivamente, nos tornarmos mais efetivos.

**** *org_11 *proj_115 *at_int *seg_1725 *loc_SP *ano_2018

Nosso time de Engajamento_Social trabalha para dar visibilidade à causa animal nas grandes mídias (tradicionais e digitais), conquistando o apoio de celebridades e influenciadores para que deem voz aos animais, e produzindo vídeos decisivos e conteúdos exclusivos em nossas mídias sociais a fim de inspirar o público a apoiar nossa jornada rumo à nossa missão.

**** *org_12 *proj_121 *at_int *seg_979 *loc_SP *ano_1950

O tratamento adequado dos animais de produção é hoje o maior problema enfrentado para o bem_estar dos animais no mundo. E ele vem se agravando. Por volta do ano de 2050, a produção agropecuária será o dobro da registrada em 2000.

Anualmente, mais de 70 bilhões de animais são criados para a produção de alimentos, dois terços deles vivem em condições que lhes impossibilitam se mover livremente ou viver de maneira natural. Promovemos campanhas para melhorar a vida desses animais do nascimento, passando pelo transporte, até o abate. Sabemos que mudanças são possíveis.

Movemos governos e organismos internacionais para que regulem a proteção de animais de maneira mais eficiente;

Participamos de debates que irão modelar o futuro dos métodos de produção agropecuária no mundo;

Formalizamos parcerias com empresas para mudar a maneira como elas lidam com os animais;

Trabalhamos com profissionais do setor para os capacitar em métodos práticos e economicamente viáveis de proteção animal;

Incentivamos as pessoas a optar por alimentos produzidos de acordo com os padrões mais elevados de bem_estar animal.

**** *org_12 *proj_122 *at_int *seg_979 *loc_SP *ano_1950

Trabalhamos em todo o mundo para proteger e salvar animais silvestres e para os manter no lugar a que pertencem: na natureza.

Pelo fim do sofrimento dos animais silvestres.

Desde os mares até os desertos, os animais silvestres são frequentemente ameaçados por maus_tratos e diversos tipos de abuso. Ursos são capturados e forçados a lutar com cachorros. Mamíferos marinhos, como golfinhos e baleias, ficam presos a equipamento de pesca abandonados. Animais silvestres são comercializados como se fossem bichos de estimação exóticos.

No entanto, podemos mudar este quadro de forma permanente e, para isto, movemos governos e comunidades em todo o mundo para darmos proteção aos animais. Assim, ao apoiar as nossas campanhas, você estará nos ajudando a manter os animais silvestres seguros em seu habitat natural.

**** *org_12 *proj_123 *at_int *seg_979 *loc_SP *ano_1950

Só poderemos construir um futuro sustentável se protegemos os animais.

Ao tratar bem os animais, podemos combater a pobreza, reduzir a fome, melhorar a saúde das pessoas, combater as mudanças climáticas e proteger a biodiversidade do nosso planeta. Portanto, estamos trabalhando para garantir que a importância vital da proteção animal seja reconhecida em nível global, e você pode adicionar sua voz para fazer com que a ONU tome uma atitude.

As comunidades pobres são geralmente as mais vulneráveis a desastres. Trabalhamos com governos para preparar, recuperar e reduzir o sofrimento animal para que os animais e as pessoas sejam mais resilientes.

Um bilhão de pessoas que vivem na pobreza depende dos animais, para trabalho, comida, renda, transporte e status social. Esses animais podem desempenhar um grande papel em tirar as pessoas da pobreza. Melhor proteção animal significa animais mais saudáveis. Significa melhores produtos pecuários. Isso significa menos doenças infecciosas para animais e pessoas. E pode significar ecossistemas mais saudáveis e menos gases de efeito estufa também. Todas essas coisas podem ajudar as comunidades a deixar a pobreza para trás, para sempre.

Nosso objetivo é colocar a proteção animal no centro da tomada de decisão global e ajudar os governos a ver como a proteção animal beneficia a economia, o meio ambiente, a produção de alimentos e a estabilidade social. Estamos trabalhando diretamente com a ONU para colocar os animais na agenda global.

**** *org_13 *proj_131 *at_nac *seg_21 *loc_SP *ano_2007

O Certificado Vegano ou Selo Vegano é uma marca similar à patente kosher ou orgânico para produtos não testados em animais e livres de ingredientes de origem animal, sendo cruelty_free, que significa livre de crueldade.

O Certificado Vegano é facilmente identificável no rótulo dos produtos, auxiliando e atraindo o consumidor. Ajuda também as empresas a reconhecerem o crescente mercado vegano e a difundir o estilo de vida vegano.

**** *org_14 *proj_141 *at_nac *seg_21 *loc_REC *ano_2018

Nestas eleições a União Vegana de Ativismo (UVA) atualizou a Declaração de Compromisso com o Veganismo Popular para as candidaturas que disputam os cargos Estaduais e Federais.

São 21 pautas prioritárias divididas em 4 eixos temáticos: Direitos dos animais, Meio ambiente e educação, Agricultura familiar, agroecologia e territórios, e Saúde e nutrição.

A partir da necessidade de promover o veganismo como um movimento social, em defesa da consideração moral de todos os animais, humanos e não humanos, a UVA tem se consolidado e expandido no decorrer dos últimos anos. Contamos hoje com mais de 40 coletivos, em formação e ação, em diversos municípios do Brasil e no exterior.

Nessa ampla rede, com representantes de diferentes regiões do país, a UVA tem como cerne a concepção de que o veganismo deve se articular a outras lutas por justiça social e disseminado de uma forma acessível e popular.

**** *org_15 *proj_151 *at_nac *seg_40 *loc_SP *ano_2009

O Brasil é o segundo maior produtor de peles de chinchila no mundo. Os animais usados pela indústria das peles, passam suas vidas confinados em minúsculas gaiolas em condições deploráveis. Adquirem comportamentos neuróticos como automutilação e canibalismo. Para a extração da pele são eletrocutados, asfixiados, envenenados, gazeados, afogados ou estrangulados. Nem todos morrem imediatamente, alguns são esfolados ainda vivos.

O braço do Move_Institute destinado a criação de campanhas contra o uso de pele animal foi batizado de No_Fur, são desenvolvidas diversas ações de conscientização sobre tema, são exposições, manifestos, ensaios fotográficos, entre outras iniciativas que já nos renderam importantes vitórias neste tema. Lançamos uma petição digital no site Avaaz para reunir assinaturas que serão levadas à Brasília em 2015 para exigir que o comércio de peles seja proibido no Brasil, a petição já conta com quase 60 mil assinaturas.

Participam de nossas iniciativas contra o uso de peles mais de 100 nomes da arte, TV, moda, música, entre eles estão Alexandre_Herchcovith, Maurício_Ianês, Nelson_Leirner, Ziraldo, Vermelho_Steam, Fernanda_Young, Ronaldo_Fraga, entre outros.

**** *org_15 *proj_152 *at_nac *seg_40 *loc_SP *ano_2009

De acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU), o tráfico de animais silvestres é a terceira atividade ilícita mais lucrativa do planeta, perdendo apenas para o tráfico de drogas e para o tráfico de armas.

A Rede Nacional de Combate ao Tráfico de Animais Silvestres (Renctas) estima que o tráfico de animais silvestres movimentam mundialmente cerca de pelo menos 10 bilhões de dólares por ano. O Brasil movimentam aproximadamente 15% desse comércio ilícito, cerca de 1 bilhão e meio de dólares ao ano. Por possuir uma das mais ricas biodiversidades do planeta, nosso país é também um dos mais visados pelos traficantes.

O Move_Institute iniciou em 2012 uma série de ações que visam conscientizar o público sobre a crueldade envolvida na compra e confinamento de pássaros em gaiolas, sob o título Libertè elas incluem instalações artísticas, series fotográficas, distribuição de mais de 20.000 cartilhas

informativas, ações nas ruas, o projeto Food For Birds que distribuiu mais de 1000 sementes de árvores frutíferas para o plantio no perímetro urbano entre outras iniciativas.

**** *org_15 *proj_153 *at_nac *seg_40 *loc_SP *ano_2009

O UNEP (Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente / PNUMA) da ONU emitiu em 2013 um relatório recomendando uma dieta vegana como indispensável para salvar o mundo da fome, pobreza de combustíveis e os piores impactos da mudança climática. A previsão é de que a população mundial chegue a 9.1 bilhões de pessoas em 2050 e o apetite por carne e laticínios é insustentável, diz relatório do UNEP.

O material foi desenvolvido por 50 especialistas de 14 países diferentes que chamam a atenção para o crescimento do consumo de carne e produtos lácteos, principalmente na Ásia e na América Latina. Esse crescimento tem sobrecarregado ainda mais nosso planeta, com demandas enormes de água potável e espaço para criação de animais.

O Move_Institute criou o Cool_Veg que abarca uma série de iniciativas que promovem a culinária sem origem animal. Entre os projetos desenvolvidos pelo Cool_Veg estão o Yes! We Love Vegan Trash Food que é o Food Truck do Move, uma série de receitas colecionáveis de distribuição gratuita criadas por grandes nomes da gastronomia nacional ilustradas por artistas apoiadores e O Prato Move que desafia restaurantes e bares da cidade a incluírem alternativas veganas em seus cardápios são alguns dos projetos voltados ao veganismo.

**** *org_15 *proj_154 *at_nac *seg_40 *loc_SP *ano_2009

Já existem mais de 400 zonas marinhas mortas em todo o planeta. Zonas mortas são aquelas nas quais há excesso de nutrientes e matéria orgânica - e a proliferação de algas atinge níveis elevadíssimos. Elas morrem e bactérias que as consomem multiplicam-se exponencialmente, demandando cada vez mais oxigênio e assim exaurindo as possibilidades de vida animal naquelas águas. No Brasil a poluição atinge praticamente toda a zona costeira, até mesmo ilhas oceânicas brasileiras mais distantes como Trindade (ES) que está a 1.160 km a oeste de nossa costa.

Pesquisadores da UFPE, constataram situação preocupante também em Abrolhos (BA), em Fernando de Noronha (PE) e no Arquipélago de São Pedro e São Paulo (PE).

O Move_Sea é um conjunto de ações voltadas a proteção da vida marinha, entre as ações realizadas está o manifesto contra a matança de baleias e golfinhos pelo governo japonês.

Para 2015 prevemos uma série de ações que tem o objetivo de conscientizar a população com relação ao impacto do descarte inadequado de lixo e sua relação com os mares do mundo.

**** *org_15 *proj_155 *at_nac *seg_40 *loc_SP *ano_2009

A Organização Mundial de Saúde estima que só no Brasil existam mais de 30 milhões de animais abandonados, entre 10 milhões de gatos e 20 milhões de cães.

Em cidades de grande porte, para cada cinco habitantes há um cachorro. Destes 10% estão abandonados.

No interior, em cidades menores, a situação não é muito diferente. Em muitos casos o número chega a 1/4 da população humana, por isso são urgentes campanhas que promovam a adoção e posse responsável de cães e gatos.

Para tal o Move_Institute desenvolve cartilhas educativas, instalações artísticas, cartazes e intervenções urbanas que abordam esse tema, além de estabelecer parcerias com instituições que abrigam e/ou resgatam animais abandonados, o Recanto Bicho Feliz é uma delas.

**** *org_16 *proj_161 *at_nac *seg_144 *loc_SP *ano_1998

Projeto com intuito de fazer com que as pessoas entendam que a mudança na forma como nos alimentamos é necessário para que possamos criar uma nova perspectiva de sobrevivência das espécies.

**** *org_16 *proj_162 *at_nac *seg_144 *loc_SP *ano_1998

Com o programa Educação Ambiental Humanitária em bem_estar Animal (EAHBEA), o Fórum_Animal percorre diversos municípios do Brasil com uma missão: enraizar o respeito à vida animal em gerações presentes e futuras por meio da educação.

Elizabeth_MacGregor, diretora de educação do Fórum_Animal já trabalhou em cerca de 100 municípios de 15 estados brasileiros e capacitou mais de 10 mil docentes, gestores e coordenadores pedagógicos.

Depois de passar pelo treinamento, eles têm potencial para disseminar o conhecimento a milhões de alunos da educação infantil, ensino fundamental e médio. Nosso material didático foi reconhecido pela Coordenação Geral de Educação Ambiental do Ministério da Educação (MEC) e é distribuído gratuitamente aos professores capacitados.

**** *org_17 *proj_171 *at_int *seg_48 *loc_SP *ano_2017

Você conseguiria viver em uma gaiola, sem poder se mover, confinado de forma extrema e entre os restos de algumas pessoas que já morreram? Certamente, você não sobreviveria, mas essa é a realidade de milhões de galinhas na indústria dos ovos no Brasil e na América Latina. Mais de 90% das centenas de milhões de galinhas utilizadas na produção industrial de ovos no Brasil e na América Latina passam suas vidas inteiras confinadas nas chamadas gaiolas em bateria. Nelas, as aves não podem sequer caminhar ou abrir suas asas.

Cada gaiola confina de 5 a 10 animais juntos, e cada galinha tem um espaço menor do que uma folha de papel A4 para viver. Muitas não sobrevivem e as que conseguem viver muitas vezes são forçadas a conviver com os restos das que morreram. Devido a essa enorme crueldade, as gaiolas em bateria convencionais já foram proibidas em toda a União Europeia, Nova Zelândia e diversos estados norte-americanos. O Canadá também já se comprometeu a acabar com esse sistema de confinamento gradualmente.

Na América Latina, a equipe da Sinergia_Animal vem lutando contra esse abuso e demandando que as grandes empresas se comprometam a acabar com essa crueldade em suas cadeias de abastecimento. E estamos vencendo!

Grandes redes de fast food como McDonald's, Subway e Burger_King já anunciaram que vão eliminar o uso de gaiolas em bateria em toda a América Latina.

No setor de maioneses, 10 das mais famosas marcas no Brasil também já têm compromissos para acabar com o uso das cruéis gaiolas em bateria: Unilever (maioneses Hellmann's e Arisco), Bunge (maioneses Soya, Salada e Primor), Cargill (maioneses Maria e Liza), Kraft_Heinz (maioneses Heinz e Quero) e Hemmer.

No setor de padaria industrial, o Grupo Bimbo, dono das marcas Pullmann e Ana_Maria, adotou uma política livre de gaiolas em nível global. Duas das maiores empresas de serviços em alimentação da América Latina, Sodexo e Compass Group, também anunciaram o fim do confinamento de galinhas em gaiolas em suas redes.

**** *org_17 *proj_172 *at_int *seg_48 *loc_SP *ano_2017

Os porcos são um dos animais mais inteligentes do planeta, com habilidades cognitivas similares a dos grandes primatas, golfinhos e elefantes. Esses animais incríveis têm consciência de si mesmos e já foram considerados mais inteligentes do que os cães em estudos científicos. Eles também têm hábitos muito limpos e dividem o espaço onde vivem em áreas de descanso, de comer, de brincar e de fazer suas necessidades. Assim como nós, eles sentem medo, dor e tristeza.

As granjas industriais ignoram totalmente as necessidades desses animais. No Brasil e na América Latina, milhões de porcas reprodutoras, usadas para parir leitões, são confinadas em gaiolas de gestação por praticamente toda a vida. Essas gaiolas têm aproximadamente o mesmo tamanho dos corpos das porcas, e por isso elas não podem sequer andar ou se virar dentro da gaiola. Elas vivem suas vidas inteiras sem poder expressar seus comportamentos naturais, como fuçar, buscar comida, fazer ninhos e pastar. Sem dúvida, essa é uma das piores crueldades da indústria da carne.

Os estudos científicos demonstram que porcas engaioladas são mais propensas a sofrer de frustração e trauma psicológico. Elas também sofrem de problemas físicos como infecções urinárias, ossos enfraquecidos, manqueiras ou até mesmo perda da locomoção devidos a problemas nas pernas e cascos.

Na América Latina, a equipe da Sinergia_Animal vem lutando contra esses abusos e exigindo que grandes empresas se comprometam a acabar com essa crueldade em suas cadeias de fornecimento.

E estamos conseguindo.

Grandes cadeias de fast food como Subway, McDonald's e Burger_King já anunciaram que vão eliminar o uso de gaiolas de gestação em toda a América Latina. No Brasil, os três maiores produtores BRF, JBS e Aurora também já assumiram esse compromisso.

**** *org_18 *proj_181 *at_int *seg_44 *loc_00 *ano_2019

O acesso a alimentos suficientes, nutritivos e saborosos é um direito humano básico. Na Generation_Vegan, dedicamos parte de nosso trabalho para oferecer apoio alimentar solidário distribuindo refeições à base de plantas para diferentes comunidades em todo o mundo, desde pessoas desabrigadas e crianças em idade escolar até aquelas que lutam por direitos trabalhistas. Além disso, criamos ações para compartilhar pratos e lanches veganos com pessoas não veganas, visando difundir informações sobre o veganismo e seu papel na criação de um mundo mais gentil, seguro, saudável e solidário tanto para as pessoas como para os animais.

Iniciamos nossas ações de alimentação solidária quando a pandemia do coronavírus começou. Na época, percebemos que muitas comunidades estavam lutando com a perda súbita de renda e falta de acesso a cuidados básicos de saúde. Entendemos que era um momento para agir dentro das nossas possibilidades em apoio às pessoas mais afetadas pela crise e atuar contribuindo para o veganismo como uma ação solidária.

Nossos gerentes de campanha estão localizados em 10 países (Brasil, México, Argentina, Quênia, Índia, Itália, Espanha, França, Reino Unido e EUA) e fazemos parcerias com ativistas locais de diversas outras partes do mundo. Atuamos em inglês, espanhol, português, hindi, italiano e francês, e nossas equipes trabalham tanto dentro de suas comunidades quanto internacionalmente.

Temos uma política de não mostrar os rostos das pessoas para quem distribuimos alimentos, a menos que tenhamos sua permissão expressa, e nunca compartilhamos imagens de crianças.

**** *org_18 *proj_182 *at_int *seg_44 *loc_00 *ano_2019

Nossas campanhas de 1 milhão de dólares têm como foco líderes e personalidades mundiais, pedindo para que ajam em prol das pessoas, do planeta e dos animais. Essas campanhas também geram manchetes em todo o mundo e inspiram inúmeras pessoas a adotarem mudanças positivas.

Em 2019, com o apoio de Paul_McCartney e muitas outras celebridades, cientistas e ambientalistas, oferecemos ao Papa_Francisco US\$ 1 milhão em doação a uma instituição de caridade que ele escolhesse se ele experimentasse uma alimentação 100% vegetal na Quaresma. A campanha foi lançada em 15 países e ganhou as manchetes globais.

Em nossa segunda campanha, desafiamos o presidente dos Estados Unidos experimentar uma alimentação 100% vegetal por um mês em troca de US\$ 1 milhão para uma instituição de apoio aos veteranos do exército estadunidense que ele escolhesse.

**** *org_19 *proj_191 *at_nac *seg_117 *loc_SP *ano_1993

Lançado em 2004, o Programa Veterinário Solidário da ARCA_Brasil é parte integrante da Campanha Nacional pela Posse Responsável. Seu objetivo é fornecer subsídios aos profissionais que demonstram sensibilidade e interesse por uma medicina que ajude a reduzir o abandono e o sofrimento animal em todas as suas formas. O médico veterinário é o elemento fundamental para a conscientização da sociedade.

O Veterinário Solidário oferece, como um profissional e cidadão consciente, seus conhecimentos e serviços, sempre dentro de suas possibilidades pessoais e operacionais. Isso não significa realizar descontos em serviços ou procedimentos cirúrgicos, e sim ter uma atitude positiva para com a situação de carência apresentada. A intenção é que cada um contribua com o que tem em mãos.

**** *org_19 *proj_192 *at_nac *seg_117 *loc_SP *ano_1993

A ARCA_Brasil criou o Selo Empresa Amiga dos Animais para identificar as empresas sensíveis e maduras em oferecer contrapartidas à sociedade. Com este selo, sua empresa conquista um diferencial valioso, além de ganhar a simpatia e a fidelidade de clientes e prospects, que cada vez mais prestigiam produtos e serviços engajados em boas causas.

Após assinar um Termo de Compromisso, a empresa é autorizada a veicular ou estampar o selo em embalagens, materiais promocionais, sites etc., em troca de uma contribuição mensal. Os recursos obtidos ajudam a manter e incrementar os projetos da entidade.

**** *org_19 *proj_193 *at_nac *seg_117 *loc_SP *ano_1993

Na medida em que a humanidade progride, também deve progredir a forma como nos relacionamos com as outras espécies. Assim, se no passado a relação homem animal era exclusivamente utilitária (cães deviam guardar a propriedade, enquanto os gatos mantinham os roedores distantes dos celeiros), hoje temos conhecimento suficiente para compreender que o convívio com um bicho de estimação é sobretudo um privilégio, como muitas pesquisas demonstram, a presença de um pet nos ajuda a ser mais felizes, a ter imunidade melhor e até a viver mais tempo.

Mas, para que essa relação seja harmoniosa para ambas as partes, algumas responsabilidades se impõem. E é para discutir, promover e divulgar essas responsabilidades que a ARCA_Brasil foi criada em 1993.

Desde então, a ARCA_Brasil se dedica a projetos pioneiros de controle populacional e conscientização, à realização de Congressos e outros eventos e a uma série de ações que têm como objetivo fomentar a guarda responsável dos animais domésticos, além de trabalhos diversos nos campos da defesa dos animais silvestres e daqueles que são explorados pelas indústrias alimentícia, farmacêutica e de entretenimento.

Ainda no campo da defesa dos pets, a ARCA_Brasil inovou ao elaborar os 10 Mandamentos da Posse Responsável, material que baliza os bons procedimentos na guarda de animais de estimação e representa um marco importante na história da proteção animal no Brasil.